



CERCADA POR
CORRENTES INVISÍVEIS

O reflexo não é a luz.
A história de uma escola de filosofia a
maneira clássica

Allistair Morrow

Cercada por correntes invisíveis

**O reflexo não é a luz.
A história de uma escola de filosofia à maneira
clássica.**

Allistair Morrow

2024

Prefácio

Quando decidi contar a história de Alice Moreau e Tomaz Ferraz, eu sabia que ela seria mais do que apenas uma narrativa sobre uma escola de filosofia. Este livro, “Cercada por Correntes Invisíveis”, é uma reflexão sobre as formas sutis de controle que podem aprisionar nossas mentes, mesmo quando acreditamos estar em busca de algo maior — algo que nos liberte.

Ao longo das páginas, você verá como a promessa de crescimento pessoal e de despertar espiritual pode se transformar em uma rede complexa de manipulação, onde a liberdade é apenas uma ilusão. Alice e Tomaz não são apenas personagens; eles representam as muitas pessoas que, em algum momento, foram atraídas por ideais que se mostraram prisões disfarçadas de sabedoria.

Este livro mergulha nas dinâmicas de poder e controle emocional que atuam em organizações como a escola de filosofia à maneira clássica, onde a individualidade é sacrificada em nome de um propósito maior. Mas, mais do que isso, “Cercada por Correntes Invisíveis” é uma história de superação. É sobre a busca pela verdade, mesmo quando todas as vozes ao seu redor tentam silenciá-la. É sobre o ato de libertar-se, não apenas fisicamente, mas mentalmente e emocionalmente.

Que este livro sirva de alerta, mas também de inspiração para aqueles que, assim como Alice e Tomaz, enfrentam os desafios de reencontrar a própria liberdade. Que ele nos lembre de que, muitas vezes, as correntes mais fortes não são as visíveis, mas as que cercam nossa mente e coração.

Alistair Morrow

Agradecimentos

Nenhuma jornada é feita sozinha, e a criação deste livro, “Cercada por Correntes Invisíveis”, não seria possível sem o apoio e a inspiração de várias pessoas ao longo do caminho.

Primeiramente, agradeço às histórias reais que me serviram de base para construir essa narrativa. Embora este seja um trabalho de ficção, ele foi inspirado em relatos de coragem, superação e resistência de pessoas que enfrentaram sistemas de controle invisíveis. Suas histórias me ajudaram a dar forma aos personagens e à complexa trama emocional que atravessa este livro.

Aos leitores que mergulharam de cabeça nessa jornada, meu mais sincero agradecimento. Vocês são a razão pela qual essa história encontrou sua voz. Suas reflexões, críticas e palavras de incentivo foram fundamentais para que este livro tomasse a forma que tem hoje.

Um agradecimento especial aos amigos e familiares que me apoiaram durante o processo de escrita. Vocês me deram o espaço, o tempo e a confiança para transformar essas ideias em algo concreto. Sua paciência, encorajamento e amor me guiaram nos momentos mais difíceis.

Por fim, agradeço a Alice Moreau e Tomaz Ferraz, cujas vozes e histórias me acompanharam durante todo o processo. Embora fictícios, eles representam tantas pessoas que, em algum momento, lutaram para se libertar de suas próprias correntes invisíveis.

Este livro é dedicado a todos que, em busca de liberdade, encontram a força para se reinventar.

Alistair Morrow

Categorização

Título: Cercada por Correntes Invisíveis

Subtítulo: O reflexo não é a luz. A história de uma escola de filosofia à maneira clássica

Autor: Alistair Morrow

ISBN: 978-85-1234-567-8

Editora: Horizonte Editorial

Data de Publicação: Outubro de 2024

Gênero:

- Ficção
- Thriller Psicológico
- Drama
- Filosofia Ficcional

Número de páginas: 320

Sumário temático:

O livro explora os mecanismos sutis e poderosos de manipulação emocional e psicológica em uma organização que se apresenta como uma escola de filosofia. A narrativa segue Alice Moreau e Tomaz Ferraz em sua jornada de descoberta pessoal e fuga de um sistema opressivo que, em nome de um Ideal, destrói a individualidade. É uma história sobre recuperação da liberdade, do amor próprio e do direito de pensar por si mesmo.

Prólogo

As luzes da cidade se apagavam lentamente enquanto Alice Moreau caminhava pelas ruas desertas. O som dos seus passos reverberava nas paredes dos prédios antigos, o eco se perdendo nas sombras. A Escola de Filosofia à Maneira Clássica se erguia à sua frente, imponente, misteriosa, com suas paredes de pedra desgastadas que pareciam carregar segredos de séculos.

Alice havia sido atraída por promessas de conhecimento, sabedoria e transformação pessoal. “Aqui”, diziam os mestres, “você encontrará o verdadeiro sentido da vida, o propósito superior que poucos conseguem alcançar”. Ela acreditara, de início. Afinal, estava em busca de algo que desse sentido à sua existência, algo que fosse além da rotina mundana e das respostas fáceis.

Agora, porém, enquanto se aproximava da entrada da escola, sentia o peso de uma dúvida crescente. Já fazia meses desde que iniciara os estudos. O entusiasmo inicial dera lugar a uma inquietação silenciosa. Os mestres, antes carismáticos e acolhedores, agora pareciam figuras distantes, quase inatingíveis. Victor D’Avila, o principal mestre, tinha um olhar que parecia enxergar através das pessoas, despindo-as de qualquer máscara, mas que também carregava algo mais sombrio, algo que Alice não conseguia nomear.

Nos primeiros meses, tudo parecia perfeito. Alice participava de aulas fascinantes, onde se discutiam os grandes filósofos, suas ideias sobre o universo, a alma, e o propósito da vida. Ela sentia que estava finalmente encontrando seu caminho. Mas, lentamente, os sussurros começaram. Colegas de estudo como Tomaz Ferraz e Sabrina Rocha, com quem Alice compartilhava dúvidas e reflexões, também notaram algo estranho. Pequenos sinais, quase imperceptíveis. As aulas, que antes eram abertas ao debate, agora tinham um tom diferente. A ênfase era cada vez mais colocada na obediência, no abandono da individualidade em prol de um “ideal maior”.

Alice parou por um momento, olhando para a grande porta de madeira à sua frente. Sabia que, uma vez lá dentro, não haveria mais volta. Era como se a própria escola tivesse o poder de moldar a mente de quem atravessasse seus portões. “Para alcançar a verdade, você deve se despir de tudo o que acha que é”, dissera Victor numa das primeiras aulas.

Ela se lembrou da primeira vez que ouvira essa frase. Naquele momento, as palavras pareceram profundas, reveladoras. Agora, porém, soavam como um aviso. O que, exatamente, eles queriam que ela abandonasse?

Alice respirou fundo, os dedos trêmulos na maçaneta fria da porta. Olhou uma última vez para trás, para a rua vazia. Havia uma parte dela que queria fugir, que sabia que algo estava errado. Mas outra parte, mais forte, a empurrava para frente. Ela precisava de respostas. Precisava saber até onde aquilo tudo iria.

Com um último suspiro, Alice abriu a porta e entrou na escola.

O corredor estava mergulhado em uma penumbra reconfortante, iluminado apenas por lâmpadas fracas que lançavam sombras vacilantes nas paredes de pedra. O som de seus

passos ecoava, ressoando de maneira solitária. O silêncio ali dentro era absoluto, pesado, como se a escola respirasse de forma contida, quase esperando algo.

Alice Moreau seguiu em frente, seus olhos percorrendo as paredes adornadas com bustos de antigos filósofos. Aqueles rostos imóveis, esculpidos em mármore, pareciam observá-la de volta, julgando sua presença ali. Ao longo dos meses, aquela sensação de ser vigiada se tornara constante. Não apenas pelos mestres, mas pelo próprio ambiente da escola. Ela sempre sentira que algo a observava, a avaliava.

Os alunos que encontrava nos corredores, membros mais antigos como Paulo Almeida e Helena Vasconcellos, caminhavam em silêncio, cumprindo suas tarefas sem questionar. Sorrisos vazios eram trocados, uma cortesia superficial que escondia algo mais profundo. Todos ali pareciam presos a uma rotina automática, como se tivessem entregado suas vontades a um ideal maior. E essa submissão não era apenas aceita, mas celebrada.

Alice se lembrou de uma conversa recente com Tomaz Ferraz. Eles haviam discutido sobre como os mestres evitavam perguntas que desafiavam as regras da escola. “Se você questionar demais, Alice”, ele dissera em tom grave, “eles vão te observar mais de perto. E então, vai perceber que estar aqui não é mais uma escolha.”

Ela estava começando a entender o que ele quis dizer.

A cada passo, a opressão invisível aumentava. O ar parecia mais denso, mais difícil de respirar. Alice sabia que muitos vinham para a escola em busca de um sentido maior, de uma verdade que o mundo exterior não oferecia. Mas agora ela se perguntava a que custo.

Alice continuou a caminhar pelo corredor, seus pensamentos se agitando. A escola de filosofia prometia algo grandioso, uma transformação completa do ser, uma elevação da alma para além das preocupações terrenas. Mas a que preço? Ela lembrava-se das primeiras semanas, quando as lições eram fascinantes, desafiadoras. Cada mestre falava com eloquência sobre o sacrifício necessário para atingir o verdadeiro conhecimento. Alice, como os outros, acreditara plenamente. Victor D’Avila, com sua presença imponente e palavras persuasivas, havia conquistado sua admiração e confiança desde o início.

Mas, com o passar do tempo, as nuances começaram a se revelar. Havia algo estranho na forma como os alunos mais antigos, aqueles que faziam parte das chamadas “Forças Vivas”, falavam e agiam. Sabrina Rocha, que sempre fora cheia de vida, agora se movia com uma frieza calculada, seus olhos vidrados, como se estivesse distante de si mesma. Havia uma obediência quase robótica em suas atitudes. Alice percebia que aqueles que atingiam os níveis mais altos da escola não apenas seguiam as regras – eles eram as regras. Tornavam-se parte da máquina.

Ela ouviu passos suaves atrás de si e se virou, apenas para ver um grupo de estudantes em fila, seguindo um mestre com a mesma postura rígida e distante. Nenhum deles a olhou nos olhos ao passar, mas Alice sentiu como se estivesse sendo estudada. Aquela sensação incômoda a perseguiu até chegar à sala de aula.

Ao entrar, o ambiente ali não era diferente do resto da escola. As paredes eram cobertas por estantes repletas de livros antigos, e o silêncio era quase palpável. Sentou-se em seu lugar habitual, no fundo da sala, e observou os outros alunos chegarem lentamente. Paulo Almeida, sentado na primeira fileira, mantinha os olhos fixos no quadro à frente, suas mãos repousando com rigidez no colo, como se estivesse à espera de algo inevitável.

Victor entrou pouco depois, sem pressa, seus passos ecoando pelo chão de mármore. A sala inteira pareceu encolher com sua presença, e os sussurros cessaram instantaneamente. Ele olhou ao redor, seu olhar firme e analítico pousando em cada um dos rostos. Alice sentiu seu coração acelerar quando os olhos de Victor se encontraram com os dela por um breve momento. Era como se ele pudesse ver cada pensamento que passava por sua mente, cada dúvida que ela tentava esconder.

— Hoje — começou ele, sua voz firme e controlada — falaremos sobre o sacrifício necessário para transcender a existência mundana. O que estamos dispostos a abandonar para alcançar a verdade?

Alice engoliu em seco. Aquela palavra novamente: sacrifício. Ela já não sabia o que Victor realmente queria dizer com aquilo. Nos primeiros dias, parecia simples: abandonar preconceitos, superar o ego. Mas, agora, parecia algo muito mais profundo, mais sombrio.

Victor continuou, sua voz ecoando pela sala enquanto os alunos ouviam em silêncio reverente.

— A verdade não é algo que possa ser alcançado sem esforço. Não pode ser compreendida por aqueles que se apegam às suas individualidades, às suas fraquezas. Aqui, não estamos em busca de meras respostas — disse ele, seus olhos faiscando. — Estamos em busca de uma transformação completa.

Alice sentiu um arrepio percorrer sua espinha. Transformação. Sacrifício. As palavras pairavam no ar como uma promessa velada. O que mais eles esperavam dela? Ela olhou para os outros alunos ao seu redor. Nenhum deles parecia desconfortável, nenhum mostrava qualquer sinal de dúvida. Mas Alice sentia que algo dentro dela se recusava a aceitar completamente aquilo.

Os pensamentos a atormentavam, mas ela sabia que não podia demonstrar. Alice sabia que perguntar demais poderia atrair a atenção indesejada dos mestres. E esse tipo de atenção, como Tomaz a advertira, não era o tipo de coisa que alguém desejava ali dentro.

A aula continuou, e Victor falou longamente sobre a importância do ideal, sobre como a verdade absoluta era mais importante do que qualquer individualidade. Ele dissera que, para se alcançar a iluminação, seria preciso entregar não apenas o corpo ao estudo, mas também a mente e a alma. A cada palavra que ele pronunciava, Alice sentia o peso do controle ao seu redor aumentar. Era como se tudo estivesse sendo cuidadosamente orquestrado para impedir que qualquer um escapasse daquela influência invisível, mas poderosa.

Quando Victor finalmente encerrou a aula, houve um momento de silêncio absoluto na sala. Todos aguardavam sua saída, como se sua presença ainda os segurasse ali, como se suas palavras tivessem enraizado algo profundo dentro deles. Apenas quando ele cruzou a porta, os alunos começaram a se mover lentamente, como se despertassem de um transe.

Alice se levantou, ainda sentindo o peso da aula. O corredor agora parecia mais escuro, mais apertado. Ela caminhou em direção à saída, tentando organizar os pensamentos que corriam em sua mente. Precisava conversar com Tomaz, precisava entender o que ele sabia, o que mais ele havia descoberto. O aviso dele agora fazia mais sentido do que nunca.

Ao atravessar a porta de saída, o ar fresco da noite a envolveu, mas não aliviou a pressão em seu peito. Alice olhou para o céu nublado e se perguntou quanto tempo mais poderia suportar aquilo.

Capítulo 1: A Primeira Aula

Alice Moreau estava nervosa. Naquele dia, ela faria parte da sua primeira aula na Escola de Filosofia à Maneira Clássica. O edifício imponente parecia ainda maior sob o céu cinzento da manhã. As paredes de pedra, cobertas de musgo, davam a impressão de guardar segredos antigos, e os vitrais nas janelas lançavam sombras coloridas no chão de pedra, como se até a luz do sol hesitasse em entrar ali.

Ela entrou no salão principal, onde um grupo de alunos já se reunia em silêncio. Sentiu-se pequena no meio deles. As cadeiras de madeira rangiam quando os estudantes se acomodavam, e o som das páginas de livros sendo folheadas era a única trilha sonora. Alice observou aqueles à sua volta: rostos concentrados, atentos, como se estivessem à espera de algo grandioso.

Victor D'Avila, o mestre principal, entrou sem fazer barulho. Vestindo um terno impecável, ele parecia carregar uma autoridade natural. Seus olhos escuros passearam pela sala, pousando por um instante em cada rosto, até finalmente pararem em Alice. Ela tentou sustentar o olhar, mas logo desviou, sentindo um estranho frio subir por sua espinha. Havia algo em Victor que a deixava desconfortável, como se ele enxergasse mais do que deveria.

— Bem-vindos à Escola de Filosofia à Maneira Clássica, onde buscamos a verdade absoluta — disse ele, a voz grave ecoando pela sala. — Vocês estão aqui porque escolheram caminhar para além das limitações do mundo comum. Aqui, aprenderão que o conhecimento verdadeiro exige entrega, exige sacrifício. E apenas aqueles dispostos a dar tudo de si poderão realmente alcançar o que buscamos.

Alice olhou ao redor, notando que todos os outros pareciam absorver aquelas palavras como se fossem sagradas. Paulo Almeida, um dos alunos mais antigos, assentiu lentamente com a cabeça, seus olhos fixos em Victor. Ao lado dele, Helena Vasconcellos permanecia impassível, a postura rígida, como se estivesse pronta para seguir qualquer comando que o mestre desse.

Victor começou a caminhar pela sala, seus passos ecoando no chão de pedra.

— O mundo lá fora vive de ilusões — continuou ele, seus olhos penetrantes se movendo de aluno em aluno. — Ilusões de individualidade, ilusões de liberdade. Aqui, ensinamos que a verdadeira liberdade vem da união com o ideal. Somente quando vocês se desprenderem de seus desejos egoístas poderão realmente entender o que significa ser livre.

Alice sentiu um aperto no peito. As palavras “desprender-se dos desejos” ecoaram em sua mente. Ela se perguntou o que exatamente isso significava. Nos últimos dias, ela começara a perceber que muitos dos ensinamentos da escola pareciam exigir algo mais profundo, mais pessoal do que simples estudo. Havia algo sobre abandonar a própria vontade, algo que a deixava inquieta, mas que ela ainda não conseguia compreender completamente.

Victor parou diante de Sabrina Rocha, que estava sentada na primeira fila, os olhos fixos no chão. Ele a observou por um momento antes de continuar.

— Na busca pelo ideal, vocês enfrentarão desafios. Haverá momentos em que suas mentes irão se rebelar, em que seus corpos irão resistir. Mas lembrem-se: a verdade não é para os fracos. Aqueles que se apegam à individualidade jamais conhecerão o verdadeiro poder.

Alice sentiu sua respiração acelerar. Tudo parecia apontar para um tipo de controle, uma entrega total que ia além do simples aprendizado. Ela havia buscado a escola por sua sede de conhecimento, mas agora começava a se perguntar o que mais essa busca poderia exigir dela.

Victor voltou-se para a turma como um todo.

— Vocês aprenderão a transcender os limites do corpo e da mente. Mas isso exigirá de vocês mais do que apenas estudo. Exigirá dedicação, esforço e, acima de tudo, obediência. Aqui, somos mais do que indivíduos. Somos uma força maior, uma unidade em busca de um ideal maior. Vocês estão prontos para esse compromisso?

O silêncio na sala era absoluto. Ninguém ousava responder. Alice sentiu o peso das palavras de Victor se assentarem sobre seus ombros como uma carga invisível, mas palpável. O que ele realmente queria dizer com “transcender”? Ela olhou para os rostos ao seu redor e viu expressões sérias, mas sem sinais de dúvida. Tomaz Ferraz, sentado na última fila, parecia estar refletindo profundamente, o olhar fixo na mesa à sua frente.

Sem esperar por respostas, Victor continuou.

— Nossa jornada não é uma linha reta. Ela é cheia de curvas e obstáculos. A filosofia que ensinamos aqui vai além do pensamento racional. É uma filosofia de vida, uma transformação completa. E para isso, será necessário que vocês abram mão do que pensam ser para se tornarem o que devem ser.

Alice se mexeu na cadeira. Sentia que havia algo mais, algo que Victor ainda não havia revelado.

Victor continuou a caminhar lentamente pela sala, a tensão crescendo no ar a cada passo que ele dava. Seu olhar passava de um aluno a outro, mas sempre voltava para Alice Moreau, como se ele soubesse que ela estava lutando contra os próprios pensamentos. Ela tentou se concentrar nas palavras do mestre, mas sentia uma pressão crescente dentro de si, como se estivesse à beira de algo desconhecido, algo que não sabia se queria descobrir.

— Esta escola não é um refúgio para os fracos de espírito — disse Victor, parando subitamente diante de Paulo Almeida. — Aqui, vocês serão testados de formas que ainda não podem imaginar. Aqueles que não estão prontos, que hesitam, são levados de volta ao mundo lá fora, ao mundo dos ignorantes, onde a mediocridade reina. — Ele fez uma pausa, seus olhos penetrando os de Paulo, que permaneceu imóvel, com uma expressão rígida e séria. — Aqueles que estão prontos... evoluem.

Alice sentiu o estômago revirar. “Evoluir” era uma palavra que Victor e os outros mestres usavam com frequência. No começo, parecia uma ideia inspiradora, uma promessa de crescimento pessoal e espiritual. Mas agora, o contexto em que Victor a usava parecia

diferente, carregado de algo mais sombrio, mais profundo. O que significava, de fato, essa evolução?

Ela se lembrou de uma conversa que tivera com Tomaz Ferraz na semana anterior. Ele, um dos poucos que ainda se permitia questionar as coisas, havia expressado suas preocupações em voz baixa, para não ser ouvido pelos outros.

— Eles falam muito sobre evolução, Alice — dissera Tomaz, com um tom preocupado. — Mas a evolução aqui não é o que pensamos. Não é apenas sobre aprendizado. É sobre controle, sobre mudar quem você é até que você já não se reconheça mais.

Naquele momento, Alice descartara as palavras de Tomaz como exagero. Mas agora, vendo Victor diante dela, ouvindo suas palavras, algo começou a fazer sentido. Talvez Tomaz estivesse certo. Talvez essa evolução exigisse algo que ela não estava disposta a dar.

Victor voltou a falar, interrompendo seus pensamentos.

— Para aqueles que estão verdadeiramente comprometidos, existe um caminho especial. Um caminho reservado apenas aos mais dedicados, aos que já provaram sua lealdade e vontade de sacrificar suas antigas crenças. — Ele fez uma pausa, como se deixasse o peso daquelas palavras afundar em cada mente presente na sala. — Esse caminho é a nossa força viva. É por meio dessa dedicação total que nos tornamos não apenas estudiosos da filosofia, mas parte do ideal em si.

Alice percebeu um leve murmúrio ao seu redor. Os alunos mais antigos, como Sabrina Rocha e Helena Vasconcellos, pareciam entender o que Victor queria dizer. Ela notou uma certa tensão em seus rostos, como se já soubessem o que viria a seguir. Paulo Almeida, sempre impassível, manteve a postura rígida, como se fosse feito de pedra.

Victor continuou.

— As Forças Vivas são o coração da escola, o núcleo onde os verdadeiros seguidores do ideal são moldados. Para ingressar neste círculo, vocês terão que abrir mão de tudo o que acreditam ser verdade. Terão que se entregar completamente à filosofia que ensinamos aqui, abandonando as limitações do pensamento comum e, acima de tudo, as noções falsas de individualidade. — Seus olhos faiscavam com uma intensidade que fez Alice desviar o olhar.

Ela já havia ouvido falar das Forças Vivas, mas nunca soubera exatamente o que era exigido para ingressar nesse grupo. Os alunos que faziam parte dele eram sempre os mais reservados, os mais comprometidos com a escola, e raramente falavam sobre suas atividades. Havia um ar de mistério em torno deles, e, agora, Alice começava a entender por quê. Eles haviam passado por algo que os mudara profundamente.

— Mas saibam disto: o que oferecemos aqui não é para todos. Muitos não conseguem suportar o peso da verdade que revelamos — disse Victor, com um tom de advertência em sua voz. — Alguns preferem viver nas sombras, agarrados a seus egos frágeis e suas

ilusões. Aqueles que falham, caem de volta à escuridão, incapazes de carregar o fardo da iluminação.

As palavras ressoaram na mente de Alice. A ideia de falhar, de ser considerada incapaz, a aterrorizava. Mas, ao mesmo tempo, a perspectiva de abrir mão de si mesma, de se transformar completamente, era igualmente assustadora. Ela começou a se perguntar se realmente estava disposta a seguir esse caminho. Quão longe ela iria para alcançar a verdade que Victor prometia?

Victor parou no centro da sala, os braços cruzados atrás das costas. O silêncio que se seguiu foi tão pesado que Alice mal conseguia respirar.

— Para alguns de vocês, o convite para as Forças Vivas será feito em breve — disse ele, finalmente. — Quando isso acontecer, lembrem-se: a escolha que farão determinará não apenas o futuro de suas vidas aqui, mas também quem vocês serão para o resto de suas existências. Aqueles que se comprometerem verdadeiramente conosco alcançarão o que pouquíssimos no mundo são capazes de entender. Mas a escolha é sua. E saibam... — ele olhou para cada um deles, demorando-se um pouco mais sobre Alice — ...não há retorno depois dessa decisão.

Alice sentiu o peso dessas palavras se assentar sobre ela. Victor não estava falando de uma simples escolha acadêmica. Era algo mais profundo, mais definitivo. E ela sabia que, quando chegasse sua vez de escolher, não seria uma decisão tomada apenas com a mente. Seria uma entrega total de quem ela era.

A aula terminou em silêncio. Ninguém se mexeu por um longo momento, até que Victor deixou a sala. Os alunos começaram a se levantar, lentamente, quase relutantes em sair. Alice seguiu o fluxo de pessoas, mas seus pensamentos estavam presos às palavras de Victor. Ela sabia que algo estava por vir, algo que mudaria tudo. E, pela primeira vez, ela não sabia se estava preparada para isso.

Alice Moreau caminhava pelo corredor em direção à saída da sala de aula, mas sua mente estava longe, revivendo as palavras de Victor D'Avila. O silêncio ao redor só aumentava a intensidade dos pensamentos que a atormentavam. "Sacrifício", "entrega", "Forças Vivas". Cada uma dessas palavras parecia mais pesada do que a anterior, como se carregassem significados ocultos, algo que ela ainda não podia compreender totalmente, mas que começava a temer.

Os alunos ao seu redor mantinham expressões neutras, quase inexpressivas. Não havia qualquer sinal de dúvida em seus rostos. Para eles, seguir o ideal da Escola de Filosofia à Maneira Clássica era um destino inevitável, uma verdade inquestionável. Alice observou enquanto Paulo Almeida caminhava rigidamente à frente, sempre o exemplo de lealdade e disciplina. Ele era um dos favoritos de Victor, sempre firme em seus princípios e pronto para seguir qualquer instrução, sem hesitação. Alice admirava sua força de vontade, mas também temia a completa submissão que ele representava.

Helena Vasconcellos caminhava ao lado dele, com a mesma expressão impassível. Ela havia sido uma das primeiras alunas a ingressar nas Forças Vivas, e todos sabiam disso.

Havia algo na postura dela, na maneira como movia o corpo com precisão, que revelava a transformação pela qual havia passado. Era uma figura respeitada entre os alunos mais novos, uma espécie de símbolo do que significava “evoluir” dentro da escola.

Alice, porém, não conseguia evitar as dúvidas que se acumulavam em sua mente. O que significava, de fato, essa evolução de que tanto falavam? Como era possível que tantos alunos estivessem tão dispostos a abandonar suas individualidades, suas personalidades, em nome de um ideal que, para Alice, ainda parecia vago e distante?

Ela se lembrava dos primeiros dias na escola, quando tudo parecia fazer sentido. Cada aula trazia uma nova revelação, um novo entendimento sobre o mundo e sobre si mesma. Ela sentia que estava crescendo, que estava finalmente no caminho para algo maior. Mas, à medida que avançava nos estudos, a atmosfera ao redor dela mudava. O foco da escola deixava de ser sobre o aprendizado e passava a ser sobre obediência. A ênfase na entrega total ao ideal se tornava cada vez mais presente, e o que antes era uma busca por conhecimento agora parecia uma preparação para algo muito mais sério.

Tomaz Ferraz estava esperando por ela no final do corredor. Ele a saudou com um aceno discreto, mas Alice pôde ver a preocupação em seus olhos. Tomaz sempre fora mais crítico, mais cético em relação ao que a escola pregava. Ele também tinha começado cheio de entusiasmo, mas, como Alice, começava a notar as contradições, os pequenos detalhes que escapavam aos olhos dos outros.

— O que você achou? — perguntou ele, baixando a voz para que ninguém mais os ouvisse.

Alice hesitou antes de responder. Não queria parecer que estava questionando abertamente as palavras de Victor, mas também não podia esconder o desconforto que sentia.

— Não sei, Tomaz... — começou ela, olhando ao redor para garantir que ninguém estivesse prestando atenção. — Algo está mudando. No início, eu achava que essa coisa de “sacrifício” era apenas uma metáfora, algo relacionado ao crescimento pessoal. Mas agora... sinto que eles querem mais do que apenas o nosso esforço. Parece que estão pedindo que deixemos de ser quem somos.

Tomaz assentiu, parecendo aliviado ao ouvir que ela compartilhava de suas dúvidas.

— Eu venho pensando nisso há algum tempo. — Ele lançou um olhar rápido para o final do corredor, onde um grupo de alunos mais antigos conversava em voz baixa. — Quando falam sobre “Forças Vivas”, não é apenas sobre estudo ou dedicação. É sobre controle. Eles querem moldar a gente, transformar nossa maneira de pensar até que sejamos exatamente o que eles querem que sejamos. Não acho que seja coincidência que todos os que ingressam nesse grupo parem de questionar qualquer coisa.

Alice se lembrou de Sabrina Rocha, que antes era uma das suas colegas mais próximas. Sabrina sempre fora viva e curiosa, sempre questionando as coisas, buscando respostas mais profundas. Mas, desde que ela havia entrado para as Forças Vivas, algo mudara. Sabrina não era mais a mesma. Agora, parecia apenas uma sombra de si mesma, repetindo

as palavras dos mestres sem qualquer sinal de dúvida ou reflexão. Aquela mudança assustava Alice.

— Mas por que eles fariam isso? — perguntou Alice, tentando encontrar sentido no que estava acontecendo. — Quero dizer, qual seria o propósito de nos moldar dessa forma?

Tomaz suspirou, passando a mão pelos cabelos.

— Essa é a parte que eu ainda não entendi completamente. Mas o que eu sei é que eles estão criando algo aqui, algo maior do que apenas uma escola. Eles falam sobre a filosofia como se fosse uma missão, algo que deve ser seguido a qualquer custo. E acho que esse “custo” é maior do que a gente imagina.

Os dois caminharam em silêncio pelo pátio, onde o vento soprava levemente, balançando as folhas das árvores. O céu nublado parecia combinar com o clima pesado que agora pairava sobre Alice. Quanto mais ela pensava nas palavras de Tomaz, mais fazia sentido. A escola, que antes parecia um lugar de aprendizado, começava a se revelar como algo mais perigoso, algo que estava além de sua compreensão imediata.

Eles pararam perto de uma das fontes de pedra, onde a água fluía de forma constante, oferecendo um raro som de tranquilidade naquele ambiente tenso. Alice olhou para o reflexo da água e tentou visualizar um futuro ali dentro, mas tudo que via era escuridão e incerteza.

— Você já ouviu falar sobre o que acontece depois que alguém se torna parte das Forças Vivas? — perguntou Tomaz, interrompendo seus pensamentos.

Alice balançou a cabeça.

— Só o que eu vi em Sabrina e nos outros que entraram. Eles mudam. Não sei exatamente como, mas algo neles morre, como se eles perdessem qualquer traço de quem eram antes. É como se deixassem de ser eles mesmos para se tornarem... outra coisa.

Tomaz a olhou com seriedade.

— Acho que esse é o verdadeiro sacrifício de que Victor fala. Não é apenas sobre esforço ou dedicação. É sobre abandonar completamente quem você é, entregar sua mente, seu corpo e sua alma a algo que você mal entende.

Alice sentiu um calafrio percorrer sua espinha. As palavras de Tomaz faziam eco com suas próprias inquietações. Ela sabia que estava se aproximando de um ponto sem retorno. Se continuasse, se seguisse as ordens de Victor e dos mestres, poderia perder muito mais do que imaginava.

— Então, o que a gente faz agora? — ela perguntou, sua voz carregada de incerteza.

Tomaz olhou ao redor, certificando-se de que estavam sozinhos.

— Ainda não sei. Mas o que quer que façamos, precisamos ser cuidadosos. Eles estão observando todos nós. E não vão tolerar qualquer tipo de questionamento por muito tempo.

Alice assentiu, sentindo o peso das palavras de Tomaz. A escola, que antes parecia um refúgio, agora se tornava uma prisão invisível, um lugar onde a liberdade era uma ilusão cuidadosamente mantida. E, enquanto caminhavam de volta para os dormitórios, ela se perguntava quanto tempo mais poderia manter suas dúvidas em segredo.

Alice Moreau e Tomaz Ferraz caminharam em silêncio de volta ao edifício principal da Escola de Filosofia à Maneira Clássica. O pátio agora parecia ainda mais sombrio do que antes, como se a própria arquitetura estivesse conspirando para aprisionar suas mentes. Os corredores de pedra ecoavam seus passos, e o som se propagava de forma inquietante, como se fosse absorvido pelas paredes, carregando consigo suas dúvidas e receios.

Ao se aproximarem do grande salão de estudos, Alice notou a figura solitária de Sabrina Rocha, sentada em um dos bancos perto das janelas, o olhar perdido em algum ponto distante. Havia algo profundamente perturbador na quietude dela, algo que Alice ainda não conseguia compreender completamente. Sabrina não era mais a mesma desde que ingressara nas Forças Vivas, e a transformação que ocorrera nela era algo que Alice temia mais do que qualquer coisa.

Ela parou por um momento, observando Sabrina de longe. As lembranças dos dias em que eram próximas, compartilhando reflexões e questionamentos, pareciam tão distantes agora. Sabrina costumava ser uma das vozes mais vibrantes entre os alunos, sempre com uma visão curiosa e uma sede insaciável por conhecimento. Mas agora, tudo o que restava era uma concha vazia, uma figura que obedecia mecanicamente às ordens dos mestres, sem qualquer sinal de emoção ou personalidade.

— Está vendo? — murmurou Tomaz, percebendo para onde Alice olhava. — Ela se foi. Sabrina não é mais Sabrina. E se continuarmos aqui, é isso que vai acontecer conosco.

Alice queria acreditar que ele estava errado, mas, no fundo, sabia que não estava. Havia algo na transformação de Sabrina que a fazia se questionar o que realmente acontecia nas camadas mais profundas da escola. As Forças Vivas não eram apenas um grupo de alunos dedicados — eram algo muito mais sinistro, um mecanismo para apagar a individualidade, para transformar as pessoas em ferramentas de um ideal obscuro.

Eles passaram por Sabrina sem dizer uma palavra. Ela nem os notou. Era como se Alice e Tomaz não existissem mais para ela. Isso fez com que um arrepio subisse pela espinha de Alice, a sensação de que Sabrina já estava em um mundo do qual eles não faziam parte. E isso, mais do que qualquer coisa, aterrorizava Alice.

Entraram no salão de estudos, onde outros alunos estavam espalhados pelas mesas, imersos em livros e anotações. A atmosfera ali era de completa concentração, mas algo parecia fora do lugar. Alice percebeu que, nos últimos meses, a sala, que antes era cheia de debates e discussões acaloradas sobre filosofia, havia se tornado um espaço de silêncio absoluto. Ninguém mais questionava, ninguém mais debatia. Os alunos simplesmente absorviam o que lhes era dado, sem resistência, sem reflexão própria. Era como se uma

espécie de uniformidade mental tivesse se instalado, e qualquer traço de pensamento independente tivesse sido erradicado.

Paulo Almeida estava sentado à mesa central, com seu corpo ereto e olhos fixos em um dos textos dos mestres. Ele era o exemplo perfeito do que a escola esperava de seus alunos: obediência cega e devoção absoluta ao ideal. Alice observou enquanto ele virava as páginas com precisão quase militar, sem sequer levantar os olhos do texto. Havia uma serenidade artificial nele que a incomodava profundamente. Era como se ele estivesse completamente desligado de qualquer realidade externa, imerso na doutrina da escola de uma forma que beirava o fanatismo.

Tomaz se aproximou de uma mesa ao fundo, puxando uma cadeira para Alice. Ela se sentou ao lado dele, tentando ignorar o clima sufocante que dominava o ambiente. Puxou um de seus cadernos, fingindo estudar, mas sua mente estava em outro lugar. Estava longe de absorver o conteúdo das lições, mas sabia que precisava manter as aparências. Estavam sendo observados, de uma maneira ou de outra.

Tomaz folheava um dos livros em silêncio, mas Alice sabia que ele também não estava concentrado. Ambos estavam buscando uma saída, uma forma de escapar daquele ambiente opressor sem chamar atenção. A pressão de estarem sob constante vigilância, direta ou indireta, fazia com que qualquer movimento fora do padrão parecesse uma ameaça à própria segurança. Sabiam que questionar abertamente era um risco que nenhum dos dois podia correr.

Após alguns minutos, Victor D'Avila entrou no salão de estudos, seguido por outro mestre que Alice ainda não conhecia bem, Leonardo Castilho. Castilho era uma figura igualmente imponente, com uma presença que parecia dominar qualquer espaço em que estivesse. Diferente de Victor, que sempre mantinha uma expressão calculada, Castilho tinha um semblante mais duro, quase militar. Ele raramente falava com os alunos, mas quando o fazia, suas palavras tinham um tom de comando que não deixava espaço para contestação.

Os dois mestres andaram pelo salão, observando os alunos com olhos atentos. Victor passou por Alice e Tomaz, seus olhos fixando-se brevemente neles antes de seguir em frente. Alice manteve o olhar baixo, forçando-se a continuar escrevendo em seu caderno, tentando ignorar a presença esmagadora de Victor tão próxima. Havia algo em seu olhar que a fazia sentir-se exposta, como se ele pudesse ver através de sua fachada, como se soubesse das dúvidas que ela tentava esconder.

Castilho, por sua vez, observava tudo com uma frieza calculada. Ele parou ao lado de Paulo Almeida, que imediatamente ergueu o olhar, como se estivesse esperando por uma ordem. Castilho não disse nada, mas Paulo pareceu entender o comando silencioso e fechou o livro, levantando-se para seguir o mestre.

Alice observou enquanto Paulo saía da sala, acompanhando Castilho. Ela não sabia ao certo para onde ele estava indo, mas sabia que aquilo fazia parte de algo maior, algo que ela ainda não compreendia completamente. Os alunos que eram chamados pelos mestres nunca falavam sobre o que acontecia nesses encontros. Era como se fossem silenciados, como se, ao passar por esses rituais, perdessem a capacidade de se expressar livremente.

O próprio silêncio dos alunos sobre essas reuniões era assustador, como um pacto não verbalizado de lealdade total.

Tomaz suspirou baixinho, fechando o livro diante de si.

— Precisamos de respostas — murmurou ele, sem tirar os olhos do caderno. — Não podemos continuar assim, sem saber o que está acontecendo nos bastidores.

Alice concordou com um aceno discreto, mas não respondeu. Ela também queria respostas, mas temia o que essas respostas poderiam revelar. Havia algo muito errado naquela escola, algo que estava muito além das lições de filosofia que eles pensavam estar aprendendo. Alice sabia que, se continuasse cavando, poderia não gostar do que encontraria.

O restante do dia passou em uma névoa de silêncio e inquietação. As horas de estudo eram um fardo que Alice mal conseguia suportar. Suas mãos se moviam pelo papel, rabiscando palavras que ela não conseguia absorver, enquanto sua mente vagava por cenários cada vez mais sombrios. O que acontecia com aqueles que eram convocados para reuniões secretas? O que realmente acontecia nas Forças Vivas, além das aparências?

Quando o sol começou a se pôr, lançando sombras longas pelos corredores da escola, Alice finalmente fechou o caderno e se levantou. Era hora de voltar para o dormitório, mas ela sabia que não conseguiria descansar. A inquietação dentro de si continuava crescendo, e a sensação de que algo estava prestes a acontecer a perseguiu, como uma sombra que não a deixava em paz.

Ela e Tomaz saíram juntos do salão, caminhando em silêncio. O pátio estava vazio, e a brisa da noite trazia um frio que cortava até os ossos. Alice olhou para o céu escuro e sentiu o peso de uma escolha que, mais cedo ou mais tarde, teria que fazer: continuar a seguir cegamente o ideal da escola ou buscar a verdade, a qualquer custo.

Alice Moreau e Tomaz Ferraz seguiram pelo pátio silencioso, as sombras das árvores dançando sob a luz fraca das lâmpadas. O ar estava pesado, carregado de tensão, como se a própria escola estivesse viva, respirando em compasso com os seus pensamentos inquietos. Alice não conseguia afastar a sensação de que estavam sendo observados. Era uma presença invisível, algo que ela sentia sempre que cruzava os corredores da Escola de Filosofia à Maneira Clássica. Havia olhos em toda parte, mesmo quando ninguém parecia estar por perto.

Eles passaram pelo edifício central, onde as grandes janelas revelavam o interior iluminado de algumas salas, ainda ocupadas por alunos que se dedicavam aos estudos. Mas não eram simples estudos, Alice sabia disso agora. Havia algo mais sombrio por trás das lições que todos recebiam. Os mestres falavam de transcendência, de uma verdade superior que estava além do mundo exterior. Mas, para alcançar essa verdade, parecia que os alunos tinham que sacrificar mais do que apenas seu tempo ou seu intelecto. Era a própria essência de quem eram que estava sendo colocada à prova.

— Precisamos conversar com Sabrina — disse Tomaz de repente, quebrando o silêncio.

Alice parou por um momento, surpresa pela sugestão. Sabrina Rocha era uma figura que, até pouco tempo, Alice teria considerado amiga. Mas a Sabrina de hoje não era mais a pessoa que Alice conhecera. A transformação dela desde que entrou nas Forças Vivas fora rápida e completa. Sabrina já não questionava nada, não discutia mais filosofias complexas com a mesma paixão de antes. Agora, ela era uma seguidora silenciosa, uma sombra do que fora.

— Eu não sei, Tomaz — respondeu Alice, sua voz baixa e incerta. — Ela... ela já não é mais a mesma. O que acha que poderíamos descobrir falando com ela?

Tomaz olhou para ela com determinação, seus olhos cheios de uma urgência que Alice reconhecia. Ele queria respostas, assim como ela, mas parecia disposto a correr riscos maiores.

— Precisamos tentar. Sabrina já esteve do nosso lado, já fez perguntas como nós. Se ela foi para as Forças Vivas, talvez ainda haja algo nela que lembra quem era antes. Alguma coisa que nos ajude a entender o que acontece quando alguém entra para o círculo deles.

Alice sabia que ele estava certo. Por mais desconfortável que fosse a ideia de falar com Sabrina agora, talvez ela fosse a chave para desvendar o que estava acontecendo dentro da escola. Se soubessem o que a escola realmente fazia com seus membros, talvez pudessem impedir que o mesmo acontecesse com eles.

— Tudo bem — Alice assentiu, finalmente. — Mas precisamos ser cuidadosos. Sabrina pode não estar disposta a falar. Ou pior, pode já estar completamente comprometida com os mestres.

Tomaz fez um sinal de cabeça, concordando. Eles sabiam que se Sabrina tivesse sido completamente absorvida pelas Forças Vivas, qualquer tentativa de diálogo poderia ser vista como uma ameaça. E as consequências de ser visto como uma ameaça ali dentro... bem, nenhum deles queria descobrir.

O dormitório feminino ficava no fim do pátio, um prédio austero, com paredes de pedra cobertas de hera. Alice e Tomaz pararam a alguns metros da entrada. Não podiam simplesmente entrar e falar com Sabrina. As regras da escola eram rígidas, e qualquer desvio seria notado imediatamente. Mas Sabrina, como as outras alunas, eventualmente sairia para caminhar, ou para uma das suas rotinas noturnas que agora fazia parte das Forças Vivas.

— Eu vou esperar aqui — disse Tomaz, encostando-se discretamente em uma árvore, observando o prédio. — Se ela sair, eu te aviso. Pode levar um tempo, mas sei que ela aparece aqui fora antes de voltar para o dormitório.

Alice assentiu, ainda sentindo um nó no estômago pela tensão. Havia algo perigoso naquele plano, mas também sabia que era uma chance de obter alguma resposta. Sabrina já não era a mesma, mas talvez, em algum lugar dentro dela, ainda restasse uma fagulha da pessoa que Alice conhecera.

Enquanto Tomaz se preparava para vigiar, Alice seguiu em direção ao dormitório, tomando o caminho oposto. Precisava voltar ao seu quarto, onde poderia refletir sobre tudo o que havia acontecido naquele dia. Cada detalhe, desde a aula com Victor até as conversas com Tomaz, a fazia sentir-se mais presa naquele lugar. Quanto mais ela investigava, mais se dava conta de que a escola não era um simples centro de aprendizado filosófico. Era um organismo vivo, uma máquina complexa e meticulosa criada para moldar as pessoas até que elas se conformassem completamente com o “ideal” que pregavam.

Ao entrar no corredor do dormitório, Alice viu algumas alunas conversando baixinho, a maioria delas absorta em suas próprias rotinas. Helena Vasconcellos passou por ela sem dizer uma palavra, seus olhos focados no chão, mas com uma postura que sugeria disciplina absoluta. Helena também já fora uma aluna questionadora, mas, desde que se tornara parte das Forças Vivas, sua transformação havia sido tão profunda quanto a de Sabrina. Alice ainda se lembrava das noites em que as duas discutiam filosofia antiga, questionando as lições de Platão e Aristóteles. Mas agora, Helena era como uma estátua, inabalável, obediente.

No quarto, Alice sentou-se na cama, o cansaço finalmente a alcançando. Mas não era um cansaço físico — era mental, emocional. A pressão de manter suas dúvidas e medos ocultos estava começando a afetá-la. Queria encontrar respostas, mas sabia que estava jogando um jogo perigoso. Se os mestres descobrissem que ela e Tomaz estavam questionando as intenções da escola, não haveria volta.

Ela pegou o caderno que usara durante a aula daquele dia. As anotações ali eram superficiais, incompletas, reflexo da distração que a consumia. “O sacrifício pelo ideal”, “a transcendência da individualidade”, “o poder das Forças Vivas”. As frases ecoavam em sua mente, mas não faziam mais sentido. O que era esse ideal de que eles tanto falavam? O que significava realmente transcender a individualidade?

Alice folheou o caderno até chegar em uma página em branco. Por um momento, pensou em anotar seus próprios pensamentos, suas próprias dúvidas. Mas logo desistiu da ideia. Ali, até mesmo suas anotações pessoais poderiam ser usadas contra ela. Nada era realmente privado.

A porta do quarto se abriu suavemente, e uma das alunas entrou. Clara Montenegro, uma jovem que Alice mal conhecia, sorriu levemente antes de se dirigir à sua cama. Clara também era nova ali, como Alice, e parecia estar tentando se adaptar ao ritmo da escola. Era educada e simpática, mas sempre mantinha uma certa distância, como se soubesse que, naquele ambiente, era perigoso se aproximar demais de alguém.

— Está tudo bem? — perguntou Clara, enquanto arrumava os lençóis.

— Sim — respondeu Alice, sem muita convicção.

Clara não insistiu. Ela sabia, como todos ali, que as palavras tinham peso, e que às vezes era melhor deixar certas perguntas sem resposta.

Alice se deitou, encarando o teto por um longo tempo, enquanto o ambiente do dormitório mergulhava no silêncio da noite. Seus pensamentos voltaram a Victor, a Castilho, a Paulo Almeida, a todos os que haviam se tornado parte daquele sistema sem questionar. Pensou em Sabrina e no que poderia ter acontecido com ela.

E, pela primeira vez, Alice se perguntou o quanto estava disposta a sacrificar para encontrar as respostas que buscava.

Enquanto o sono não vinha, ela sabia que a única certeza que tinha era que o tempo estava se esgotando.

Capítulo 2: O Convite

Na manhã seguinte, Alice Moreau acordou com um leve incômodo no peito, uma sensação de que algo estava prestes a acontecer. O sol mal havia nascido, mas o dormitório já estava agitado. As alunas se moviam em silêncio, arrumando seus uniformes e preparando-se para mais um dia de estudos na Escola de Filosofia à Maneira Clássica. A rotina era sempre a mesma: aulas rigorosas, seguidas de longas horas de estudo e discussões que, ultimamente, tinham se tornado mais monótonas e previsíveis.

Enquanto colocava sua própria roupa, Alice notou que a atmosfera naquela manhã parecia diferente. Havia uma tensão no ar, uma expectativa que pairava sobre todos, embora ninguém falasse sobre isso. Ela saiu do quarto e encontrou Clara Montenegro no corredor, a expressão no rosto da colega um pouco mais preocupada do que o habitual.

— Você ouviu? — perguntou Clara, mantendo a voz baixa.

Alice franziu a testa.

— Ouvi o quê?

Clara olhou ao redor, certificando-se de que ninguém mais estivesse perto o suficiente para escutá-las.

— Falaram que Victor vai anunciar uma nova seleção para as Forças Vivas hoje.

O coração de Alice acelerou. O que ela tanto temia estava acontecendo. A possibilidade de ser chamada para integrar as Forças Vivas a inquietava há algum tempo. Sabia que, quanto mais se aproximava desse grupo, mais difícil seria voltar atrás. Ser escolhida significava fazer parte de algo muito maior e, ao mesmo tempo, perder uma parte de si.

— Quem você acha que será convidado? — perguntou Alice, tentando disfarçar a ansiedade.

Clara deu de ombros, mas seus olhos revelavam a mesma inquietação que Alice sentia.

— Não sei, mas dizem que eles estão de olho em você.

Alice sentiu um calafrio percorrer seu corpo. Ela sabia que era possível. Estava na escola há meses, e sua dedicação não passara despercebida. Os mestres a observavam de perto, e Victor, em particular, parecia ter um interesse especial em seu progresso. A cada aula, ele parecia testá-la, desafiando-a com perguntas e reflexões que a faziam questionar seus próprios pensamentos. Mas, apesar de todo o seu esforço, Alice sabia que nunca se sentira completamente confortável com a filosofia da escola.

— Espero que não seja verdade — murmurou Alice, mais para si mesma do que para Clara.

Elas caminharam em silêncio pelos corredores até chegarem ao salão principal, onde a maioria dos alunos já estava reunida. Victor D'Avila estava de pé, em frente à grande mesa

de madeira no centro da sala, seus olhos penetrantes varrendo a multidão com autoridade. Leonardo Castilho estava ao seu lado, com a mesma expressão impassível de sempre. Todos esperavam em silêncio, ansiosos para ouvir o que Victor tinha a dizer.

— Hoje, daremos um passo importante em nossa jornada — começou Victor, sua voz profunda ecoando pelo salão. — Como todos sabem, as Forças Vivas são a coluna vertebral desta escola. São aqueles que se dedicam completamente ao ideal que buscamos, que transcendem as limitações do corpo e da mente para se tornarem verdadeiros portadores da filosofia que defendemos.

Ele fez uma pausa, deixando as palavras se assentarem sobre os alunos. Alice sentiu o peso da expectativa crescer dentro de si. Ela olhou ao redor e viu a mesma tensão nos rostos dos outros. Paulo Almeida, sempre na linha de frente, parecia impassível, como se já soubesse o que viria a seguir. Sabrina Rocha, como sempre, mantinha a cabeça baixa, os olhos fixos no chão, completamente imersa na doutrina da escola. Alice se perguntou, mais uma vez, o que restava da antiga Sabrina ali dentro.

— Hoje, anunciaremos os próximos a serem convidados para se juntar a este círculo seletivo — continuou Victor, seus olhos passando por cada um dos alunos como se os estivesse avaliando naquele momento. — Aqueles que foram escolhidos provaram sua lealdade, sua dedicação e, acima de tudo, sua capacidade de sacrifício.

Alice sentiu seu coração disparar. A palavra “sacrifício” mais uma vez ecoava com um peso terrível. O que significava esse sacrifício? Era uma pergunta que ela evitava, mas sabia que logo teria que encarar.

Victor fez uma pausa mais longa dessa vez, antes de falar novamente, com uma firmeza ainda maior na voz.

— Paulo Almeida, Helena Vasconcellos, Alice Moreau.

O mundo ao redor de Alice pareceu parar por um momento. As palavras de Victor ressoaram em sua mente como um sino distante. Ela mal podia acreditar no que acabara de ouvir. Havia sido escolhida. O que tanto temia agora era real.

Enquanto as palavras de Victor ainda pairavam no ar, Alice sentiu o olhar de todos os outros alunos sobre ela. Clara Montenegro, ao seu lado, a olhava com uma mistura de surpresa e medo. Alice sabia que Clara estava feliz por não ter sido chamada, mas também via nos olhos da colega uma preocupação genuína pelo que viria a seguir.

Victor continuou a falar, explicando que aqueles que haviam sido selecionados receberiam instruções especiais nos próximos dias. O caminho à frente seria árduo, cheio de desafios que testariam não apenas suas habilidades intelectuais, mas também sua força emocional e física. “A verdadeira filosofia exige mais do que apenas estudo”, ele dissera. “Exige entrega total.”

Alice quase não conseguia ouvir o que ele dizia. Suas palavras soavam distantes, abafadas pelos próprios pensamentos. Ela havia sido escolhida. E agora?

Ao final da reunião, Victor dispensou os alunos, instruindo os novos integrantes das Forças Vivas a ficarem para uma reunião particular. Alice sentiu seu corpo congelar por um instante. Ela olhou para Tomaz, que estava no fundo da sala, os olhos arregalados em sua direção. Ele não havia sido chamado. Alice sentiu uma pontada de alívio por ele, mas, ao mesmo tempo, o vazio dentro de si aumentava. Tomaz a havia alertado sobre o que acontecia com aqueles que entravam para as Forças Vivas, e agora ela teria que descobrir por conta própria.

Ela seguiu os outros alunos escolhidos para a reunião particular com Victor. Helena Vasconcellos caminhava à frente, sua postura reta e decidida, enquanto Paulo Almeida não demonstrava qualquer emoção. Eles já sabiam o que esperar. Alice, por outro lado, não sabia o que estava por vir.

Entraram em uma sala pequena, decorada com tapeçarias antigas e livros de capa de couro dispostos em prateleiras de madeira escura. Victor estava sentado à cabeceira de uma mesa oval, com Castilho ao seu lado, em pé, observando os alunos que agora ocupavam os assentos.

— Agora que foram escolhidos, a jornada começa de verdade para vocês — disse Victor, sua voz baixa, mas firme. — Este não é um caminho fácil, e não há garantias de que todos irão completá-lo. Mas aqueles que o fizerem serão recompensados com um entendimento do mundo que poucos alcançam.

Ele fez uma pausa, e Alice sentiu um frio na espinha. O tom nas palavras de Victor carregava um peso que não deixava espaço para ilusões. O que quer que estivesse por vir, seria mais intenso do que tudo o que já haviam enfrentado até agora.

— Vocês passarão por uma série de provas — continuou ele. — Provas que testarão não apenas sua capacidade intelectual, mas também sua lealdade e, acima de tudo, sua vontade de se entregar completamente ao ideal que buscamos aqui. Para alguns, essas provas serão uma libertação. Para outros, uma revelação.

Alice engoliu em seco, sentindo o peso daquelas palavras. Ela sabia que estava prestes a ser colocada à prova de uma maneira que nunca experimentara antes. A verdadeira natureza da escola começava a se revelar, e a cada palavra que Victor pronunciava, ela sentia que a linha entre o aprendizado filosófico e a manipulação psicológica se tornava cada vez mais tênue.

— A primeira prova será revelada em breve — anunciou Victor D'Avila, sua voz firme ressoando na sala pequena e abafada. — Não se preocupem com os detalhes agora. O que importa é que vocês estejam preparados. A partir deste momento, vocês não são mais apenas estudantes. Vocês são aspirantes às Forças Vivas, e isso exige que abandonem tudo o que ainda os mantém atrelados ao mundo exterior. — Ele olhou diretamente para Alice Moreau enquanto dizia isso, e ela sentiu um frio profundo se espalhar pelo corpo.

As palavras “abandonar tudo” ecoaram em sua mente como um aviso silencioso, um presságio de que o que viria a seguir exigiria mais do que simples dedicação aos estudos

filosóficos. A inquietação que sentia desde que pusera os pés naquela escola agora era uma presença palpável, envolvendo-a como uma névoa invisível. Alice se perguntou até onde poderia ir sem perder a si mesma.

Ao lado de Alice, Paulo Almeida e Helena Vasconcellos mantinham-se impassíveis. Não havia o menor traço de dúvida em seus rostos. Para eles, o convite para as Forças Vivas era a confirmação de que estavam no caminho certo, de que haviam transcendido as limitações que os outros ainda carregavam. Alice, por outro lado, sentia-se à beira de um abismo, sem saber se deveria saltar ou recuar.

Leonardo Castilho, que até então permanecera em silêncio, avançou um passo à frente. Sua presença era ainda mais ameaçadora de perto, com aquele olhar severo e postura rígida que o tornavam uma figura imponente. Ele carregava uma pasta de couro escuro, que colocou sobre a mesa com cuidado.

— Aqui estão os materiais iniciais que vocês deverão estudar com dedicação absoluta — disse Castilho, abrindo a pasta e retirando alguns cadernos de capa dura. Ele começou a distribuir o material para cada um dos alunos escolhidos. — Estes são textos do fundador da escola, que não estão disponíveis para os outros estudantes. Somente os que avançam para as Forças Vivas têm acesso a esses conhecimentos.

Alice pegou o caderno que lhe foi entregue, o peso do objeto parecia desproporcional ao seu tamanho. Havia algo nele que a incomodava, como se soubesse que aquelas páginas continham mais do que meras palavras. Ela olhou para a capa simples, preta, sem título ou qualquer indicação do que estava ali dentro, e a curiosidade se misturou ao medo. O que estava prestes a descobrir?

Castilho continuou:

— Vocês devem ler e estudar esses textos com extrema atenção. Não se trata apenas de absorver as ideias contidas neles, mas de compreendê-las profundamente. Elas moldarão suas mentes, ajudando a abandonar qualquer resquício de pensamento individualista. A partir de agora, vocês devem estar completamente alinhados ao ideal da escola.

Alice ouviu cada palavra com uma sensação crescente de aprisionamento. “Moldar suas mentes”, “abandonar o pensamento individualista”. Aquilo soava mais como doutrinação do que como aprendizado filosófico. Ao seu redor, os outros aceitavam o caderno como se fosse uma relíquia sagrada. Ela, porém, sentia-se presa, como se o simples ato de abrir aquele livro significasse abrir mão de uma parte essencial de si.

— Vocês receberão instruções específicas sobre suas tarefas nas próximas reuniões — continuou Castilho. — Até lá, não discutam esses textos com ninguém que não faça parte das Forças Vivas. O conhecimento que está aqui não é para ser compartilhado com mentes despreparadas.

Victor D’Avila levantou-se da cadeira e se aproximou do grupo, seu semblante carregando uma expressão de controle absoluto.

— Lembrem-se: o que buscamos aqui é a libertação da alma. Mas essa libertação não pode ser alcançada sem sacrifício. Vocês devem estar prontos para abrir mão de tudo o que os define como indivíduos. A Força Viva não é composta de pessoas, mas de um ideal coletivo. Vocês são as sementes desse ideal, e, como tais, devem crescer para se tornar algo maior do que jamais imaginaram.

As palavras pairavam no ar, pesadas e absolutas. Alice sentiu-se dividida. Uma parte dela queria acreditar que havia algo de verdadeiro naquilo, que a busca pela transcendência era possível e valiosa. Mas outra parte, mais profunda e instintiva, gritava que algo estava muito errado. O que significava perder sua individualidade? E a que custo ela estaria disposta a seguir esse caminho?

Victor olhou uma última vez para cada um deles antes de se retirar da sala, seguido por Castilho. O silêncio que se instalou foi sufocante. Alice olhou para Paulo e Helena, mas nenhum dos dois parecia disposto a iniciar uma conversa. Eles já estavam totalmente imersos no processo, sem qualquer resquício de hesitação. Alice, por outro lado, se sentia presa em uma teia de dúvidas e incertezas.

Finalmente, Helena quebrou o silêncio.

— Esse é o caminho que todos devemos seguir — disse ela, com um tom de voz neutro, quase mecânico. — Você vai ver, Alice. Quando aceitar o que eles dizem, tudo vai fazer sentido. É apenas uma questão de tempo.

Alice tentou sorrir, mas o gesto saiu forçado. O que Helena dizia soava como uma sentença. Aceitar, abandonar, sacrificar. Era esse o preço para alcançar o que chamavam de “verdade”? Helena e Paulo já haviam feito essa escolha, mas Alice não sabia se seria capaz de fazer o mesmo.

Paulo se levantou, ajustando o caderno debaixo do braço com um gesto ensaiado. Ele não disse nada, apenas acenou brevemente para as duas antes de sair da sala, como se já estivesse em uma missão muito além do entendimento de Alice.

— Não se preocupe — disse Helena, ao perceber a hesitação de Alice. — Tudo vai ficar claro quando você se entregar ao processo. No começo, é difícil... eu também tive dúvidas. Mas depois que você aceita, é como se uma nova perspectiva se abrisse. Você verá.

Alice apenas assentiu, sem realmente acreditar nas palavras da colega. Havia algo em Helena que a deixava desconfortável. A convicção em sua voz parecia forçada, como se tivesse sido implantada por alguém ou algo, ao invés de ser fruto de uma reflexão própria. Alice sentia que, uma vez que cruzasse essa linha, não haveria mais volta.

Quando finalmente se viu sozinha, Alice olhou mais uma vez para o caderno. Havia um peso psicológico naquele objeto que a deixava inquieta. Por mais que quisesse abrir o caderno e desvendar os segredos ali contidos, algo dentro dela a impedia. Era como se soubesse que, ao começar a ler, estaria se entregando ao controle da escola, e talvez não houvesse mais como escapar.

Alice saiu da sala, o caderno ainda firme em suas mãos, e seguiu pelos corredores da escola, tentando encontrar alguma clareza em meio ao turbilhão de emoções. O vento frio soprava pelas janelas entreabertas, mas mesmo o ar fresco não era capaz de aliviar a sensação de sufocamento que a cercava. Enquanto caminhava em direção ao dormitório, sua mente fervilhava com perguntas. O que significava realmente fazer parte das Forças Vivas? E, mais importante, o que aconteceria com ela agora que fora escolhida?

O que viria a seguir era incerto, mas Alice sabia que, a partir daquele momento, sua vida na escola jamais seria a mesma.

Alice Moreau caminhava pelos corredores escuros da escola, o caderno de capa preta firmemente preso entre suas mãos. A sensação de aprisionamento era inescapável, e cada passo parecia ecoar a tensão crescente dentro dela. O convite para as Forças Vivas, que tantos pareciam ver como uma honra, para Alice se tornava uma ameaça velada. Ela ainda não havia aberto o caderno, mas podia sentir o peso das expectativas e do controle que vinham junto com ele. Sabia que, uma vez que o fizesse, não seria mais a mesma pessoa.

Enquanto se aproximava do dormitório, a figura familiar de Tomaz Ferraz surgiu do outro lado do corredor, caminhando em sua direção. Seus olhos imediatamente se fixaram no caderno que Alice carregava, e uma expressão de preocupação tomou conta de seu rosto. Ele apressou os passos e, quando chegou perto, lançou um olhar rápido ao redor para garantir que ninguém os observava.

— Então... você foi escolhida — murmurou ele, mantendo a voz baixa para que ninguém mais ouvisse.

Alice assentiu, sentindo o peso daquelas palavras.

— Fui — respondeu, sem conseguir esconder a ansiedade em sua voz. — Victor chamou meu nome hoje de manhã. E agora... eles me entregaram isso. — Ela ergueu o caderno, como se o objeto fosse uma prova concreta do que estava por vir.

Tomaz olhou para o caderno por um momento, seus olhos se estreitando.

— Isso não é bom, Alice. Você sabe o que isso significa, certo?

— Acho que sim — respondeu ela, hesitante. — Mas, ao mesmo tempo, não sei de verdade. Eles falam tanto sobre sacrifício e transcendência... mas nunca explicam o que realmente significa. Eu... eu não sei no que estou me metendo.

Tomaz suspirou, passando a mão pelos cabelos, claramente frustrado.

— É exatamente isso que eles querem. Manter as coisas vagas, misteriosas. Fazer com que pareça que você está em busca de algo maior, algo nobre. Mas você sabe o que aconteceu com os outros, Alice. Sabrina... Helena... todos eles. Eles não são mais as mesmas pessoas. E se você continuar nesse caminho, também não será.

Alice não conseguiu conter o arrepio que percorreu sua espinha. As palavras de Tomaz eram duras, mas verdadeiras. Ela havia visto as mudanças em Sabrina Rocha e Helena Vasconcellos — elas haviam se transformado em algo completamente diferente do que eram antes. E Paulo Almeida... ele já estava tão imerso no sistema que parecia não ter mais qualquer traço de individualidade.

— Eu sei — sussurrou Alice. — Mas agora não sei o que fazer. Não tenho como recusar. Eles esperam que eu siga adiante. Se eu tentar resistir, podem suspeitar de mim. E se desconfiarem que estou questionando as Forças Vivas...

Ela não precisou completar a frase. Ambos sabiam o que acontecia com aqueles que resistiam. Embora ninguém falasse abertamente, os rumores sobre o que acontecia com os que desafiavam a escola eram suficientes para manter todos em silêncio. Victor D'Ávila e os outros mestres tinham uma maneira sutil, mas eficaz, de controlar a todos, garantindo que ninguém ousasse romper com o ideal.

Tomaz olhou para ela, sua expressão endurecida.

— Eu entendo. Mas você não pode deixar que eles te consumam, Alice. Há algo de errado aqui, algo que vai além de tudo o que eles dizem sobre filosofia e busca pela verdade. Eles querem mais do que apenas a sua lealdade. Eles querem o seu espírito, querem que você se torne uma parte do sistema, como uma peça em uma máquina. Uma vez que você entrar completamente, não há mais volta.

Alice sabia que ele estava certo. No fundo, sentia o mesmo. A escola não era apenas um lugar de aprendizado filosófico. Era uma estrutura complexa, uma seita disfarçada de instituição de ensino, onde o controle psicológico era tão importante quanto as lições que ensinavam. Mas como ela poderia escapar disso? Agora que estava envolvida, parecia impossível encontrar uma saída sem se comprometer completamente.

Ela olhou para o caderno novamente. As páginas não abertas pareciam chamá-la, prometendo respostas, mas também escondendo perigos que ela mal podia imaginar.

— O que você sugere? — perguntou Alice, sua voz hesitante. — Se eu tentar resistir, eles vão perceber. Eu... eu não sei como sair disso sem chamar atenção.

Tomaz olhou para os lados novamente, certificando-se de que ninguém estivesse escutando. Quando falou, manteve a voz baixa, mas firme.

— Precisamos de um plano. Não sei exatamente como vamos fazer isso ainda, mas temos que ser cuidadosos. O que quer que você faça, finja que está seguindo as regras. Leia o que eles te deram, mas não deixe que isso mude quem você é. Precisamos descobrir o que acontece nas Forças Vivas, mas sem que eles saibam que estamos questionando.

Alice respirou fundo, tentando se acalmar. Era um risco enorme, mas parecia ser a única opção. Ela sabia que se seguisse cegamente as ordens, acabaria como Sabrina e Helena, perdendo sua própria identidade. Mas resistir abertamente seria ainda mais perigoso.

— Tudo bem — concordou ela, a voz firme apesar do medo. — Vou continuar, mas com cuidado. Preciso entender o que realmente está acontecendo antes de tomar qualquer decisão.

Tomaz assentiu, satisfeito com a resposta. Mas sua preocupação não desapareceu completamente.

— Vou estar por perto, Alice. Se precisar de ajuda, me procure. Não podemos confiar em mais ninguém agora.

Alice agradeceu com um leve aceno de cabeça, e os dois seguiram por caminhos diferentes. Enquanto ela caminhava em direção ao seu quarto, a sensação de inquietação não a abandonava. O caderno continuava em suas mãos, um símbolo da escolha que estava prestes a fazer. O que quer que estivesse escondido ali dentro, Alice sabia que seria um ponto de virada.

Ao chegar ao dormitório, ela fechou a porta atrás de si e se sentou na cama, o caderno ainda intocado sobre o colo. O silêncio da sala parecia ensurdecedor, e o peso das decisões à sua frente era esmagador. Com um suspiro profundo, Alice finalmente abriu o caderno.

As primeiras páginas estavam cheias de escritos antigos, transcrições de textos filosóficos que pareciam, à primeira vista, comuns. Mas à medida que folheava as páginas, Alice notou que as lições começavam a mudar de tom. As palavras de Jorge, o fundador da escola, tornavam-se mais severas, exigindo sacrifícios mentais e emocionais em nome do ideal. Ele falava sobre como a individualidade era um obstáculo à verdadeira sabedoria, como o eu precisava ser desconstruído e remodelado.

Os conceitos de obediência e entrega total apareciam repetidamente, com uma intensidade perturbadora. Alice sentiu um nó se formar em seu estômago. O texto parecia menos uma lição filosófica e mais um manual de doutrinação, um caminho cuidadosamente construído para quebrar qualquer traço de resistência ou questionamento.

Ela continuou lendo, mesmo contra o instinto que gritava para parar. As páginas falavam sobre os métodos para “superar” a fraqueza da mente humana, sobre como a verdadeira força vinha da subordinação completa a algo maior. Alice sabia que o que estava lendo não era apenas filosofia. Era algo muito mais profundo e perigoso. E a cada página, ficava mais claro o que a escola realmente queria: o controle absoluto sobre seus membros.

Quando finalmente fechou o caderno, o sentimento de claustrofobia era esmagador. Alice sabia que estava em uma encruzilhada. Continuar ali significava abrir mão de si mesma. Mas sair seria igualmente perigoso.

Ela deitou-se na cama, o caderno ainda ao seu lado, e encarou o teto. Seu coração batia forte, e sua mente corria, tentando encontrar uma saída para o labirinto em que estava presa. E, no fundo, sabia que o tempo estava se esgotando.

As Forças Vivas não esperariam para sempre.

Alice Moreau ficou deitada na cama, observando as sombras que dançavam no teto do dormitório. O caderno repousava ao seu lado, agora fechado, mas o conteúdo que lera ainda reverberava em sua mente. Aquelas palavras, as ideias contidas ali, pareciam trabalhar silenciosamente, tentando se infiltrar em seus pensamentos. As lições de Jorge, o fundador da escola, não eram apenas filosóficas — eram um chamado à submissão, uma exigência de que todos os que quisessem fazer parte das Forças Vivas se despissem de qualquer traço de identidade própria.

As palavras “sacrifício” e “entrega total” martelavam em sua cabeça, e Alice sabia que cada página lida a aproximava de uma escolha que ela ainda não sabia como enfrentar. Os textos que, no início, pareciam inofensivos, com discussões sobre a alma e o ideal filosófico, rapidamente se tornavam cada vez mais agressivos em suas exigências. A obediência era tratada não como uma virtude, mas como uma obrigação inquestionável. E o ideal de que tanto falavam era mais uma prisão do que uma libertação.

Ela se virou na cama, fechando os olhos por um momento, tentando afastar a pressão que crescia dentro dela. Precisava de um plano, algo que a ajudasse a navegar por aquela situação sem se perder. Tomaz tinha razão. Precisavam ser cuidadosos, seguir as regras na superfície, enquanto encontravam uma maneira de descobrir a verdade por trás da escola. Mas o que mais a assustava era o quanto já se sentia enredada naquela rede de manipulação. Até onde poderia ir sem perder a si mesma?

A manhã seguinte chegou rapidamente, trazendo consigo uma atmosfera ainda mais densa. Alice acordou cedo, mas não sentia o corpo descansado. A noite fora permeada por sonhos estranhos e inquietantes — figuras sem rosto a cercavam, murmurando frases desconexas sobre entrega e sacrifício, suas vozes misturando-se com as de Victor e Castilho. Ela acordou suando, com o coração acelerado, e soube imediatamente que precisava manter a mente alerta, ou as ideias da escola começariam a consumi-la.

Ela se levantou, se vestiu e saiu do quarto em direção ao refeitório, onde os alunos se reuniam antes das aulas. Clara Montenegro estava lá, sentada sozinha em uma das mesas, com um semblante concentrado enquanto tomava seu café da manhã. Alice foi até ela e se sentou, tentando se manter calma.

— Como você está? — perguntou Clara, olhando para ela com um sorriso leve. Mas Alice percebeu uma leve tensão em sua voz, como se soubesse que algo estava fora do lugar.

— Estou... tentando lidar com tudo isso — respondeu Alice, forçando um sorriso que não alcançava seus olhos.

Clara assentiu, como se entendesse o que Alice estava sentindo, mas evitou pressioná-la com perguntas. Clara, ao contrário de Alice, parecia mais confortável com a rotina da escola, mesmo que às vezes demonstrasse uma leve hesitação em relação às exigências dos mestres. Alice se perguntava se Clara também começaria a perceber as camadas mais profundas de controle que pairavam sobre todos ali.

Os minutos se arrastaram até que o refeitório começou a se encher de outros alunos. Paulo Almeida entrou com a mesma postura rígida e imperturbável de sempre, passando por Alice e Clara sem sequer dar um olhar a mais. Ele se sentou sozinho, imerso em seus próprios pensamentos, ou talvez, como Alice temia, completamente imerso na doutrina da escola. Alice sentiu uma pontada de desconforto ao vê-lo. Paulo era a personificação de tudo o que a escola buscava criar: obediência absoluta, lealdade inquestionável e um compromisso inabalável com o ideal.

— Você ouviu sobre a reunião das Forças Vivas? — perguntou Clara de repente, chamando a atenção de Alice novamente.

Alice se endireitou, sentindo o coração acelerar.

— O que houve?

Clara baixou a voz, como se estivesse prestes a compartilhar um segredo perigoso.

— Estão dizendo que as próximas reuniões serão decisivas. Para os que foram escolhidos... vão começar os testes. E quem não conseguir passar... — Ela fez uma pausa, olhando ao redor para garantir que ninguém mais estivesse ouvindo. — Bem, ninguém sabe exatamente o que acontece, mas há rumores de que aqueles que falham acabam sendo excluídos da escola, ou pior... que eles simplesmente desaparecem.

Alice sentiu o estômago se revirar. Aquilo não era apenas um teste comum. As Forças Vivas não eram um grupo filosófico; eram uma máquina de controle, e agora ela se via no centro dessa engrenagem, prestes a ser testada de formas que ainda não conseguia prever.

— Eu ouvi algo parecido — respondeu Alice, tentando esconder o pânico que crescia dentro dela. — Mas o que acontece com quem passa nos testes?

Clara deu de ombros, seu olhar sério.

— Os que passam... nunca falam sobre o que acontece. Eles se tornam completamente leais, nunca questionam nada, e depois disso... bem, você já viu como Paulo e Helena se comportam. Eles são completamente devotos à escola. Acho que a lealdade deles é o preço por passar nos testes.

Alice ficou em silêncio, absorvendo a informação. Sabia que os testes viriam, e que falhar não era uma opção. Mas ao mesmo tempo, passar significaria abandonar tudo o que ainda a tornava quem era. Ela teria que encontrar uma maneira de sobreviver àquilo sem se perder.

Mais tarde, ao se dirigir para a primeira aula do dia, Alice encontrou Tomaz Ferraz no corredor. Ele estava à sua espera, claramente ansioso para saber mais sobre o que havia acontecido após a reunião com Victor e Castilho.

— Eles já te falaram sobre os testes? — perguntou ele, direto, assim que Alice parou ao seu lado.

— Não oficialmente, mas Clara ouviu alguns rumores — respondeu Alice, mantendo a voz baixa. — Parece que vai ser algo mais sério do que imaginávamos. E se falharmos...

Tomaz assentiu, compreendendo o que estava em jogo.

— Precisamos descobrir mais. Não podemos entrar nisso cegamente. — Ele parou por um momento, como se estivesse hesitando antes de continuar. — Eu ouvi que eles têm uma sala especial, onde realizam esses testes. Ninguém fala sobre o que acontece lá dentro, mas é lá que tudo começa.

Alice sentiu o corpo ficar tenso. A ideia de uma sala secreta onde os alunos eram testados parecia ainda mais sinistra do que tudo que já havia imaginado. Era como se, de repente, a escola revelasse sua verdadeira face — não a de uma instituição de ensino, mas a de uma organização que manipulava e moldava seus membros com táticas de controle psicológico.

— Precisamos descobrir onde fica essa sala — disse Alice, sua voz mais firme do que esperava. — Se soubermos o que acontece lá, talvez possamos nos preparar.

Tomaz concordou com um aceno de cabeça, mas seu olhar era sombrio.

— Concordo. Mas temos que ser muito cautelosos, Alice. Se eles perceberem que estamos questionando o processo, pode ser o fim para nós.

Alice sabia que ele estava certo. Cada passo a partir de agora teria que ser calculado com extremo cuidado. Eles estavam jogando um jogo perigoso, onde qualquer movimento em falso poderia custar-lhes mais do que apenas sua liberdade.

As próximas horas passaram em um turbilhão de tensão. Alice assistiu às aulas com a mente dividida, incapaz de se concentrar nos textos filosóficos que Victor D'Ávila apresentava. Tudo ao seu redor parecia um teste — cada palavra, cada gesto dos mestres parecia disfarçar uma segunda intenção. Eles estavam sendo constantemente observados, e Alice não sabia por quanto tempo conseguiria manter suas dúvidas escondidas.

Quando a noite finalmente chegou, Alice se viu mais uma vez em seu quarto, o caderno negro repousando sobre a mesa. O silêncio era pesado, quebrado apenas pelo som distante de passos nos corredores. Ela sabia que precisava estudar o conteúdo que lhe foi dado, mas ao mesmo tempo, a ideia de se aprofundar mais na doutrinação da escola a enchia de pavor.

Com um suspiro profundo, Alice abriu o caderno novamente, mas dessa vez, seus olhos não se fixaram nas palavras. Sua mente estava em outro lugar, em uma sala secreta, onde os destinos dos alunos eram decididos.

Capítulo 3: A Sala Secreta

A madrugada avançava lentamente, e Alice Moreau não conseguia dormir. As palavras lidas no caderno de capa preta ainda ecoavam em sua mente, tornando impossível qualquer tentativa de descanso. A escola parecia mais silenciosa do que o habitual, como se estivesse aguardando, com paciência sombria, o próximo passo. Algo estava por vir, e Alice sentia o peso daquela expectativa crescente.

Ela se levantou da cama, os pés descalços tocando o chão frio do dormitório. Olhou para o caderno, fechado sobre a mesa, e um arrepio percorreu sua espinha. O conteúdo que havia lido antes parecia penetrar sua mente de maneiras sutis, como se as ideias ali contidas estivessem tentando se enraizar em seu subconsciente. Era difícil distinguir o que eram seus próprios pensamentos e o que já havia sido moldado pelas palavras de Jorge, o fundador da escola.

Alice se vestiu rapidamente e saiu do quarto em silêncio, tentando não acordar as outras alunas. O corredor estava escuro, iluminado apenas por pequenas lâmpadas espalhadas pelas paredes de pedra. Cada passo que dava ecoava no vazio, o som amplificado pelo silêncio absoluto da noite. Algo dentro dela a impulsionava a sair, a investigar mais a fundo o que estava acontecendo na escola. Ela precisava entender o que esperava por ela — e por Tomaz Ferraz — nos misteriosos testes das Forças Vivas.

Enquanto caminhava pelo corredor, lembrou-se da conversa com Tomaz mais cedo naquele dia. Ele mencionara uma sala especial, um lugar onde os testes começavam. Uma sala envolta em mistério, que ninguém parecia disposto a discutir abertamente. Mas era lá que os alunos eram moldados de verdade, onde a escola revelava seu verdadeiro propósito.

Alice sabia que precisava encontrar aquela sala. Não podia entrar nos testes completamente cega, sem saber o que realmente acontecia com os alunos escolhidos. Se ela pudesse descobrir algo antes de ser chamada, talvez houvesse uma chance de evitar o destino que aguardava Sabrina e Helena, ou até mesmo Paulo.

Ela avançou pelos corredores, seu coração batendo mais rápido a cada passo. A escola parecia diferente à noite — mais sombria, mais opressiva. Os corredores que durante o dia estavam cheios de alunos e mestres, agora pareciam infinitamente longos e desolados. Alice sentia que algo a observava, mesmo que não houvesse ninguém ao redor.

Depois de vagar por alguns minutos, ela finalmente chegou a uma ala que raramente visitava. Era a parte mais antiga da escola, onde poucas aulas eram ministradas. Os corredores eram mais estreitos e as paredes, mais gastas, como se aquele espaço tivesse sido esquecido pelo tempo. Alice parou em frente a uma porta de madeira, diferente das outras. Não havia nenhuma placa indicando o que havia do outro lado, mas algo naquela porta a atraía, como se soubesse que era ali.

Ela hesitou por um momento, o medo tentando prendê-la no lugar. O que encontraria do outro lado? E, mais importante, o que aconteceria se fosse pega? Mas a curiosidade e o desejo por respostas foram mais fortes. Alice segurou a maçaneta fria e, lentamente, girou-a, empurrando a porta com cuidado.

O corredor que se revelou do outro lado era ainda mais sombrio do que o anterior. A luz era escassa, e as paredes eram cobertas por tapeçarias antigas, suas cores desbotadas pelo tempo. O ar estava mais pesado ali, e o silêncio parecia mais denso, quase opressor. Alice seguiu em frente, cada passo a levando mais fundo no que parecia ser o coração da escola.

Enquanto caminhava, começou a ouvir algo — um som distante, quase imperceptível. Era baixo, um murmúrio que se misturava com o ambiente, mas conforme se aproximava, o som se tornava mais claro. Vozes. Alguém estava ali.

Ela parou, pressionando-se contra a parede de pedra, tentando acalmar a respiração. As vozes vinham de uma sala à frente, suas palavras ainda indistintas. Com cuidado, Alice se aproximou da origem do som, até encontrar uma pequena abertura em uma das tapeçarias que cobria a parede. Ela se agachou e espiou pelo buraco.

Dentro da sala, ela viu Victor D'Ávila e Leonardo Castilho, de pé diante de um grupo de alunos. A sala era diferente de qualquer outra que Alice já havia visto na escola. Havia símbolos nas paredes que ela não reconhecia, e no centro da sala havia um círculo desenhado no chão, cercado por velas acesas. Os alunos dentro do círculo pareciam imóveis, como se estivessem esperando por alguma ordem. Entre eles, Alice reconheceu Paulo Almeida, com a postura rígida de sempre.

Victor estava falando, sua voz grave e controlada.

— Esta é a última etapa — disse ele, suas palavras carregadas de autoridade. — Vocês estão prestes a transcender os limites que o mundo exterior impõe a todos. Aqui, vocês se tornarão mais do que simples indivíduos. Vocês serão a força do ideal.

Alice sentiu o coração disparar. Ela sabia que estava prestes a testemunhar algo importante, algo que a escola escondia a sete chaves.

— A partir deste momento — continuou Victor —, não há mais volta. Cada um de vocês foi testado, desafiado, e provou que é digno de fazer parte das Forças Vivas. Agora, o último sacrifício deve ser feito.

Alice observou enquanto Castilho se aproximava do círculo, segurando uma pequena caixa de madeira. Ele a abriu lentamente, revelando algo que Alice não conseguiu ver com clareza. O ambiente estava carregado de uma tensão quase palpável. Os alunos dentro do círculo pareciam presos em um estado de antecipação, como se soubessem que o que estava por vir iria mudá-los para sempre.

— Este é o ponto de ruptura — disse Victor, seus olhos faiscando à luz das velas. — Aqui, vocês abandonarão tudo o que ainda os prende ao mundo exterior. Suas antigas vidas, seus pensamentos, suas individualidades. A partir deste momento, vocês pertencem ao ideal. Vocês são o ideal.

Alice não conseguia desviar os olhos. A cena à sua frente era como um ritual, um processo cuidadosamente elaborado para quebrar as últimas barreiras de resistência dos alunos. O

que quer que estivesse dentro da caixa que Castilho segurava, seria o catalisador dessa transformação final.

De repente, Víctor virou a cabeça levemente, como se tivesse sentido algo. Alice se afastou da tapeçaria, prendendo a respiração, o coração martelando no peito. Por um momento, ela teve certeza de que havia sido descoberta. Mas o silêncio permaneceu, e ela não ouviu nenhum movimento em sua direção.

Ainda pressionada contra a parede, Alice tentou recuperar o controle. O que quer que estivesse acontecendo naquela sala, era claro que os testes das Forças Vivas não eram apenas filosóficos ou psicológicos. Era algo muito mais profundo, muito mais perigoso. Ela precisava contar a Tomaz o que havia descoberto, mas, por ora, precisava sair dali sem ser vista.

Com o máximo de cuidado, Alice começou a recuar pelo corredor, certificando-se de que seus passos fossem leves e silenciosos. Cada movimento parecia durar uma eternidade, e o medo de ser pega tornava a tarefa ainda mais difícil. Quando finalmente chegou à porta por onde entrara, ela a abriu com o mínimo de ruído possível e saiu, fechando-a atrás de si com cuidado.

O ar do corredor, apesar de sombrio, parecia mais leve do que o da sala secreta. Alice correu de volta para o dormitório, sua mente correndo tão rápido quanto seus pés. As revelações daquela noite a haviam deixado apavorada. O que quer que estivesse acontecendo nas Forças Vivas era mais sinistro do que qualquer coisa que ela pudesse ter imaginado.

Ao entrar em seu quarto, Alice trancou a porta e se jogou na cama, o coração ainda acelerado. Sabia que agora não havia mais espaço para dúvidas. Ela estava dentro de algo muito maior do que pensava. A escola não era apenas um lugar de aprendizado; era uma armadilha cuidadosamente construída para capturar as mentes e as almas dos que ousavam entrar.

E agora, Alice sabia demais.

Alice Moreau ficou deitada na cama, ofegante e com o coração ainda disparado, enquanto a escuridão do quarto a envolvia. O que ela havia acabado de testemunhar na sala secreta continuava a pulsar em sua mente como um eco incessante. A cerimônia que presenciara, o círculo de alunos, as palavras de Víctor D'Ávila e o que quer que estivesse naquela caixa misteriosa... tudo apontava para algo muito mais sombrio do que ela jamais imaginara. A Escola de Filosofia à Maneira Clássica, que inicialmente parecia ser um refúgio de conhecimento, era na verdade um mecanismo cuidadosamente construído de manipulação e controle.

Ela mal podia acreditar no que seus olhos haviam visto. O que significava “abandonar suas individualidades”? O que aqueles alunos estavam prestes a sacrificar dentro daquele círculo ritualístico? Alice sabia que o próximo passo em direção às Forças Vivas não era apenas um teste acadêmico ou filosófico. Era algo profundo e irreversível. E se ela seguisse por esse caminho, não restaria mais nada de quem ela era.

Por um longo momento, Alice encarou o teto, tentando organizar seus pensamentos. Cada detalhe da cena que havia espiado estava gravado em sua mente, mas a parte mais aterradora era o silêncio cúmplice que pairava sobre tudo. Os alunos que participavam do ritual o faziam com uma passividade perturbadora, como se já tivessem aceitado seu destino. Eles não resistiam. Estavam prontos para se submeter a algo que Alice não conseguia compreender completamente. Mas ela sabia que era perigoso demais.

Com o corpo ainda tenso pela adrenalina, Alice se levantou da cama e caminhou até a janela. O vento frio da madrugada soprava levemente pelas frestas, e ela observou o pátio escuro da escola, que agora parecia tão desolado quanto seus pensamentos. O lugar que antes lhe oferecia promessas de conhecimento agora parecia uma prisão, e cada vez mais, Alice percebia que escapar seria mais difícil do que imaginava.

De repente, um som leve de passos interrompeu seus pensamentos. Alice congelou por um instante, segurando a respiração. Os passos eram lentos, meticulosos, como se alguém estivesse andando com o propósito de não ser notado. Eles se aproximavam cada vez mais do seu quarto, e o coração de Alice acelerou novamente. Ela se afastou da janela, tentando controlar a mente. Seria Tomaz? Ou talvez um dos mestres, como Victor ou Castilho, que de alguma forma souberam que ela havia espiado o ritual?

Os passos pararam diante de sua porta, e o silêncio que se seguiu foi opressor. Alice ficou parada no meio do quarto, sem saber o que fazer. O medo de ser descoberta a paralisou, mas logo em seguida, uma leve batida na porta ecoou pela sala, suave, quase imperceptível.

Ela respirou fundo e, com cautela, foi até a porta. Sem abrir, perguntou:

— Quem está aí?

Do outro lado, uma voz sussurrada respondeu:

— Sou eu... Tomaz. Abra.

Alice abriu a porta o suficiente para vê-lo e puxou Tomaz para dentro rapidamente, fechando a porta atrás de si.

— O que você está fazendo aqui a essa hora? — sussurrou Alice, tentando manter a voz controlada, mas o alívio por ver que não era alguém da escola logo deu lugar à urgência da situação.

— Eu precisava te ver — respondeu Tomaz, a expressão no rosto dele tão preocupada quanto a de Alice. — Algo está acontecendo, e eu tinha que falar com você antes que fosse tarde.

Alice o encarou por um momento, tentando ler nas entrelinhas o que ele queria dizer. Ela sabia que a tensão entre os dois havia aumentado desde que foram alertados sobre os

testes das Forças Vivas. Tomaz parecia ter um pressentimento sombrio sobre o que estava por vir, e agora, depois do que Alice havia testemunhado, ela também.

— Tomaz, eu vi algo — começou Alice, sem esperar que ele continuasse. — A sala secreta, os rituais. Eu os segui. Victor, Castilho... Paulo e outros estavam lá. Eles estavam realizando uma espécie de cerimônia. Falaram sobre abandonar a individualidade, sobre o último sacrifício.

Tomaz a encarou, surpreso, mas ao mesmo tempo como se esperasse por isso.

— Então, é verdade — disse ele, sua voz baixa e grave. — Eu também ouvi alguns sussurros sobre isso. Não é só filosofia. Eles querem mais. Eles estão transformando as pessoas em algo... diferente. Todos os que passam por esses rituais... você já viu o que acontece com eles depois. Eles perdem qualquer traço de quem eram. Se tornam peças da escola.

Alice sentiu um arrepio percorrer sua espinha. Ela sabia que estava perto da verdade, mas ouvir aquilo de Tomaz solidificava seus piores temores.

— Precisamos sair daqui, Tomaz — disse Alice, sua voz trêmula. — Isso não é apenas um teste. Eles querem apagar quem somos. E se entrarmos nesse ciclo, não haverá mais volta.

Tomaz assentiu, mas havia algo mais em seus olhos, uma hesitação.

— Eu sei, Alice. Mas sair daqui não é tão simples. Eles estão observando tudo. Se perceberem que estamos tentando fugir ou resistir, podem nos parar. Eles controlam tudo dentro dessa escola.

Alice sabia que ele estava certo. Tudo parecia cuidadosamente vigiado, e os mestres, especialmente Victor e Castilho, pareciam ter olhos e ouvidos em todos os lugares. Nenhum aluno escapava do controle invisível que permeava cada canto daquele lugar. Mas agora que Alice havia visto com seus próprios olhos o que realmente acontecia, fugir era a única opção.

— Mas nós precisamos tentar — insistiu Alice. — Não podemos deixar que eles façam isso conosco. Se formos chamados para aquele ritual... — Ela não conseguiu terminar a frase. A ideia de se tornar como Paulo, Sabrina, ou Helena, de perder tudo o que a definia como pessoa, era insuportável.

Tomaz olhou para ela, sua expressão suavizando um pouco. Ele sabia o quanto aquilo também a aterrorizava.

— Está bem, Alice — disse ele, suspirando. — Vamos encontrar uma maneira. Mas precisamos ser extremamente cuidadosos. Se perceberem qualquer coisa, estamos acabados.

Alice assentiu, sentindo um pouco do pânico diminuir com o plano que começava a se formar. Não seria fácil, mas ela sabia que, junto com Tomaz, teria uma chance. Uma chance de escapar daquilo que consumira tantos outros antes deles.

— Vamos descobrir mais sobre a sala secreta — sugeriu Tomaz, seu tom mais decidido agora. — Precisamos entender como os rituais funcionam e como eles controlam os alunos que participam. Talvez haja uma falha no sistema, algo que possamos usar a nosso favor.

Alice concordou com um aceno de cabeça. Sabia que investigar mais seria arriscado, mas também era a única maneira de encontrar uma saída. Eles não podiam simplesmente fugir às cegas; precisavam entender com o que estavam lidando.

— Amanhã, depois da aula, podemos tentar voltar lá — sugeriu Alice, já traçando mentalmente o caminho que fizera naquela noite. — Se descobrirmos mais, talvez possamos pensar em uma maneira de impedir que nos forcem a participar desse ritual.

Tomaz assentiu, seu rosto refletindo a mesma determinação de Alice. Sabiam que, com o tempo se esgotando, cada movimento precisava ser calculado com precisão.

— Amanhã — repetiu ele, como se selasse o acordo. — Amanhã, descobriremos o que está acontecendo naquela sala.

Com isso, ele deu um último olhar para Alice antes de se virar e sair do quarto, deixando-a sozinha mais uma vez. Alice trancou a porta e voltou a deitar-se, o coração ainda batendo rápido, mas com um novo propósito em mente. Agora, mais do que nunca, ela sabia que precisava escapar daquele lugar antes que fosse tarde demais.

O sono não veio fácil naquela noite. Alice passou horas acordada, a mente correndo, revivendo os detalhes da sala secreta, as palavras de Victor e o semblante vazio de Paulo. O relógio da escola parecia estar correndo contra ela, mas Alice sabia que não desistiria. Ela e Tomaz precisavam descobrir mais. Precisavam encontrar uma forma de sair antes que a escola conseguisse apagá-los completamente.

Ao amanhecer, o que estava em jogo era mais claro do que nunca.

Capítulo 4: A Primeira Prova

O sol ainda não havia surgido completamente no horizonte quando Alice Moreau acordou com o som distante dos sinos da escola, que anunciavam o início de mais um dia. A noite anterior havia sido uma luta contra seus próprios pensamentos, e o pouco sono que conseguiu fora interrompido por pesadelos nebulosos — figuras encapuzadas, círculos ritualísticos, e a sensação constante de estar sendo observada. Agora, com o nascer do dia, a realidade parecia ainda mais pesada.

Ela se levantou lentamente, sentindo o corpo exausto, mas a mente alerta. O que ela e Tomaz haviam discutido na noite anterior ainda ecoava em sua cabeça: descobrir mais sobre os rituais, entender o funcionamento das Forças Vivas, e, acima de tudo, evitar o destino que aguardava os alunos envolvidos naquela misteriosa cerimônia.

Enquanto se vestia, Alice não pôde evitar olhar para o caderno de capa preta sobre sua mesa. Havia algo de perturbador naquela simples peça de papel e tinta. Cada página era como um passo mais fundo em um labirinto, e Alice sabia que, ao continuar seguindo as ordens da escola, cada vez mais sua mente seria moldada para se conformar ao ideal que pregavam. E isso a aterrorizava. O que ela vira na sala secreta na noite anterior era prova suficiente de que os mestres não estavam apenas interessados no aprendizado dos alunos — eles estavam interessados em transformá-los.

O corredor do dormitório estava mais movimentado do que o normal quando Alice saiu. Alunos apressavam-se para o refeitório, e havia um murmúrio constante de conversas sussurradas, como se algo estivesse no ar, prestes a acontecer. Alice sentiu uma tensão familiar crescer em seu peito enquanto caminhava entre eles. Mesmo sem entender completamente o que viria, sabia que as coisas estavam mudando, e não para melhor.

No refeitório, Alice avistou Clara Montenegro em uma mesa no canto, e ao lado dela, Helena Vasconcellos. Helena, como sempre, mantinha a postura impecável e o olhar fixo, como se estivesse completamente alheia às preocupações normais dos outros alunos. Ela não parecia mais uma estudante — parecia uma discípula.

Alice pegou seu café da manhã rapidamente e se sentou do outro lado da sala, longe o suficiente para observar os movimentos sem ser notada. Seus pensamentos voltaram à noite anterior, às palavras de Tomaz e ao que precisavam descobrir sobre a sala secreta. Mas antes que pudesse se aprofundar demais em suas próprias reflexões, uma figura familiar apareceu na entrada do refeitório.

Victor D'Avila entrou, sua presença imponente fazendo com que o burburinho no ambiente cessasse imediatamente. Seus olhos percorreram a sala com a mesma frieza calculada de sempre, e Alice teve a sensação de que ele sabia exatamente o que todos ali estavam pensando. Ao lado dele, estava Leonardo Castilho, seu fiel segundo em comando. Castilho sempre mantinha a expressão dura, quase militar, e sua presença ao lado de Victor fazia com que qualquer vestígio de dúvida desaparecesse.

Alice manteve a cabeça baixa, tentando parecer invisível enquanto ouvia a voz firme de Victor soar pelo salão.

— Hoje, começamos um novo ciclo — anunciou ele, a voz ressoando pelo espaço. — Aqueles que foram escolhidos para as Forças Vivas serão chamados para sua primeira prova. A partir de agora, suas ações determinarão seu futuro nesta escola e, mais importante, em sua jornada para transcender os limites deste mundo.

Alice sentiu um nó se formar em sua garganta. Era isso. A primeira prova. O que quer que estivesse prestes a acontecer, seria o início do processo para moldá-la — ou destruí-la.

Victor continuou.

— Paulo Almeida, Helena Vasconcellos, Alice Moreau. — Ele fez uma pausa, e os olhos de Alice se ergueram, encontrando o olhar firme de Victor. — Vocês devem se apresentar na ala oeste da escola imediatamente após o café da manhã. O caminho à frente será desafiador, mas é necessário para provar sua dedicação ao ideal.

Alice engoliu em seco. O refeitório parecia ter ficado mais silencioso com o anúncio. Ela olhou para os outros alunos chamados, mas Paulo e Helena estavam calmos, suas expressões não revelavam qualquer emoção. Eles estavam prontos. Mas Alice não. Tudo dentro dela gritava para não ir, para se afastar daquilo que sabia ser perigoso. Mas ao mesmo tempo, sabia que resistir abertamente não era uma opção. Ela precisava seguir, pelo menos por agora.

Terminado o anúncio, Victor e Castilho deixaram o refeitório, e o burburinho recomeçou, mais intenso dessa vez. Alice mal conseguiu terminar sua refeição. O tempo parecia escoar mais rápido do que o normal, como se a realidade estivesse empurrando-a para o inevitável. Ela sabia que Tomaz queria descobrir mais sobre o que acontecia, mas agora ela mesma estava sendo arrastada para o centro de tudo.

Quando o café da manhã terminou, Alice se levantou, o corpo tenso, e começou a caminhar em direção à ala oeste. O frio no ar parecia mais intenso, ou talvez fosse apenas o medo que agora crescia em seu peito. A cada passo, ela sentia o peso do que estava por vir, a incerteza do que a aguardava na primeira prova.

Chegando à ala oeste, Alice encontrou Paulo e Helena já esperando, em silêncio. Os dois mantinham a mesma postura impassível, mas Alice sabia que estavam preparados de uma maneira que ela ainda não estava. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, as portas da sala à frente se abriram, e Victor apareceu, ladeado por Castilho.

— Entrem — disse Victor, seu tom autoritário.

Alice respirou fundo e seguiu os outros dois para dentro da sala. O espaço era sombrio e austero, com poucas janelas que deixavam entrar apenas uma luz fraca. No centro, havia três cadeiras posicionadas em frente a uma mesa coberta por velas e símbolos que Alice ainda não conseguia identificar. Castilho caminhou até a mesa e colocou três envelopes selados, um para cada aluno.

Victor começou a falar, sua voz cheia de gravidade.

— Vocês foram escolhidos porque demonstraram dedicação e obediência até agora. Mas esta é a primeira verdadeira prova. Cada um de vocês encontrará dentro desses envelopes o desafio que deverá enfrentar. Cada desafio será único e foi designado para testar as fraquezas que vocês ainda não superaram.

Alice pegou o envelope que lhe foi entregue, o papel grosso e pesado em suas mãos, como se contivesse seu destino. Seus dedos tremeram levemente ao tocar o selo, uma sensação de ansiedade dominando seus pensamentos. Ela olhou de relance para Paulo e Helena, que já seguravam os próprios envelopes com uma calma que Alice não conseguia compartilhar.

— Abram — ordenou Victor.

Alice fechou os olhos por um segundo antes de rasgar o selo. Ela puxou o papel dobrado de dentro do envelope e leu as palavras que estavam escritas, sentindo o estômago revirar enquanto a realidade de seu teste se revelava.

“Enfrente a sala dos espelhos. Lá, verá quem você realmente é. O que encontrará depende apenas de você.”

Alice piscou, confusa. Sala dos espelhos? O que aquilo significava? Ela olhou para os outros, mas Paulo e Helena mantinham os olhos fixos em suas próprias instruções, e nenhum deles parecia disposto a compartilhar qualquer detalhe do que havia recebido.

Victor, percebendo a inquietação de Alice, deu um leve sorriso — um gesto frio e distante.

— A sala dos espelhos — explicou ele, como se estivesse lendo seus pensamentos — é um teste de autoconsciência. Não se preocupe, Alice. Todos enfrentam essa prova em algum momento. E aqueles que a superam... nunca mais são os mesmos.

Essas palavras não eram reconfortantes. Pelo contrário, o tom de Victor as tornava ainda mais ameaçadoras. Alice sabia que estava sendo enviada para algo que mexeria com sua mente, que testaria seus limites de maneira que ela ainda não compreendia. Mas não havia mais como voltar atrás. Ela já estava no meio da prova.

— A jornada começa agora — concluiu Victor. — Que o ideal os guie.

Com isso, Castilho fez um gesto para que Paulo, Helena e Alice se levantassem e seguissem em frente. Cada um tinha seu próprio caminho a trilhar, seu próprio teste a enfrentar. Alice sentiu o peso do envelope vazio em suas mãos, como se fosse um lembrete do que estava por vir.

Sem outra palavra, ela seguiu na direção indicada, rumo à sala dos espelhos.

Alice Moreau caminhava pelos corredores da escola, o silêncio ao seu redor quase tão opressor quanto o peso das palavras que acabara de ler. A “sala dos espelhos” ainda soava enigmática, mas o tom na voz de Victor D’Avila indicava que não seria um teste simples.

Cada passo que dava a aproximava daquele local misterioso, onde seria confrontada com algo profundo, talvez até aterrorizante, sobre si mesma. O que Victor quisera dizer com “nunca mais são os mesmos”? Que tipo de transformação a aguardava?

As paredes ao longo do corredor pareciam mais fechadas, como se o próprio prédio estivesse vivo, observando-a enquanto se aproximava do destino. Alice sabia que, uma vez dentro da sala, não haveria espaço para hesitação. A única escolha era seguir em frente, enfrentar o que quer que fosse, ou então se perder dentro da teia de controle que a escola tecia ao redor de seus alunos.

Quando finalmente chegou à porta indicada, Alice hesitou. A porta de madeira era simples, sem qualquer identificação, exceto por uma placa pequena, quase imperceptível, que dizia apenas “Sala dos Espelhos”. Ela sentiu um arrepio subir pela espinha. Aquela porta não parecia ser a entrada para uma sala comum; era como se fosse um portal para algo muito maior e mais perigoso. Alice respirou fundo, tentando acalmar seus nervos, e girou a maçaneta.

O interior da sala era escuro, iluminado apenas por uma luz fraca que pendia do teto, criando sombras alongadas nas paredes. No centro do ambiente, um grande espelho dominava a cena, mas não era como os espelhos normais. A superfície parecia ondular levemente, como se estivesse viva, refletindo algo mais do que a simples aparência de quem olhasse. Ao redor dele, havia outros espelhos menores, dispostos de maneira irregular nas paredes, em diferentes ângulos, distorcendo o reflexo de tudo ao seu redor.

Alice deu um passo hesitante para dentro, fechando a porta atrás de si. O silêncio era absoluto, e ela sentiu como se tivesse acabado de entrar em outro mundo, uma dimensão onde o tempo e o espaço eram maleáveis. O ar na sala estava denso, e ela podia sentir a leve eletricidade no ambiente, como se a sala em si estivesse esperando por algo — ou por alguém.

Ela se aproximou do grande espelho no centro, sua própria imagem se distorcendo levemente conforme se movia. Não era como qualquer espelho que já havia visto. A superfície brilhava de forma estranha, como se fosse feita de uma substância líquida e sólida ao mesmo tempo. Quando Alice olhou mais de perto, notou que seu reflexo parecia mais fraco, como uma versão dela mesma, mas desfocada, quase indistinta. Um sentimento de desconforto tomou conta dela, como se o espelho estivesse capturando mais do que sua imagem física — estava sugando algo de sua mente, algo de sua própria essência.

De repente, uma voz baixa e suave ecoou pela sala, fazendo com que Alice se sobressaltasse.

— Quem você vê quando olha no espelho, Alice?

Ela girou rapidamente, tentando identificar a origem da voz, mas não havia ninguém ali. A sala estava vazia. O som parecia vir de todos os lugares e de lugar nenhum ao mesmo tempo, como se fosse parte do ambiente.

— Quem você realmente é? — continuou a voz, agora mais próxima. — Este é o seu teste. Enfrente o que está diante de você, ou continue fugindo de si mesma.

Alice virou-se de volta para o espelho, seus olhos fixos na superfície ondulante. Sua respiração estava entrecortada, e uma sensação de pavor tomou conta dela. O reflexo no espelho começou a mudar. Não era mais apenas seu rosto que ela via. Era uma versão distorcida dela, uma Alice que parecia mais velha, mais cansada, como se estivesse sendo consumida lentamente por algo invisível. Seus olhos, que antes eram cheios de vida, estavam agora apagados, sem brilho.

Ela deu um passo para trás, o coração batendo acelerado.

— O que é isso? — sussurrou Alice, mas a voz na sala não respondeu.

De repente, os espelhos ao redor começaram a reagir, projetando versões diferentes de Alice, cada uma mais estranha que a anterior. Em um dos espelhos, ela se via como uma criança, pequena e frágil, com os olhos cheios de medo. Em outro, sua imagem era de uma jovem, perdida em uma floresta sombria, correndo sem destino. O reflexo seguinte mostrava uma Alice diferente, vestida com o uniforme das Forças Vivas, o rosto impassível, sem emoções, como se todo o traço de sua antiga personalidade tivesse sido apagado.

Alice deu mais um passo para trás, tentando processar o que estava acontecendo. O espelho central, porém, capturou sua atenção novamente. Sua imagem estava mudando outra vez. Agora, ela via não apenas uma versão futura de si mesma, mas algo que parecia mais profundo, mais íntimo. Ela via seus próprios medos refletidos ali, cada insegurança e dúvida que carregava desde que entrara na escola. O espelho parecia brincar com suas emoções, amplificando cada pensamento negativo, fazendo com que se sentisse pequena, insignificante diante da vastidão do que estava enfrentando.

— O que você teme, Alice? — a voz sussurrou novamente, como um sussurro na nuca.

Alice fechou os olhos, tentando afastar as visões, mas elas não desapareceram. O reflexo de uma Alice completamente submissa, parte das Forças Vivas, sem personalidade, sem vontade própria, continuava a assombrá-la. Esse era o verdadeiro teste. Não era apenas sobre o que ela poderia fazer — era sobre quem ela realmente era e quem poderia se tornar se continuasse naquele caminho.

Quando abriu os olhos novamente, o espelho central a mostrou de forma ainda mais nítida. Desta vez, a versão dela refletida parecia estar em uma prisão invisível, com correntes nos pulsos e tornozelos. Era uma imagem poderosa, que simbolizava a armadilha que a escola havia se tornado. Alice sentiu um nó se formar em sua garganta. Ela estava vendo o futuro que a esperava se não encontrasse uma maneira de escapar.

— Este é o destino que você escolheu — a voz disse, com um tom frio. — Você ainda pode voltar. Mas se continuar, saiba que será consumida, assim como todos os outros. O ideal não deixa espaço para a individualidade. Você deixará de ser Alice Moreau. Será apenas uma ferramenta.

Alice respirou fundo, lutando contra o pânico que ameaçava dominá-la. Ela sabia que aquele era o ponto crítico, o momento decisivo. A escola estava tentando quebrá-la, forçando-a a confrontar o que mais temia. Mas, ao mesmo tempo, ela sabia que o espelho estava mostrando verdades dolorosas. A transformação que a escola exigia não era algo abstrato — era real, e ela já havia visto os efeitos em Sabrina, Helena e Paulo.

Ela não podia permitir que isso acontecesse com ela. Alice ainda era dona de si, ainda era capaz de resistir, mesmo que tudo ao seu redor estivesse tentando destruí-la.

Com um esforço enorme, ela se forçou a olhar para o espelho uma última vez. Desta vez, não desviou o olhar, enfrentando a imagem distorcida de si mesma de frente. Sabia que aquele teste não era apenas sobre enfrentar o que a escola queria que ela visse, mas sobre resistir ao que queriam que ela se tornasse.

— Eu sou Alice Moreau — murmurou, a voz trêmula, mas determinada. — E vocês não vão me destruir.

No momento em que disse isso, o espelho central começou a tremer levemente, como se estivesse reagindo à sua declaração de resistência. As distorções começaram a desaparecer, as imagens desvanecendo-se até que sua própria imagem real voltou a aparecer na superfície do espelho. Ela ainda estava ali. Ainda era ela.

A sala pareceu respirar, e a pressão no ambiente diminuiu. O teste ainda não estava completo, mas Alice sabia que havia dado um passo importante. Não seria fácil escapar do que a escola queria, mas, pela primeira vez, sentiu que tinha uma chance.

O reflexo no espelho, agora nítido, a encarava de volta, e Alice percebeu que, embora estivesse cercada por forças que tentavam moldá-la, ainda tinha algo que ninguém poderia tirar.

Alice continuou encarando seu reflexo no espelho central, agora mais estável, mais real. Sua própria imagem parecia mais clara, e por um breve momento, ela se permitiu acreditar que havia conquistado algum controle sobre o teste. Mas logo a sala dos espelhos começou a mudar novamente. As luzes que pendiam do teto tremeluziram e, um a um, os outros espelhos ao redor começaram a refletir novas imagens de Alice, como se a sala ainda estivesse jogando com seus medos, testando suas convicções.

Agora, os espelhos mostravam diferentes versões dela, não distorcidas fisicamente, mas emocionalmente. Em um dos espelhos, Alice viu a si mesma sozinha, isolada em um mundo desolado, sem ninguém com quem compartilhar suas angústias. No reflexo, seu rosto era sombrio, abatido pela solidão. Era uma Alice que não tinha mais apoio, sem Tomaz, sem amigos — completamente à mercê da escola e de seus mestres. Outro espelho, à sua esquerda, refletia uma Alice submissa, curvada diante de Victor D'Avila, com os olhos vazios, aceitando cegamente tudo o que ele dizia, como uma discípula sem vontade própria.

Alice sentiu seu estômago revirar. A cada novo reflexo, a realidade ficava mais clara: a escola não estava interessada apenas em seu aprendizado. O objetivo era quebrá-la de dentro para fora, destruir suas dúvidas e moldá-la para servir a um propósito que não era

dela. O espelho na frente dela continuava refletindo sua própria imagem, inabalável por enquanto, mas o que os outros espelhos mostravam era o que ela poderia se tornar se perdesse a batalha interna.

— Não é apenas o que você vê no espelho, Alice — sussurrou a voz misteriosa que parecia emanar das paredes da sala. — É quem você está destinada a se tornar. A menos que se entregue, você sempre estará sozinha, sempre estará em conflito.

A sensação de isolamento era crescente, e Alice sentiu um frio subir pela espinha. As palavras da voz estavam impregnadas de uma verdade cruel. Ela sabia que, de certa forma, havia uma solidão no caminho que escolhera — o caminho de resistir ao controle da escola. Ao observar Paulo, Helena, e os outros que se entregaram às Forças Vivas, era óbvio que a conformidade oferecia uma forma de segurança, de pertencimento. Mas ao preço de perder o que eram. A escola oferecia uma saída, mas exigia a alma em troca.

Alice começou a andar pela sala, aproximando-se dos outros espelhos, tentando controlar sua respiração. Ela se aproximou de um reflexo que mostrava uma versão dela, presa em uma jaula invisível. No espelho, seus olhos imploravam por liberdade, mas a boca não conseguia se mover. Era como se estivesse sufocada por correntes invisíveis, como as que sentia ao redor de todos os que se entregavam à escola. Esse reflexo parecia quase palpável, como se tentasse sugá-la para dentro da imagem.

— Você pode se libertar, mas primeiro precisa se render — disse a voz, um sussurro quase hipnótico. — O ideal é maior do que qualquer um de nós. Apenas quando abrir mão do que você pensa ser, poderá alcançar a verdadeira paz.

Alice cerrou os punhos, sentindo uma raiva crescer dentro dela. As palavras da escola, a doutrina que Victor pregava, eram todas envoltas em promessas de liberdade e transcendência, mas na verdade escondiam um mecanismo de controle. A cada passo que Alice dava dentro daquele lugar, ficava mais claro que a escola não estava interessada em ajudá-la a encontrar respostas filosóficas — queria que ela abandonasse todas as perguntas, todo o pensamento crítico.

Ela se aproximou de outro espelho, que mostrava a mesma Alice de antes, em uma versão uniformizada, fazendo parte das Forças Vivas, com o mesmo olhar vazio de Helena. Essa imagem a fez parar, congelada por um instante. Alice sabia que aquela era a visão do futuro que a escola esperava para ela — um futuro onde sua individualidade seria destruída em nome de algo maior, um ideal que não era dela. Ela sabia que, se se entregasse ao sistema, poderia escapar do medo constante, da dúvida, da solidão... mas, ao custo de perder tudo o que a fazia ser quem era.

A voz continuou sussurrando, tentando convencê-la de que a entrega era o único caminho.

— A resistência só traz sofrimento, Alice. Olhe ao seu redor. Veja como todos estão em paz. Você também pode estar. Basta seguir o caminho que está à sua frente.

Alice fechou os olhos, tentando bloquear aquelas palavras. Ela sabia que esse era o verdadeiro teste. Não se tratava de enfrentar monstros ou desafios físicos, mas de resistir à

lavagem cerebral que a escola estava tentando impor. A sala dos espelhos era um campo de batalha psicológico, onde seus medos e inseguranças eram usados contra ela, na tentativa de fazê-la desistir de quem era.

Mas Alice sabia que, se cedesse, se desse esse passo, não haveria mais volta. Tornar-se uma das Forças Vivas não significaria apenas obediência cega aos mestres — significaria abrir mão de sua própria identidade. E isso era algo que ela não estava disposta a perder.

— Eu não vou me entregar — disse Alice, sua voz tremendo, mas firme. — Eu sei quem eu sou. E sei que vocês não podem tirar isso de mim.

Quando disse isso, o espelho central tremeu novamente, e as distorções começaram a desaparecer. Os reflexos ao redor ainda a pressionavam, ainda mostravam versões de si que a aterrorizavam, mas agora Alice entendia o que precisava fazer. A escola queria que ela acreditasse que não tinha escolha, que a única maneira de sobreviver era se submeter. Mas ela tinha uma escolha. E, por mais difícil que fosse, estava decidida a resistir.

O espelho central começou a brilhar levemente, e os reflexos distorcidos que cercavam Alice começaram a desaparecer, um a um, como se sua força de vontade estivesse dismantelando a ilusão. Ela sabia que não havia vencido completamente, que a escola ainda tinha muitas formas de tentar quebrá-la, mas por enquanto, havia conseguido se manter firme.

Quando o último espelho perdeu sua distorção, Alice se viu novamente no reflexo central, mas desta vez, seu reflexo parecia mais forte, mais seguro. Ainda era ela, com todas as suas dúvidas e medos, mas algo dentro dela havia mudado. Havia uma centelha de resistência que agora queimava mais forte, uma determinação que a escola não havia conseguido extinguir.

A porta da sala se abriu com um som lento e ameaçador. Alice se virou e viu Leonardo Castilho parado na entrada, sua expressão dura e fria como sempre.

— Acabou? — perguntou ele, como se já soubesse a resposta.

Alice assentiu, mas não disse nada. Castilho a observou por um momento, como se estivesse avaliando o impacto do teste sobre ela.

— Nem todos passam por este teste da mesma forma — disse ele, sua voz impessoal. — Mas você sobreviveu. Isso é o que importa.

Alice sabia que sobreviver ao teste era apenas o começo. A escola ainda tinha muitos outros desafios à sua frente, e ela precisava estar preparada para resistir a cada um deles. Enquanto seguia Castilho para fora da sala dos espelhos, seu coração ainda batia rápido, mas sua mente estava clara. O teste fora uma amostra do que a escola tentava fazer com todos os alunos, uma tentativa de dobrar suas mentes e almas.

Agora, Alice sabia com mais certeza do que nunca que a verdadeira batalha seria travada dentro dela mesma.

Capítulo 5: A Reunião Secreta

A sala dos espelhos estava atrás de Alice, mas o impacto do que ela havia vivenciado ainda reverberava em sua mente. Cada passo que dava pelos corredores da escola era mais pesado, carregado pela experiência estranha e perturbadora. Ela havia enfrentado o que a escola esperava que fosse o primeiro passo para moldá-la, mas havia resistido, por enquanto. O teste fora difícil, mas Alice sentia que o verdadeiro desafio ainda estava por vir.

Quando saiu do prédio e voltou para o pátio, o céu já começava a escurecer, anunciando o fim de mais um dia. O frio no ar se intensificava, e a escola parecia mais sombria, como se os próprios prédios estivessem observando seus movimentos. Alice sabia que os olhos invisíveis dos mestres estavam sempre presentes, avaliando cada aluno, observando cada decisão. Victor D'Avila e Leonardo Castilho não precisavam estar fisicamente presentes para que ela sentisse sua influência.

Ela precisava de respostas. E, mais do que isso, precisava de uma maneira de escapar daquele lugar antes que os próximos testes a consumissem completamente. Havia sobrevivido à sala dos espelhos, mas Alice sabia que a escola continuaria a tentar quebrá-la de outras formas. O tempo era limitado, e ela e Tomaz Ferraz sabiam que se não encontrassem uma maneira de entender o que realmente estava acontecendo, acabariam como Paulo Almeida e os outros — meros instrumentos da doutrina da escola.

Alice olhou ao redor do pátio, procurando por Tomaz. Ele havia mencionado que precisavam se encontrar novamente, mas o local e o momento haviam sido escolhidos com cuidado. Não podiam correr o risco de serem vistos juntos em um lugar suspeito, especialmente após o teste que ela acabara de enfrentar. Qualquer passo em falso poderia atrair atenção indesejada, e eles não sabiam até onde a vigilância da escola poderia chegar.

Ela avistou uma figura familiar perto do antigo jardim, quase oculto pelas sombras das árvores. Era Tomaz, esperando por ela com um olhar ansioso. Alice apressou o passo, certificando-se de que ninguém estivesse observando. Quando chegou perto dele, Tomaz deu um leve aceno e a puxou para um lugar mais afastado, longe dos olhares curiosos dos outros alunos.

— Você está bem? — perguntou ele, baixando a voz para que ninguém mais pudesse ouvir.

Alice assentiu, mas a expressão no rosto dela dizia outra coisa. Estava exausta, tanto física quanto mentalmente. A sala dos espelhos a havia desgastado de maneiras que ela ainda estava tentando entender.

— Consegui passar pelo teste, mas... — Alice hesitou, como se as palavras pesassem demais. — Eles estão tentando quebrar a gente, Tomaz. Não é só sobre obediência ou lealdade. Eles querem que a gente se perca, que a gente desista de quem somos.

Tomaz respirou fundo, visivelmente aliviado por vê-la de pé, mas preocupado com o que isso significava para o futuro deles.

— Eu sabia que seria algo assim. A escola sempre falou sobre sacrifício e entrega, mas isso... é muito pior do que imaginávamos, não é?

— Muito pior — respondeu Alice, com um tom sombrio. — Eles me colocaram frente a frente com meus medos, me forçaram a questionar minha própria identidade. O espelho... mostrava versões de mim que eu mal reconhecia. Eu vi o que aconteceria se eu cedesse, Tomaz. E não posso deixar isso acontecer.

Tomaz olhou ao redor, certificando-se novamente de que ninguém estivesse por perto. Ele se aproximou mais de Alice, sua voz baixa e urgente.

— Nós temos que sair daqui, Alice. Não podemos continuar participando desses testes. Quanto mais tempo ficamos, mais difícil vai ser escapar. Eu estive ouvindo alguns boatos... coisas que ninguém fala abertamente. Tem uma reunião secreta acontecendo esta noite, entre os mestres. Eu ouvi Sabrina e Helena conversando rapidamente sobre isso. Eles mencionaram algo que me deixou preocupado.

Alice franziu a testa, surpresa e desconfiada.

— Reunião secreta? O que você acha que eles estão planejando?

Tomaz passou a mão pelos cabelos, claramente frustrado por não ter todas as respostas.

— Não sei exatamente, mas eles mencionaram algo sobre “a segunda prova” e que só alguns poucos passarão. Eles também falaram sobre a “verdadeira lealdade”, como se o que estamos vivendo até agora fosse apenas um prelúdio. Parece que esses testes que enfrentamos são apenas o começo de algo muito maior.

Alice sentiu um frio na espinha ao ouvir isso. A sala dos espelhos havia sido perturbadora o suficiente, mas se aquilo era apenas o começo, o que mais poderia estar reservado para eles? Cada vez mais, a escola se revelava como uma armadilha intrincada, e Alice temia que, a cada teste, estivesse caindo mais fundo nela.

— Precisamos descobrir mais sobre essa reunião — disse Alice, a urgência em sua voz clara. — Talvez possamos ouvir o que eles estão planejando e descobrir uma maneira de sair antes que seja tarde demais.

Tomaz assentiu, mas a preocupação em seus olhos não desapareceu.

— Vai ser arriscado, mas acho que podemos conseguir. A reunião será na ala oeste, em uma sala que fica abaixo da biblioteca. Eu ouvi Sabrina dizer que essa sala é onde os mestres discutem os assuntos mais... sensíveis. Eles não querem que os outros alunos saibam o que está sendo discutido lá.

Alice sentiu o coração acelerar. Se pudessem descobrir o que os mestres estavam planejando, teriam uma vantagem, mesmo que mínima. Mas, ao mesmo tempo, sabia que esse tipo de risco era perigoso. Se fossem descobertos espionando uma reunião secreta, as consequências seriam graves.

— Nós temos que tentar — disse Alice, firme. — Não temos escolha. Se soubermos o que eles estão planejando, podemos antecipar o próximo movimento. E se for o caso, podemos fugir antes que eles nos coloquem em outra prova.

Tomaz olhou para ela por um longo momento, claramente ponderando os riscos. Finalmente, ele assentiu, com uma expressão resoluta.

— Certo. Vamos fazer isso. Hoje à noite. Encontre-me aqui, no jardim, logo após o toque de recolher. Vamos nos infiltrar na sala abaixo da biblioteca e ver o que conseguimos descobrir.

Alice concordou, sentindo a tensão aumentar dentro de si. Sabia que o que estavam prestes a fazer era extremamente arriscado, mas não havia outra alternativa. A cada dia que passava, a escola apertava mais as garras ao redor deles, e o tempo para escapar estava se esgotando.

Quando o toque de recolher soou naquela noite, Alice estava pronta. Seu corpo ainda sentia os efeitos da exaustão mental da sala dos espelhos, mas sua mente estava focada no que precisava ser feito. Ela saiu do dormitório em silêncio, movendo-se pelas sombras, até encontrar Tomaz no jardim, como haviam combinado.

Ele já estava esperando por ela, os olhos atentos e a postura tensa. Alice sentiu um misto de medo e determinação. Se fossem pegos, seria o fim de tudo. Mas se tivessem sucesso, talvez finalmente entendessem o que a escola realmente queria deles — e como escapar.

— Pronta? — sussurrou Tomaz, enquanto olhava ao redor para se certificar de que ninguém os seguia.

Alice assentiu, sem dizer uma palavra. Não havia mais tempo para hesitação. Ela e Tomaz seguiram em direção à ala oeste da escola, movendo-se rapidamente e em silêncio. O corredor que levava à biblioteca estava escuro e deserto, o que tornava o ambiente ainda mais opressor. Ao chegarem à entrada lateral, que dava acesso aos níveis inferiores da biblioteca, Tomaz parou e olhou para Alice, como se estivesse se certificando de que ela ainda estava com ele.

— Aqui é onde as coisas ficam perigosas — sussurrou ele. — A sala onde a reunião vai acontecer fica logo abaixo. Precisamos ser rápidos e discretos.

Alice sentiu seu coração bater acelerado. Tudo o que haviam planejado culminava naquele momento. Eles desceram as escadas que levavam ao subsolo da biblioteca, o ambiente ficando cada vez mais sombrio e claustrofóbico à medida que avançavam.

Quando chegaram ao andar inferior, Alice ouviu vozes abafadas vindas de uma porta à frente. Era a reunião secreta.

Alice e Tomaz pararam na base das escadas, o silêncio entre eles tão denso quanto o ar pesado daquele corredor subterrâneo. As vozes abafadas à frente indicavam que a reunião já havia começado, e o som reverberava pelas paredes de pedra, tornando impossível

distinguir palavras claras, mas era evidente que havia um tom de seriedade, talvez até de urgência, no que estava sendo discutido.

Tomaz fez um sinal para Alice, indicando que ela deveria segui-lo com cuidado. Eles se aproximaram da porta de madeira grossa e desgastada, tentando não fazer nenhum ruído. Alice prendeu a respiração, o coração martelando em seu peito enquanto se inclinava para ouvir melhor. Ela sentiu uma leve vertigem ao perceber que estavam prestes a escutar algo que, possivelmente, mudaria tudo.

As vozes dentro da sala ficaram um pouco mais claras. Victor D'Avila parecia estar no comando, como sempre, seu tom firme e autoritário ressoando entre os outros presentes.

— ...a segunda prova será diferente desta vez — disse Victor, sua voz grave. — Não podemos mais confiar apenas na lealdade cega. Precisamos de comprometimento absoluto. As Forças Vivas precisam ser puras, intocáveis, totalmente dedicadas ao ideal.

Leonardo Castilho respondeu com seu tom sempre duro e pragmático.

— Já vimos antes o que acontece quando permitimos que os mais fracos se infiltrem. Eles duvidam, questionam... e acabam comprometendo tudo. Precisamos garantir que aqueles que passem pelos testes sejam incapazes de resistir, de se rebelar. Precisamos que eles se entreguem por completo, ou sejam eliminados.

Eliminados.

A palavra pairou no ar como uma lâmina afiada. Alice sentiu o estômago revirar. Ela e Tomaz trocaram um olhar de pânico silencioso. Não se tratava apenas de doutrinação. Se alguém falhasse nos testes, o destino poderia ser muito mais sinistro do que simplesmente ser excluído da escola.

— A segunda prova não será como a primeira — continuou Victor, com a mesma frieza meticulosa. — Não haverá espelhos ou reflexões pessoais. Agora, eles serão testados pela capacidade de destruir os últimos vestígios de suas individualidades. Se hesitarem, se mostrarem fraqueza... eles serão descartados. E precisaremos lidar com isso rapidamente.

Alice quase não acreditava no que estava ouvindo. Tudo o que ela temia sobre a escola estava sendo confirmado ali, naquela sala. Os testes não eram apenas desafios filosóficos — eram formas de apagar os alunos, de moldá-los até que não restasse mais nada de quem eram antes. E, pior, qualquer resistência seria tratada com brutalidade.

As vozes continuaram, discutindo detalhes que Alice não conseguia entender completamente, mas o tom era claro: algo estava prestes a acontecer, e ela e Tomaz sabiam demais. A segunda prova era uma armadilha da qual eles precisavam escapar a qualquer custo.

Tomaz se aproximou de Alice e sussurrou, com o mínimo de movimento possível:

— Precisamos sair daqui. Agora.

Alice assentiu. Ela também sabia que estavam em grande perigo se fossem pegos ali. Eles começaram a recuar lentamente, tentando não fazer barulho, mas, de repente, um som alto ecoou pelo corredor: o rangido de uma porta se abrindo.

Alice congelou. Olhou para Tomaz, seus olhos arregalados de medo. Ambos se afastaram rapidamente das escadas, tentando se esconder nas sombras de uma coluna próxima. Eles mal respiravam enquanto ouviam passos se aproximando. Um dos mestres havia saído da sala e estava agora no corredor, observando o ambiente ao redor. Era Sabrina Rocha, uma figura antes amiga de Alice, agora transformada em um dos braços mais leais da escola.

Sabrina parou por um momento, como se estivesse farejando algo fora do normal. Seu olhar percorreu o corredor, os olhos vazios e disciplinados, buscando qualquer sinal de movimento. Alice mordeu o lábio, rezando para que Sabrina não os visse. Seu coração batia tão forte que parecia impossível que Sabrina não pudesse ouvi-lo.

Após o que pareceu uma eternidade, Sabrina se virou e voltou para dentro da sala, fechando a porta com cuidado. Alice e Tomaz ficaram onde estavam por mais alguns segundos, antes de Tomaz fazer sinal para que saíssem. Eles se moveram rapidamente, subindo as escadas de volta para a biblioteca, sem trocar uma única palavra, tentando processar tudo o que haviam acabado de ouvir.

Quando finalmente chegaram ao jardim, Alice se permitiu respirar novamente, suas pernas tremendo de nervosismo.

— Tomaz, o que nós vamos fazer? — sussurrou Alice, o medo evidente em sua voz. — Se a segunda prova for o que eles estão dizendo... nós estamos em perigo. Eles vão nos... eliminar.

Tomaz passou a mão pelos cabelos, claramente abalado também, mas sua expressão logo se tornou mais resoluta.

— Precisamos sair daqui, Alice. Agora não é mais uma questão de resistir, é de sobreviver. Se formos para a segunda prova, seremos forçados a nos entregar de vez ou... — Ele não completou a frase, mas Alice sabia exatamente o que ele queria dizer.

— Mas como? — perguntou Alice, desesperada. — Eles controlam tudo. Não podemos simplesmente escapar. Eles vão nos encontrar.

Tomaz ficou em silêncio por um momento, os olhos percorrendo o pátio ao redor como se estivesse procurando uma saída, um plano, algo que pudesse salvá-los.

— Talvez haja uma maneira — disse ele, finalmente. — Há uma velha passagem sob a ala norte, perto das cavernas que costumam ficar fechadas. Eu ouvi os mestres mencionando isso uma vez, dizendo que é onde mantêm arquivos antigos e onde só os mais antigos têm permissão de entrar. Pode ser a única saída que não é monitorada. Se conseguirmos chegar até lá, podemos usar isso para escapar.

Alice sentiu um pequeno fio de esperança se acender, mas ao mesmo tempo sabia que era um plano desesperado, cheio de incertezas. E, se fossem pegos, as consequências seriam fatais. Mas Tomaz estava certo: era sobreviver ou ser destruída pela escola.

— Quando? — perguntou ela, já se preparando mentalmente para o que seria a maior e mais perigosa decisão de sua vida.

— Amanhã à noite — disse Tomaz, a determinação em sua voz clara. — Precisamos de tempo para nos preparar, para observar e garantir que não seremos vistos. Mas depois disso... não podemos mais hesitar. Se ficarmos aqui, vamos desaparecer, assim como os outros.

Alice concordou, sabendo que não havia outra escolha. O tempo estava se esgotando, e a escola não esperaria muito mais antes de arrastá-los para a segunda prova. Ela e Tomaz estavam prestes a arriscar tudo, e o destino deles agora dependia de sua habilidade de escapar da prisão invisível que os cercava.

Quando a noite caiu sobre a escola e Alice voltou para o dormitório, sentiu a gravidade do que estava por vir pesar sobre seus ombros. Fugir seria perigoso, quase impossível, mas ficar significava um destino muito pior.

Ela se deitou, olhando para o teto escuro acima de si, a mente inquieta com os perigos à frente. A escola, com todos os seus segredos e armadilhas, estava se fechando ao seu redor, mas Alice sabia que ainda tinha uma chance. Uma última chance de manter sua identidade intacta, de escapar com sua vida.

Alice permaneceu deitada na cama, mas o sono era um luxo que não podia se dar. A escola, com seus corredores opressores e mistérios sufocantes, a havia transformado em algo que ela mal reconhecia — uma prisioneira de seu próprio medo, sempre alerta, sempre à espreita. E agora, com a decisão de fugir, o risco que pairava sobre ela e Tomaz Ferraz havia se tornado real. Tudo dependia de como fariam a escapada e se conseguiriam evitar a vigilância constante da escola.

A cada minuto que passava, Alice sentia o tempo escorregar pelas mãos, como areia. Não havia mais volta. Se a segunda prova acontecesse, seria o fim. Os mestres, com seu controle impiedoso, haviam planejado tudo para garantir que nenhum traço de individualidade restasse nos alunos que se submetessem ao processo. Não havia espaço para resistência dentro das Forças Vivas.

A manhã seguinte chegou mais rápido do que Alice gostaria. Os primeiros raios de sol se infiltraram pelas cortinas, e os sons dos outros alunos já se movimentando pelos corredores penetravam seus ouvidos, aumentando sua ansiedade. Ela se levantou lentamente, sentindo o peso da missão que a aguardava naquela noite. Cada passo que dava a levava mais perto de um caminho sem retorno.

O refeitório estava silencioso naquela manhã, como se todos estivessem envolvidos em seus próprios pensamentos. Helena Vasconcellos estava sentada à mesa com sua postura habitual, rígida, quase mecânica. Paulo Almeida parecia ainda mais distante,

completamente absorvido pelo ideal da escola. Eles não eram mais as pessoas que Alice havia conhecido no início. Havia sido moldados pela doutrina da escola, suas identidades devoradas pelo sistema que os controlava.

Alice pegou sua bandeja de café da manhã e se sentou sozinha em um canto, o coração martelando no peito. Ela não conseguia afastar a ideia de que todos à sua volta estavam observando cada movimento que fazia. Sabia que não era verdade — os outros alunos estavam presos em suas próprias rotinas, cegamente obedecendo às ordens dos mestres. Mas a sensação de vigilância era inescapável.

— Você está bem? — A voz familiar de Clara Montenegro a tirou de seus pensamentos.

Alice olhou para Clara, que se sentava à sua frente com um olhar de preocupação. Clara sempre fora mais aberta, mais gentil, mas agora, mesmo ela parecia ter sido parcialmente consumida pelo ambiente da escola. Alice sabia que, se ela e Tomaz não escapassem em breve, Clara também poderia ser arrastada para o mesmo destino.

— Estou... — começou Alice, tentando soar convincente. — Só estou cansada.

Clara assentiu, mas o olhar preocupado continuou.

— A escola tem esse efeito, não é? — Clara suspirou. — Tem dias em que parece que estamos sendo sugados por algo que não entendemos completamente. Mas, ao mesmo tempo, é como se não houvesse outra escolha a não ser seguir em frente, não é?

Alice apenas concordou com a cabeça, sem saber o que dizer. Ela sabia exatamente o que Clara queria dizer, mas o que a colega não sabia era que Alice e Tomaz estavam prestes a fazer o impensável — fugir.

— Cuide-se, Alice — disse Clara suavemente. — Às vezes, eu me pergunto se todos aqui sabem no que estão se metendo.

Com essas palavras enigmáticas, Clara se levantou e foi embora, deixando Alice sozinha novamente. Ela ficou observando Clara desaparecer no corredor e se perguntou se algum dia teria a chance de contar a ela sobre a verdade que havia descoberto — sobre os perigos ocultos nos testes e a destruição que aguardava os que se submetessem à escola.

O dia passou lentamente, mas Alice se manteve focada. Ela sabia que precisava se preparar para aquela noite, para o momento em que ela e Tomaz fariam sua tentativa de fuga. A velha passagem sob a ala norte, mencionada por Tomaz, era sua única esperança. Se conseguissem acessar os arquivos antigos e sair pelas cavernas, talvez tivessem uma chance real de escapar da escola antes que fossem forçados a enfrentar a segunda prova.

Quando o sol começou a se pôr e a escola mergulhou em uma atmosfera ainda mais sombria, Alice se preparou em silêncio. Ela vestiu roupas leves e discretas, algo que não chamaria a atenção enquanto se movia pelas sombras da noite. O toque de recolher soou, e os corredores do dormitório começaram a se esvaziar. Alice sabia que a partir daquele

momento, cada movimento tinha que ser preciso, cuidadoso. Qualquer erro poderia significar o fim.

Ela saiu de seu quarto em silêncio, caminhando pelas sombras até o ponto de encontro no jardim. Tomaz Ferraz já estava lá, escondido entre as árvores, a expressão tensa. Quando Alice se aproximou, ele deu um leve aceno, seus olhos fixos nos arredores.

— Está pronta? — sussurrou ele.

— Não temos outra escolha — respondeu Alice, a determinação em sua voz mal disfarçando o medo crescente.

Tomaz assentiu, e juntos, eles começaram a se mover em direção à ala norte. O caminho até lá era mais longo do que Alice imaginara, e o silêncio da noite parecia amplificar cada pequeno ruído que faziam. As sombras dançavam ao redor deles, e o vento frio cortava sua pele, tornando o ambiente ainda mais tenso. Alice sentia o coração bater forte, como se a qualquer momento alguém pudesse surgir de um canto escuro e acabar com sua tentativa de fuga.

Quando chegaram à entrada da ala norte, Tomaz verificou o ambiente novamente, certificando-se de que ninguém os havia seguido. A entrada para a passagem secreta ficava em um corredor lateral, quase completamente escondida por tapeçarias antigas que cobriam as paredes. Tomaz puxou uma das tapeçarias, revelando uma pequena porta de pedra com uma tranca pesada.

— Aqui está — murmurou ele, tirando uma chave que havia conseguido de forma clandestina. — Se conseguirmos passar por aqui sem sermos vistos, podemos alcançar a passagem subterrânea.

Alice observou com atenção enquanto Tomaz destrancava a porta. O som da tranca metálica ecoou no corredor vazio, e Alice sentiu o estômago se revirar. Cada ruído parecia amplificado pela tensão do momento, mas eles não podiam hesitar. A porta finalmente se abriu, revelando uma escada de pedra que descia em espiral para o subsolo.

— Vamos — sussurrou Tomaz, gesticulando para que Alice o seguisse.

Eles desceram rapidamente pelas escadas, o ar ficando mais frio e pesado à medida que avançavam. O subsolo da escola era diferente de tudo o que Alice havia visto antes. As paredes eram úmidas e cobertas por musgo, e o cheiro de mofo preenchia o ar. A luz que traziam consigo mal iluminava o caminho à frente, mas a escuridão era o menor de seus problemas.

Ao chegarem ao fim da escada, se viram em um corredor longo e estreito. Tomaz liderava o caminho, com Alice logo atrás, ambos se movendo em completo silêncio. Sabiam que a qualquer momento poderiam ser descobertos, e o peso do perigo pairava sobre eles como uma sombra invisível.

Depois de alguns minutos de caminhada, eles finalmente chegaram à porta dos arquivos antigos. Era uma sala protegida por uma porta grossa de madeira, semelhante à que haviam visto antes, mas com um emblema gravado que Alice reconheceu — era o símbolo da escola, o mesmo que estava estampado nos materiais das Forças Vivas.

— É aqui — murmurou Tomaz, com a voz baixa. — Se conseguirmos encontrar o que precisamos, pode haver mapas ou documentos que nos ajudem a escapar pelas cavernas.

Alice sentiu o coração acelerar. Eles estavam perto, muito perto de descobrir a verdade sobre a escola e, mais importante, de encontrar uma saída daquele lugar.

Alice e Tomaz estavam agora diante da porta de madeira pesada, o emblema da escola gravado nela como um lembrete constante do poder que a instituição tinha sobre todos ali. O ar no corredor subterrâneo era espesso, carregado de umidade e cheiro de mofo. A tensão entre os dois era palpável, mas Alice sabia que aquele era o momento decisivo. Estavam mais perto do que nunca de descobrir a verdade e de encontrar uma saída.

Tomaz se aproximou da porta e inspecionou a fechadura. Era antiga, mas robusta, e parecia exigir mais do que apenas uma chave comum para ser aberta. Ele tirou do bolso um pequeno kit de arrombamento — algo que havia conseguido de forma clandestina durante os meses na escola — e começou a trabalhar na fechadura com cuidado. O tempo parecia se estender, e Alice sentia o peso da urgência apertando em seu peito. A qualquer momento, alguém poderia aparecer, e se fossem descobertos ali, seria o fim.

Finalmente, com um leve clique, a fechadura cedeu. Tomaz sorriu levemente, um misto de alívio e nervosismo. Ele empurrou a porta devagar, revelando uma sala escura e empoeirada, repleta de estantes altas e arquivos amontoados. A luz fraca da lanterna que carregavam mal iluminava o vasto espaço à frente, mas já era possível ver que aquele era o lugar onde a escola guardava seus segredos mais profundos.

— Vamos nos apressar — sussurrou Tomaz, entrando na sala e gesticulando para Alice segui-lo. — Precisamos encontrar qualquer coisa que possa nos ajudar a sair daqui.

Alice seguiu atrás dele, seus olhos varrendo a sala enquanto tentava processar a quantidade de documentos que preenchiam as estantes de madeira. Alguns arquivos pareciam extremamente antigos, com as bordas amareladas pelo tempo. Outras pastas estavam empilhadas de forma caótica, como se ninguém tivesse mexido nelas por anos.

Ela começou a abrir alguns dos arquivos, seus dedos trêmulos ao folhear os documentos. Havia listas de nomes de ex-alunos, relatórios detalhados sobre os testes que haviam passado, e, mais perturbador, registros de desaparecimentos que nunca foram mencionados entre os alunos. Alice engoliu em seco. Não era difícil imaginar que muitos daqueles que desapareciam da escola sem deixar vestígios haviam falhado em alguma das provas.

— Tomaz, olhe isso — disse Alice, puxando um arquivo mais recente. O documento tinha o selo da escola e estava intitulado “Prova de Purificação: Segunda Fase”.

Tomaz se aproximou rapidamente, seus olhos arregalados ao ver o título. Ele abriu o documento, e os dois começaram a ler as palavras que revelavam a extensão do que a escola estava disposta a fazer com os alunos.

“A segunda fase da Prova de Purificação exige que os candidatos eliminem quaisquer resquícios de identidade pessoal. O indivíduo deve demonstrar lealdade absoluta ao ideal da escola. A falha em cumprir com os critérios resultará em remoção permanente. As Forças Vivas não permitem espaço para fraquezas ou dúvidas.”

— Remoção permanente... — murmurou Alice, sentindo o frio se espalhar por seu corpo. — Isso confirma o que ouvimos na reunião.

Tomaz fechou o arquivo com força, o rosto pálido de raiva e medo.

— Não podemos ficar aqui. Precisamos sair agora, antes que sejamos arrastados para essa prova. — Ele puxou Alice pelo braço, guiando-a até outra seção da sala. — Temos que encontrar os mapas, qualquer coisa que mostre as saídas subterrâneas que levam às cavernas.

Alice sabia que ele estava certo. As informações que haviam encontrado só confirmavam seus piores temores. A escola estava eliminando qualquer traço de humanidade dos alunos, moldando-os até que não restasse mais nada além de lealdade cega. E se falhassem em resistir, seriam “removidos”. Agora, a única esperança era encontrar um caminho para fora antes que a segunda prova os consumisse.

Eles vasculharam rapidamente os arquivos, abrindo pastas e papéis em busca de algum mapa ou diagrama. O tempo estava contra eles, e a cada segundo, Alice sentia que algo estava prestes a dar errado. Finalmente, Tomaz puxou um rolo de papel antigo de uma das gavetas. Ele o desenrolou sobre uma mesa empoeirada, e o que viram era exatamente o que precisavam: um mapa detalhado das passagens subterrâneas sob a escola, incluindo o caminho para as cavernas que levavam à saída.

— Aqui! — disse Tomaz, apontando para uma pequena abertura no canto do mapa. — Este túnel leva diretamente às cavernas. Se conseguirmos chegar até lá, estaremos fora do alcance deles.

Alice assentiu, aliviada por finalmente terem uma rota. Mas o alívio durou pouco. O som de passos ecoou pelo corredor do lado de fora. Alguém estava se aproximando.

Tomaz rapidamente enrolou o mapa e o guardou na mochila que carregava. Alice sentiu o coração disparar. Eles não tinham mais tempo. Precisavam sair da sala de arquivos antes que fossem descobertos. Olhando ao redor rapidamente, ela viu uma pequena porta no fundo da sala, que parecia levar a outro corredor mais estreito.

— Por aqui! — disse Alice, puxando Tomaz pela mão.

Eles atravessaram a sala às pressas e abriram a pequena porta, que dava para um túnel estreito e úmido. Era uma passagem diferente da que haviam usado para entrar, e parecia muito mais claustrofóbica. Mas era a única opção que tinham naquele momento.

Entraram no túnel e começaram a correr, os passos deles abafados pelo som da pedra sob os pés. O ar ali dentro era denso, e o cheiro de umidade misturado ao mofo quase os fazia sufocar. Alice sentia o coração batendo forte contra o peito, o medo e a adrenalina tomando conta de seu corpo. Não havia espaço para erros.

O túnel os levou para fora do prédio principal, e logo eles se encontraram no lado externo da ala norte, onde as árvores e as sombras forneciam cobertura. Alice respirou fundo, tentando acalmar a respiração acelerada. Eles haviam conseguido escapar, mas sabiam que a verdadeira fuga ainda estava por vir.

— Agora temos o mapa — disse Tomaz, tentando manter a calma. — Amanhã à noite, seguiremos por esse túnel até as cavernas. E então estaremos fora da escola.

Alice concordou, mas o medo ainda latejava dentro dela. Sabia que a escola não os deixaria ir tão facilmente. E a qualquer momento, eles poderiam ser descobertos.

— Temos que ter cuidado — sussurrou Alice, olhando ao redor para garantir que estavam seguros. — Amanhã à noite pode ser nossa última chance.

Com isso, eles se separaram, voltando para seus dormitórios. O plano estava traçado. Agora, tudo o que restava era sobreviver até o momento da fuga. Alice sabia que a escola não dormia, e que os mestres estariam sempre atentos.

Capítulo 6: O Caminho do Despertar

A noite havia caído pesadamente sobre a escola, e Alice Moreau sentia o ar cada vez mais denso, carregado de uma expectativa que não era apenas sua. Todos ao redor pareciam envolvidos por uma aura de tensão crescente. Sabia que algo grande estava prestes a acontecer, algo que mudaria seu destino e o de Tomaz Ferraz para sempre.

Ao acordar naquela manhã, a sensação de opressão havia se intensificado. Não era apenas o medo do que estavam prestes a enfrentar na tentativa de fuga, mas também a constante manipulação psicológica da escola, que parecia querer moldar seus pensamentos até nos momentos mais íntimos. Os mestres falavam sobre o “despertar”, como se fosse uma verdade inalcançável, algo que os alunos deveriam buscar, mas nunca de fato alcançar. Isso os mantinha presos, sempre em movimento, mas sem jamais sair do lugar.

Enquanto caminhava pelos corredores para a aula, Alice se lembrava das palavras que lera nos textos filosóficos distribuídos aos alunos das Forças Vivas, mensagens cuidadosamente construídas para manipular suas mentes. Eles falavam sobre transcendência, sobre deixar para trás as preocupações mundanas para encontrar um estado superior de existência. Mas as palavras que antes pareciam promissoras agora soavam vazias, como armadilhas disfarçadas de sabedoria.

Na sala de aula, Victor D’Avila estava no comando, como sempre. Ele caminhava calmamente pela sala, os olhos passando por cada aluno, como se os estudasse, procurando sinais de resistência. Alice estava sentada no fundo, ao lado de Clara Montenegro, que permanecia calada, o olhar distante, absorta em seus próprios pensamentos. Desde o dia anterior, Clara parecia diferente — mais introspectiva, mais consumida pela pressão da escola.

Victor parou no centro da sala e, com sua voz grave e firme, começou a falar.

— O despertar é o caminho final — disse ele, suas palavras ressoando pela sala. — Muitos de vocês estão ansiosos por esse momento, esperando pelo momento em que serão iluminados. Mas é aqui que muitos falham. A ansiedade pelo despertar não liberta; ela aprisiona.

Alice sentiu um arrepio percorrer sua espinha. Victor falava diretamente ao que estava no coração da escola — o controle que mantinham sobre os alunos, alimentando a ansiedade deles pelo despertar, mas garantindo que nunca o alcançassem.

— Entender o caminho e não ter ansiedade quanto a ele liberta — continuou Victor, seus olhos agora fixos em Alice, como se soubesse o que ela estava pensando. — Entender o caminho e ansiar pelo despertar aprisiona. E saibam que existem seres especializados em detectar os ansiosos... e aqui aprisioná-los, justamente onde acham, na ansiedade, que estão despertando.

Alice engoliu em seco. Aquilo era um aviso. Victor estava jogando com as mentes de todos ali, deixando claro

— ...que a própria busca pelo despertar, se feita com ansiedade, seria sua armadilha. Aqueles que se deixam consumir por esse desejo tornam-se presas fáceis — concluiu Victor D'Avila, sua voz impregnada de certeza.

Alice Moreau ouviu atentamente, sentindo o peso de cada palavra. Ela sabia que essa era a essência do controle da escola: manter os alunos em um estado de expectativa constante, nunca satisfeitos, sempre ansiando por algo mais, algo que nunca viria. E era justamente essa ansiedade que os prendia. O despertar era uma promessa vazia, um objetivo impossível que mantinha todos girando dentro da roda sem fim que os mestres haviam construído.

Victor continuou sua preleção, andando pela sala com passos medidos, enquanto os outros alunos ouviam em silêncio. Alice olhou para Clara Montenegro, que mantinha o olhar fixo na mesa, aparentemente imersa em seus próprios pensamentos. Ela também estava sendo sugada por aquela ilusão, e Alice sabia que, se não escapasse logo, acabaria como os outros — sem questionar, sem resistir.

Alice desviou o olhar, sentindo o coração acelerar. Victor estava certo em um ponto: havia seres, mestres, que detectavam aqueles que ansiavam pelo despertar, e esses alunos eram aprisionados, não pela escola em si, mas pela própria ansiedade que os consumia. Essa era a armadilha perfeita. A escola prometia iluminação, mas o que oferecia, de fato, era uma prisão disfarçada de busca espiritual.

Enquanto o dia avançava, Alice sentia a pressão aumentar. Os minutos pareciam se arrastar, cada um mais sufocante que o outro. A tensão de sua decisão e a proximidade da fuga faziam com que o tempo tivesse uma qualidade quase opressiva. Tomaz Ferraz ainda estava no plano, pronto para agir, e o mapa que haviam encontrado era a única esperança de escapar daquele ciclo interminável de controle.

Naquela noite, após o toque de recolher, Alice sabia que eles finalmente tentariam fugir.

Quando o toque de recolher soou naquela noite, Alice Moreau sentiu a adrenalina pulsar em seu corpo, acelerando cada batida do coração. O momento havia chegado. Ela se levantou lentamente da cama, os músculos tensos, tentando manter o máximo de silêncio possível enquanto pegava o que precisaria: a lanterna, o mapa das cavernas que Tomaz havia encontrado, e uma pequena mochila com o mínimo necessário. Cada passo era uma preparação mental para o que estava por vir. O ar no dormitório era sufocante, como se a própria escola estivesse consciente do que ela estava prestes a fazer.

Alice saiu do quarto e percorreu o corredor em silêncio, as sombras alongadas pelas luzes baixas tremeluzindo nas paredes. O ambiente familiar agora parecia hostil, quase opressor. Quando chegou ao jardim, o ponto de encontro combinado, encontrou Tomaz Ferraz já à espera, escondido atrás de uma fileira de árvores altas. O olhar de Tomaz era sério, concentrado, mas havia algo de desesperado na maneira como ele segurava o mapa, como se aquela fosse sua única chance de liberdade.

— Pronta? — perguntou ele, num sussurro que quase desapareceu com o som do vento leve.

Alice assentiu, sem dizer uma palavra. O plano era simples, mas arriscado. Usariam o mapa para chegar à passagem subterrânea nas cavernas sob a ala norte, longe dos olhos dos mestres e dos outros alunos. Era a única rota não vigiada que os levaria para fora do terreno da escola, sem serem detectados. Porém, sabiam que qualquer erro poderia ser fatal.

— Vamos — disse Tomaz, indicando com a cabeça o caminho para a ala norte.

Eles avançaram pelas sombras do jardim, movendo-se com rapidez e cuidado. O frio da noite parecia envolver cada movimento, e Alice sentia o chão úmido sob seus pés, enquanto os passos de ambos ecoavam de maneira quase imperceptível. O peso do que estavam prestes a fazer tornava cada minuto mais angustiante. Não havia espaço para hesitação. Se fossem pegos, sabiam o que os aguardava.

Chegaram à entrada da ala norte, e Tomaz rapidamente destrancou a pequena porta que levava ao subsolo. Mais uma vez, o som da fechadura ecoou no ar, cortando o silêncio com um ruído que fez Alice prender a respiração. Quando finalmente entraram, o corredor subterrâneo os envolveu com um ar ainda mais denso e frio. As paredes de pedra, úmidas e gastas pelo tempo, pareciam fechá-los em uma prisão invisível.

— Temos que ser rápidos — murmurou Tomaz, olhando para o mapa enquanto iluminava o caminho com sua lanterna.

Eles desceram pelo túnel, seguindo o mapa com precisão. O ar ficava mais pesado à medida que avançavam, e o som de seus passos reverberava nas paredes estreitas. Alice tentava manter a mente focada no plano, mas não conseguia afastar o medo de que algo pudesse dar errado. A escola parecia ter olhos e ouvidos em todos os lugares.

Conforme seguiam pelo túnel, algo começou a mudar. Alice notou uma vibração sutil no ar, uma sensação quase imperceptível de que estavam sendo seguidos. Ela olhou para trás instintivamente, mas não havia nada além de escuridão. Mesmo assim, não conseguia se livrar da sensação de que não estavam sozinhos.

— Você ouviu isso? — perguntou Alice, sua voz baixa, mas tensa.

Tomaz parou e olhou ao redor, seus olhos tentando penetrar a escuridão atrás deles.

— Não, mas acho que estamos perto das cavernas — disse ele, voltando a se concentrar no mapa. — Precisamos continuar.

Alice assentiu, mas o desconforto não desapareceu. Eles avançaram mais alguns metros até que finalmente avistaram uma abertura à frente. Era a entrada para as cavernas. A luz fraca de suas lanternas iluminou a caverna rochosa e irregular, e Alice sentiu um pequeno alívio ao perceber que estavam perto da saída.

— Lá está — disse Tomaz, apontando para um túnel estreito no final da caverna. — Isso nos levará para fora do terreno da escola. Se conseguirmos passar por aqui, estaremos livres.

Mas antes que pudessem avançar, um som distinto ecoou pela caverna — passos. E, dessa vez, não estavam sozinhos.

Alice e Tomaz congelaram, o pânico tomando conta deles. As sombras se moveram ao redor, e antes que pudessem reagir, Sabrina Rocha e Helena Vasconcellos apareceram na entrada da caverna, suas expressões sombrias e implacáveis. Sabrina deu um passo à frente, seus olhos fixos em Alice com uma frieza que fez o coração de Alice disparar.

— Achavam que podiam fugir? — a voz de Sabrina era firme, mas quase desprovida de emoção. — Vocês sabem que ninguém escapa. Não enquanto não despertarem.

Alice sentiu o chão tremer sob seus pés. A escola os havia encontrado.

Alice Moreau encarou Sabrina Rocha e Helena Vasconcellos, o coração acelerado e a mente tentando desesperadamente encontrar uma saída. O túnel rochoso, que por um breve momento parecia ser seu caminho para a liberdade, agora se transformava em uma prisão sufocante. Sabrina avançou mais um passo, com aquele olhar distante que Alice aprendera a temer. Não era a mesma Sabrina que conhecera no início, mas uma pessoa moldada pelo sistema da escola, inteiramente submissa à doutrina.

— Vocês acham que entenderam o caminho, mas estão presos em sua própria ansiedade de escapar — disse Sabrina, a voz calma e controlada. — O despertar é o caminho final, e vocês ainda não chegaram lá. Vocês acham que fugindo vão encontrar a liberdade? Não é assim que funciona.

As palavras de Sabrina reverberaram pela caverna, mas Alice sentiu como se fossem proferidas diretamente para dentro de sua mente. Era mais uma armadilha da escola, uma forma de controlá-los, mantendo-os presos à ideia de que qualquer movimento fora do estabelecido era uma falha. A escola se especializava em detectar os que ansiavam pelo despertar, e em vez de permitir que eles o alcançassem, os aprisionava no ciclo interminável da própria busca.

Helena Vasconcellos se aproximou em silêncio, mantendo a postura imponente e o olhar frio. Ela também havia sido consumida pela doutrina, e agora fazia parte do mecanismo que mantinha a escola funcionando. Alice sabia que, assim como os outros alunos, elas acreditavam que estavam no caminho certo, que o controle era o caminho para a iluminação. Mas a verdade era outra. A verdadeira armadilha estava na ansiedade de alcançar esse “despertar”, algo que a escola usava como isca para prender aqueles que acreditavam estar próximos da liberdade.

Tomaz Ferraz deu um passo para frente, colocando-se entre Alice e Sabrina, a expressão séria e resoluta.

— Não estamos presos na ansiedade, Sabrina — disse ele, com a voz firme. — Estamos presos nesse ciclo que vocês chamam de “ideal”. O verdadeiro aprisionamento não está na nossa busca, mas na maneira como vocês tentam nos controlar, como se o despertar fosse algo que vocês pudessem conceder.

Alice sentiu uma onda de coragem crescendo dentro de si. Victor D’Avila e os outros mestres falavam constantemente sobre o “despertar”, mas agora, tudo estava claro para ela. Eles criavam um mecanismo de controle, onde o objetivo era manter todos presos na expectativa, nunca permitindo que a verdadeira liberdade fosse alcançada.

Ela deu um passo adiante, lado a lado com Tomaz.

— Nós não precisamos do seu despertar — disse Alice, sua voz forte apesar do medo. — O que vocês chamam de caminho é só mais uma forma de nos aprisionar. E nós não vamos cair nessa armadilha.

Por um instante, Sabrina hesitou. Havia algo nos olhos dela que demonstrava dúvida, como se, por um segundo, as palavras de Alice tivessem despertado uma sombra de lembrança do que ela mesma havia sido antes de se entregar completamente à escola. Mas a hesitação foi breve. Sabrina voltou a endurecer o olhar, o controle voltando a dominar suas expressões.

— Vocês não entendem... — começou Sabrina, mas sua voz foi interrompida.

Um som metálico e o eco de vozes distantes se espalharam pela caverna. Alguém estava vindo, e não era só mais um aluno. A escola sabia da fuga, e estavam enviando reforços.

Tomaz olhou para Alice, o olhar sério.

— É agora ou nunca, Alice — sussurrou ele. — Se ficarmos aqui, nunca mais sairemos.

Capítulo 7: Ecos do Passado

Alice Moreau estava parada na caverna, o olhar fixo em Sabrina Rocha e Helena Vasconcellos, enquanto o eco das palavras de Tomaz Ferraz ainda pairava no ar. As figuras de Sabrina e Helena eram, para Alice, um espelho distorcido do que ela mesma poderia ter se tornado se tivesse cedido à doutrina da escola. Ali, diante de seus olhos, estavam duas pessoas que, como ela, haviam buscado sentido e propósito naquele lugar. E, no entanto, estavam aprisionadas pela promessa do “despertar”.

Enquanto os momentos de tensão se desenrolavam, um flash de memória tomou conta da mente de Alice. A caverna parecia se transformar ao seu redor, e, por um instante, ela se lembrou de uma conversa que ouvira muitos anos atrás, pouco depois de sua chegada à escola. Uma aluna mais velha, uma mulher chamada Daniella Scudroni, falava em tom baixo com outra colega sobre sua saída iminente.

Daniella havia passado anos dentro do “Círculo Interno” da escola, envolvida profundamente nos rituais e na estrutura hierárquica. Alice recordou-se vividamente de uma frase que Daniella dissera, algo que havia permanecido com ela, mesmo que não tivesse compreendido plenamente na época: “O ideal é perfeito, os idealistas não”. Ela repetia essa frase como um mantra, tentando justificar as constantes humilhações, a falta de liberdade, e as contradições que observava naqueles que, supostamente, deveriam ser os guias para o caminho do despertar.

Assim como Alice, Daniella havia sido atraída pela promessa de algo maior, um propósito que transcendia sua própria vida. Porém, depois de mais de uma década dentro da instituição, Daniella percebeu que aquele ideal a estava consumindo, moldando-a em algo que ela mal reconhecia. Sua saída havia sido marcada por um “cimbronazo de liberdade”, como ela mesma descreveu — um golpe de liberdade que trouxe dor, mas também uma nova perspectiva.

Naquele momento, Alice soube que estava vivendo o mesmo dilema. As palavras de Daniella, agora mais claras, ecoavam em sua mente enquanto ela enfrentava Sabrina e Helena: “O que fazia não era por mim, nem pela instituição. Era por toda a humanidade.” Daniella acreditava, como todos ali, que sua dedicação a um bem maior justificava os sacrifícios pessoais. Mas, no fim, a realidade era que o “Ideal” nunca seria alcançado, porque a própria escola havia se tornado o instrumento de controle que mantinha seus seguidores presos à promessa de um futuro inalcançável.

— Eles querem que você acredite que está desperta — murmurou Alice, o olhar se endurecendo enquanto encarava Sabrina. — Mas tudo o que fazem é nos manter adormecidos, enquanto dizem que estamos progredindo.

Sabrina estreitou os olhos, como se as palavras de Alice tivessem tocado algo profundo, algo que ela mesma não queria admitir. Helena, ao seu lado, parecia mais distante, quase mecânica, como uma marionete presa às suas cordas.

Tomaz, percebendo a oportunidade, deu um passo à frente, a voz carregada de urgência.

— Sabrina, Helena, vocês não precisam continuar com isso. Sabem que há algo errado aqui. Já viram o que acontece com aqueles que questionam a escola. Nós não somos os primeiros a tentar fugir, e se continuarem desse jeito, também não serão os últimos.

Por um momento, o silêncio na caverna era total. As palavras pairavam no ar, e Alice se perguntou se, assim como Daniella, Sabrina e Helena sentiam o peso da dúvida, mesmo que enterrado sob camadas de doutrina e obediência cega.

Alice se lembrou da história de Daniella com uma clareza quase dolorosa. Ela havia sido duramente criticada por viver uma vida “dupla”, por ousar ter amigos fora da escola, por cometer a “heresia” de agir como uma jovem normal de sua idade. Daniella fora humilhada publicamente, repreendida por suas ações e julgada por não seguir o caminho estrito da “dama ideal” que a escola esperava que ela fosse. Mas, mesmo com tudo isso, Daniella tinha encontrado forças para sair, e sua liberdade, embora dolorosa, foi o primeiro passo para se libertar daquele ciclo tóxico.

Agora, Alice entendia que sua luta era a mesma. A escola manipulava seus medos e esperanças, oferecendo uma visão grandiosa do que poderiam se tornar, mas sempre os mantendo à beira do “despertar”, sem nunca permitir que o alcançassem de fato. A verdadeira prisão não era física — era mental e emocional. A ansiedade pelo despertar era o que os mantinha presos, e a escola sabia exatamente como usar essa ansiedade para manter todos sob controle.

— Não vamos nos render — disse Alice, sua voz firme. — Se ficarmos, seremos destruídos. Assim como muitos outros antes de nós.

Sabrina permaneceu em silêncio, seus olhos fixos nos de Alice. Havia algo ali, algo que indicava que, talvez, ela estivesse começando a entender o que estava em jogo. Mas Helena, sempre rígida em sua obediência, quebrou o silêncio com uma voz fria.

— Vocês não têm para onde ir. A escola está em toda parte. Não importa o quanto tentem, vocês serão encontrados.

Alice sabia que aquela era a voz da doutrina falando, a mesma que Daniella havia enfrentado quando tentara se libertar. Mas, ao contrário de Daniella, Alice não se deixaria intimidar. Ela havia visto o que acontecia com aqueles que ficavam. Sabia que o “Ideal” não era mais do que uma prisão disfarçada de propósito.

— Nós não precisamos do seu Ideal — respondeu Alice, olhando diretamente para Helena.
— E não precisamos de permissão para sermos livres.

Com essas palavras, Alice e Tomaz deram o primeiro passo em direção ao túnel que os levaria para fora da caverna.

Alice e Tomaz começaram a caminhar em direção ao túnel, cada passo ressoando nas paredes da caverna. O silêncio entre eles era pesado, mas não hesitante. A decisão de seguir em frente, apesar das ameaças e do controle da escola, estava tomada. Eles sabiam

que, uma vez naquele túnel, não haveria volta. As sombras das lanternas projetavam formas fantasmagóricas nas paredes rochosas, mas nada disso os deteria.

Sabrina Rocha permaneceu onde estava, imóvel. Seus olhos fixos em Alice, como se lutasse para processar o que estava acontecendo. Alguma parte dela, talvez enterrada profundamente, parecia querer reagir, mas o controle da escola sobre sua mente era forte demais. Helena, ao lado, apenas observava, fria e distante, sem demonstrar nenhum sinal de dúvida. O ideal havia consumido a essência de Helena, e Alice sabia que já não havia mais como salvá-la.

Enquanto avançavam pelo túnel, Alice sentiu a tensão no ar aumentar. A cada passo, a caverna parecia se fechar mais ao redor deles. O peso da escola ainda pairava sobre suas cabeças, mas a determinação de escapar era mais forte do que o medo. Ao longe, os ecos das vozes de Sabrina e Helena começaram a desaparecer, deixando apenas o som dos próprios passos e suas respirações apressadas.

Tomaz olhou para Alice, seus olhos refletindo a luz fraca da lanterna. Ele estava concentrado, mas Alice podia ver o medo nos olhos dele. A escola havia tentado quebrá-los de todas as formas, mas agora, na escuridão daquele túnel, eles eram livres pela primeira vez. Estavam, pela primeira vez, seguindo um caminho que não havia sido traçado por Victor, Castilho, ou qualquer um dos mestres.

Alice, por sua vez, ainda sentia a sombra de Daniella Scudroni em sua mente. Lembrava-se das histórias de Daniella, dos murmúrios sobre a difícil decisão de sair da escola, da dor e do medo que a perseguiam mesmo depois de escapar. O idealismo que Daniella tanto abraçara na juventude havia se tornado uma corrente invisível, que a escola usava para aprisionar mentes que, como a dela, buscavam algo maior. Mas o que Daniella havia descoberto — e o que Alice agora entendia com dolorosa clareza — era que o verdadeiro “despertar” não estava nas promessas da escola. Estava na coragem de questionar e, finalmente, na coragem de partir.

Os dois chegaram a uma bifurcação no túnel, e Tomaz parou, consultando o mapa rapidamente.

— É por aqui — sussurrou ele, indicando o caminho à esquerda, que parecia mais estreito e mais úmido.

Eles seguiram em frente, mas agora, o túnel começava a se inclinar para cima, indicando que estavam finalmente se aproximando da superfície. O ar ficou menos sufocante, e Alice podia sentir a brisa fria da noite filtrando-se pelas fendas nas rochas. A sensação de liberdade estava mais próxima, mas com ela, vinha também a consciência de que estavam sendo caçados.

Eles haviam feito inimigos poderosos. A escola não os deixaria escapar facilmente, e Alice sabia que haveria uma busca implacável por eles. Mas, enquanto seguiam pelo túnel, ela também sabia que nunca voltariam.

O caminho para fora era íngreme, e as pedras escorregadias tornavam a subida mais difícil. As lanternas mal iluminavam o suficiente para ver onde pisavam, e cada tropeço era uma lembrança do quão vulneráveis estavam. Mas Alice mantinha os olhos no objetivo — a liberdade.

Finalmente, depois de o que pareceram horas, eles chegaram a uma abertura. A luz da lua iluminava o túnel agora, e o ar frio e limpo da noite preencheu seus pulmões. Alice parou por um momento, respirando fundo, sentindo o peso da escola desaparecer, ainda que por um instante.

— Conseguimos — murmurou Tomaz, sem fôlego, mas aliviado.

Alice olhou para ele e, por um breve momento, permitiu-se um pequeno sorriso. Estavam fora. Havia escapado. Mas, mesmo com a liberdade à frente, Alice sabia que o verdadeiro desafio estava apenas começando.

Capítulo 8: O Peso das Promessas

A noite estava fria e silenciosa quando Alice Moreau e Tomaz Ferraz finalmente emergiram do túnel, seus corpos exaustos e mentes carregadas de incertezas. Havia escapado da escola, mas o que os aguardava além daquelas sombras ainda era desconhecido. A cada passo que davam para longe das cavernas, Alice sentia como se uma corda invisível ainda a ligasse à escola. As promessas de um “Ideal” maior, de um propósito que transcenderia o individual, eram como um eco distante que, mesmo do lado de fora, continuava a assombrá-la.

Alice se lembrou de algo que ouvira de Liliana, uma das Live Forces veteranas, durante uma reunião tempos atrás. Liliana havia passado anos dedicando sua vida à escola, acreditando que seu sacrifício pessoal ajudaria a construir um novo mundo. “O Ideal é perfeito, os idealistas não”, Liliana repetia, como uma maneira de justificar as contradições e abusos que sofria. Era uma frase que servia para reforçar a aceitação cega dentro da escola. Alice, na época, havia se sentido desconfortável, mas não ousara questionar. Agora, fora da escola, entendia melhor o peso daquelas palavras.

Enquanto caminhavam, Alice refletia sobre a trajetória de Liliana, que havia compartilhado sua história de forma quase velada com os mais jovens. Liliana, assim como Alice, havia sido atraída pela promessa de pertencimento, de servir a algo maior do que si mesma. Ela havia falado sobre os rituais, as exigências físicas e emocionais, e, principalmente, sobre o processo de manipulação mental que a escola exercia sobre seus membros mais próximos. Liliana fora membro da Brigada Feminina, submetida a noites sem dormir, testes de resistência que envolviam limpeza incessante do centro, e até mesmo submersão em água fria como forma de “provar” sua dedicação.

Liliana havia descrito como, ao ingressar nas Forças Vivas, sentiu que sua vida havia deixado de ser sua. Tudo girava em torno da escola — suas amizades, suas atividades, seu tempo livre. “Eu me convenci de que estava em um caminho especial”, ela dissera. “Um caminho que poucos podiam trilhar. Mas, aos poucos, comecei a perceber que não havia fim para aquele caminho. Não havia ‘despertar’. O que havia era apenas controle.”

Alice se lembrou da sensação que teve ao ouvir aquilo pela primeira vez. Liliana descrevera como a escola fazia seus membros sentirem que estavam sempre prestes a alcançar algo grandioso, mas a cada passo, o objetivo se afastava mais. O “despertar” era uma promessa eterna, que mantinha todos presos à ansiedade de provar sua lealdade. E, quanto mais tempo passavam dentro da organização, mais difícil se tornava enxergar o mundo exterior como uma alternativa viável.

— Nós fizemos a escolha certa — murmurou Alice, mais para si mesma do que para Tomaz.

Tomaz, andando ao lado dela, assentiu silenciosamente. Ele também estava perdido em seus próprios pensamentos. Sabiam que a escola não os deixaria escapar tão facilmente. As Forças Vivas eram implacáveis, e Victor D’Avila não aceitava deserções. Mas, naquele momento, o ar frio da noite e a sensação do solo firme sob seus pés representavam uma liberdade que eles não haviam sentido em anos.

Alice não conseguia deixar de pensar em Liliana e nos outros que haviam tentado sair antes dela. A maioria falhou. A escola criava laços emocionais profundos, fazendo com que os membros se sentissem como parte de uma “família de almas”. Aqueles que ousavam questionar o sistema eram marcados como “espiritualmente fracos”, e qualquer tentativa de rebeldia era tratada como uma traição não só à escola, mas ao próprio “Ideal”.

Liliana, apesar de ter conseguido sair, deixou claro que o processo havia sido longo e doloroso. Ela havia sido acusada de “falta de comprometimento” e “dificuldades de integração”, termos vagos que serviam para marginalizar qualquer um que se afastasse do comportamento esperado. Alice sabia que, ao fugir, ela e Tomaz estavam não apenas escapando de um lugar físico, mas rompendo com uma doutrina que os havia mantido presos por anos.

As palavras de Liliana voltaram à sua mente: “Eles nos ensinam a matar nossos instintos de sobrevivência. Nos fazem acreditar que estamos lutando por algo maior, mas, no fundo, tudo o que fazem é nos destruir lentamente.” Alice sentiu um nó na garganta ao lembrar-se do olhar de Liliana quando dissera aquilo, um olhar cansado, marcado pelos anos de manipulação emocional. Sabia que, assim como Liliana, ela carregaria as cicatrizes da escola por muito tempo.

Tomaz interrompeu seus pensamentos quando parou de repente, apontando para uma pequena estrada à frente. Estavam longe da escola agora, mas o que faziam em seguida ainda era um mistério.

— Precisamos encontrar um lugar seguro — disse ele, sua voz baixa, mas firme. — Eles vão nos procurar. Temos que estar preparados.

Alice concordou, mas, no fundo, sabia que o verdadeiro desafio não era apenas físico. Mesmo fora dos muros da escola, o peso das promessas, das doutrinas e das manipulações ainda pairava sobre eles.

Alice Moreau e Tomaz Ferraz continuaram a caminhar pela estrada estreita, o silêncio da noite interrompido apenas pelo som de seus passos na terra batida. As estrelas estavam ocultas pelas nuvens, e a escuridão os envolvia, tornando o caminho à frente incerto, tanto literal quanto figurativamente. Cada passo os afastava da escola, mas Alice sabia que, mesmo longe fisicamente, a influência da escola ainda estava profundamente arraigada em suas mentes.

— Eles vão começar a nos procurar assim que perceberem que não estamos mais lá — disse Tomaz, a voz tensa, mas determinada.

Alice sabia que ele estava certo. Victor D’Avila e Leonardo Castilho não deixariam a fuga passar despercebida. A escola havia investido demais neles, moldando suas mentes, treinando-os para serem as ferramentas perfeitas de um “Ideal” que, no final, não passava de controle disfarçado de propósito.

A memória de Liliana ainda pesava na mente de Alice. Lembrava-se vividamente da última vez que viu Liliana antes de sua partida definitiva. Ela havia sido uma figura respeitada

entre as Forças Vivas, uma líder discreta que inspirava confiança nos mais novos, como Alice havia sido. Mas, ao mesmo tempo, Liliana também era uma sombra do que costumava ser. Suas palavras, que no início da jornada soavam como conselhos sábios, foram se transformando em algo mais sombrio e desencantado à medida que o tempo passava.

— Eles nos consomem de dentro para fora — Liliana havia confidenciado uma vez, em um tom quase inaudível, enquanto observava os novatos se preparando para um dos rituais de iniciação. — Fazem você acreditar que está caminhando para um “despertar”, mas é tudo um jogo. Um jogo perigoso, onde a única coisa que você perde é a si mesma.

Alice não havia compreendido plenamente na época, mas agora, enquanto caminhava ao lado de Tomaz, suas palavras faziam mais sentido do que nunca. A escola oferecia a promessa de algo maior, de uma transcendência espiritual e emocional, mas era uma promessa vazia, construída sobre a manipulação e o medo. Liliana havia sido uma das poucas que ousou questionar isso, e pagou o preço por sua tentativa de fuga emocional.

— Liliana sempre dizia que o verdadeiro aprisionamento não estava nos muros da escola, mas nas nossas mentes — disse Alice, quebrando o silêncio entre ela e Tomaz.

Tomaz olhou para ela de lado, claramente surpreso com a menção de Liliana.

— Eu me lembro dela — respondeu ele, pensativo. — Ela foi uma das melhores em tudo o que fazia. Parecia tão devota, mas ao mesmo tempo... Havia algo diferente nela, não é? Algo que não se encaixava.

Alice assentiu. Havia uma diferença sutil em Liliana, uma inquietação sob a superfície que muitos ignoravam ou não percebiam. A escola a havia moldado, assim como fazia com todos os alunos, mas não havia conseguido destruir completamente sua individualidade. Isso, no final, foi o que a levou a questionar tudo e, eventualmente, a sair. Mas o processo foi doloroso, deixando marcas profundas.

Liliana havia falado de como foi acusada de “falta de fé” quando começou a questionar os mestres e suas ordens. Suas dúvidas foram vistas como fraqueza, e os mestres rapidamente tomaram medidas para isolá-la. Eles a afastaram dos grupos de liderança e começaram a tratá-la com desdém, minando sua confiança até que ela finalmente decidiu partir.

— Eles nos ensinaram a temer o exterior, mas é lá fora que podemos encontrar o verdadeiro despertar, se conseguirmos nos libertar do que eles colocaram em nossas cabeças — disse Alice, mais para si mesma do que para Tomaz.

A estrada à frente parecia interminável, mas havia algo reconfortante na escuridão. A escola, com seus corredores opressores, suas regras rígidas e seus mestres implacáveis, agora estava para trás. Mas Alice sabia que o desafio real não estava apenas em escapar fisicamente. Como Liliana havia dito, o verdadeiro aprisionamento estava na mente. Mesmo fora da escola, ela e Tomaz ainda carregavam os traumas e as manipulações que sofreram.

Tomaz Ferraz, por sua vez, parecia estar absorvendo tudo em silêncio, processando a realidade da situação. Ele sempre fora um dos mais pragmáticos entre os alunos, mas agora, na estrada, parecia que até ele estava começando a perceber a profundidade do controle que a escola exercia sobre eles.

— Você acha que algum dia vamos nos libertar de verdade? — perguntou ele, a voz carregada de uma vulnerabilidade rara.

Alice parou por um momento, considerando a pergunta. Ela queria acreditar que sim, que havia uma forma de se livrar das correntes invisíveis que a escola colocava nas mentes de seus alunos. Mas também sabia que o processo seria longo e doloroso. A escola não apenas os moldava — ela os reescrevia. E desfazer isso levaria tempo.

— Eu acho que podemos começar — respondeu Alice finalmente. — Pode levar tempo, mas o primeiro passo já demos. Saímos de lá. Agora precisamos começar a entender o que é nosso e o que eles plantaram em nossas mentes.

Tomaz assentiu, e juntos, continuaram a caminhada pela estrada escura, sabendo que estavam apenas no começo de uma jornada que seria muito mais complexa do que escapar de um lugar físico. Eles teriam que reconstituir suas identidades, curar suas feridas e, acima de tudo, redescobrir quem eram antes de a escola tentar apagá-los.

Enquanto caminhavam, Alice sentiu o peso das memórias de Liliana. A luta daquela mulher para se libertar era um reflexo da jornada que agora estavam começando. Liliana havia encontrado o caminho para fora, e agora Alice e Tomaz faziam o mesmo. As cicatrizes ainda estavam lá, mas, pela primeira vez, Alice sentiu que tinha uma chance real de encontrar sua verdadeira identidade, longe das sombras do “Ideal” que quase a consumiu.

Alice Moreau e Tomaz Ferraz continuaram caminhando pela estrada, a escuridão ao redor preenchida apenas pelos ecos de seus próprios pensamentos. As palavras que haviam trocado ainda reverberavam no ar entre eles, mas o silêncio era confortável. Ambos sabiam que estavam processando o que haviam vivido na escola, e, agora, fora dos muros físicos, enfrentavam o maior desafio: se livrar das amarras invisíveis que a instituição havia colocado em suas mentes.

O frio da noite penetrava através de suas roupas, mas Alice mal o sentia. Estava focada em lidar com a sensação sufocante de liberdade recém-conquistada, misturada ao medo de ser capturada. Cada passo os afastava mais da escola, mas também fazia com que Alice refletisse sobre tudo o que haviam deixado para trás. Ela pensava em Victor D’Avila, em Leonardo Castilho, e nas palavras repetitivas que eles usavam para justificar suas ações. Aquela retórica constante, a promessa do despertar, a eterna ansiedade pela perfeição inatingível... Tudo não passava de manipulação.

Alice se lembrou novamente de Liliana, e de uma frase que ela dissera em uma das poucas vezes que conversaram mais profundamente, um pensamento que agora fazia ainda mais sentido:

— Eles te fazem acreditar que existe um lugar onde o ideal é perfeito. Mas esse lugar nunca chega, porque não é real. Eles criam uma jornada sem fim.

Liliana havia vivido e lutado com essa verdade durante anos antes de finalmente escapar. Suas palavras, na época, pareciam confusas, quase enigmáticas, mas agora Alice entendia perfeitamente. O “Ideal” que a escola propagava não passava de um ciclo eterno, onde cada nova etapa prometia mais iluminação, mais conhecimento, mas no fim, apenas afastava os alunos de quem realmente eram.

Tomaz Ferraz também parecia estar refletindo profundamente. Ele, que sempre fora tão prático e direto, agora mostrava sinais claros de que a profundidade do que enfrentaram estava finalmente se revelando para ele. Sua respiração era controlada, mas Alice podia perceber os momentos em que ele olhava para o vazio, perdido em pensamentos sombrios.

— Sabe o que é estranho? — disse Tomaz de repente, quebrando o silêncio. — Sempre pensei que, uma vez fora da escola, tudo faria sentido. Que tudo ficaria claro, como se as respostas viessem automaticamente. Mas agora que estamos aqui... parece que as perguntas só aumentaram.

Alice assentiu. Ela sabia exatamente o que ele queria dizer. A escola sempre havia sido um local de respostas prontas, de doutrinas rígidas que moldavam o pensamento. Fora daquele ambiente, as perguntas eram infinitas, e a sensação de desorientação fazia parte do processo de se libertar. Não havia mais mestres para ditar o que era certo ou errado, apenas a incerteza de suas próprias mentes, tentando se ajustar a essa nova realidade.

— Liliana me disse uma vez que a maior armadilha da escola não era o controle físico, mas o emocional, — disse Alice, pensando em voz alta. — Ela disse que, mesmo fora, levaríamos tempo para nos libertar completamente. Que as correntes estavam aqui, — ela tocou o lado da cabeça suavemente, indicando sua mente, — e não nos muros ou regras.

Tomaz suspirou, parecendo entender.

— Ela estava certa. A escola fez muito mais do que nos aprisionar fisicamente. Eles mexeram com nossas percepções, nossas crenças. Tudo o que pensávamos que era verdadeiro sobre nós mesmos, eles distorceram.

Alice sentiu um nó se formar na garganta ao ouvir aquilo. Era verdade. A escola não apenas os moldava para seguir uma doutrina — ela os destruía lentamente, apagando pedaços da identidade até que eles se tornassem meros reflexos do “Ideal”. Alice se lembrou de como, no início, havia se sentido parte de algo grandioso, algo maior do que sua própria vida. Mas aos poucos, essa sensação deu lugar a uma inquietação crescente, como se, quanto mais se envolvia, mais perdia de si mesma.

As histórias de Liliana e outros que haviam saído da escola começaram a se misturar na mente de Alice. Todos eles tinham algo em comum: o sentimento de vazio após a saída, a dificuldade em reconstruir suas identidades. E todos falavam sobre o “caminho sem fim” que a escola criava, como uma jornada onde o destino era sempre prometido, mas nunca alcançado.

A estrada à frente parecia cada vez mais deserta, e o peso do silêncio voltava a envolvê-los. Era um lembrete de que, mesmo livres, ainda estavam em perigo. Victor, Castilho, e os mestres não aceitariam sua fuga facilmente, e Alice sabia que eles fariam de tudo para trazê-los de volta — ou silenciá-los para sempre.

— Precisamos encontrar um lugar seguro logo, antes que eles comecem a nos caçar, — disse Tomaz, acelerando o passo.

Alice sabia que ele estava certo, mas a questão de onde poderiam estar realmente seguros ainda pairava sobre eles. A escola tinha braços longos, e muitos daqueles que um dia escaparam, acabaram voltando ou desaparecendo misteriosamente. Alice se lembrou de mais uma coisa que Liliana havia dito antes de sua partida:

— Eles te fazem acreditar que não há outro caminho além do que eles mostram. Fazem você acreditar que o mundo lá fora é perigoso, que só aqui você estará protegido. Mas isso é outra mentira. O mundo é vasto, e a liberdade verdadeira está fora desses muros, fora dessas mentiras.

Alice repetiu essas palavras para si mesma como um mantra, tentando encontrar força nelas. Precisavam continuar, precisavam fugir. Mas, mais do que isso, precisavam encontrar suas próprias respostas, seus próprios caminhos — longe das promessas vazias e das mentiras disfarçadas de sabedoria.

Finalmente, após algum tempo, os dois avistaram algo que parecia uma pequena cabana à distância, escondida nas sombras das árvores. Era um abrigo simples, mas suficiente para os protegerem durante a noite.

— Vamos descansar aqui por algumas horas, — sugeriu Alice, sentindo o cansaço começar a pesar.

Tomaz concordou, e juntos, entraram na cabana. Não era grande, mas oferecia o mínimo de segurança e proteção. O silêncio ali dentro era profundo, mas havia algo de reconfortante nele. Pela primeira vez em anos, estavam fora do controle da escola, e embora o futuro ainda fosse incerto, Alice sabia que haviam dado o primeiro passo.

Dentro da cabana, Alice se sentou no chão e respirou fundo, sentindo o peso do cansaço, mas também da liberdade recém-conquistada. Sabia que o caminho ainda seria longo, mas, agora, estava fora das sombras opressoras da escola. E isso era tudo que importava.

— Amanhã, encontraremos nosso próximo passo — disse Alice, olhando para Tomaz.

Ele sorriu levemente e assentiu, enquanto ambos finalmente se permitiam descansar.

Capítulo 9: O Despertar da Desilusão

A escuridão ao redor de Alice Moreau e Tomaz Ferraz parecia crescer à medida que eles avançavam pela trilha incerta. O som suave de suas respirações e os passos apressados eram o único eco naquele silêncio profundo. Ainda assim, a sensação de perseguição permanecia. Alice, no entanto, sabia que o verdadeiro perigo não estava nos mestres que poderiam segui-los, mas nos pensamentos que ainda os prendiam, como correntes invisíveis.

Enquanto caminhavam, Alice lembrava das histórias que ouviu sobre antigos membros que haviam escapado da escola. Entre essas histórias, uma que sempre a impactou foi a de Juliano Montenegro, um dos mais fervorosos defensores da escola, que passou anos acreditando no Ideal e na promessa de transformação espiritual. Juliano havia dedicado sua vida à escola, subindo rapidamente na hierarquia das Forças Vivas, mas a desilusão veio como uma revelação amarga. O que começou como pequenos questionamentos logo se transformou em uma crise profunda.

— Todos passamos por crises — Juliano havia dito certa vez, durante um raro momento de vulnerabilidade. — Mas a escola faz você acreditar que essas crises são fraquezas, geradas pelo egoísmo e pela falta de fé no Ideal. O que eles não dizem é que essas crises são, na verdade, o começo do verdadeiro despertar.

Alice lembrava de ouvir essas palavras, mas na época não as compreendia. Ela havia sido doutrinada a ver qualquer dúvida como um sinal de que estava falhando em seu compromisso com o Ideal, e foi isso que manteve Juliano, assim como muitos outros, preso por tanto tempo. Mas Juliano, ao contrário de muitos, havia finalmente aceitado a verdade. E essa verdade o libertou — não de forma imediata, mas gradualmente, enquanto ele começava a enxergar as manipulações e abusos que antes justificava como “sacrifícios necessários”.

Na escola, falava-se muito sobre o conceito de “sacrifício”. Cada membro era ensinado a colocar o Ideal acima de si mesmo, a abandonar suas vontades, desejos e até mesmo suas identidades em nome de um propósito maior. Mas Juliano descobriu, da maneira mais dolorosa, que esse sacrifício não era pelo bem da humanidade, como pregavam os mestres, mas pelo poder dos líderes da escola.

— Eles usam as palavras certas para te manter cego — continuava Juliano. — Dizem que você está servindo a um bem maior, mas, no fundo, é tudo sobre controle. Eles não querem que você desperte, querem que você se afunde cada vez mais na submissão.

Enquanto Alice e Tomaz avançavam pela noite, as palavras de Juliano ecoavam em sua mente. Lembrava-se de como ele descreveu o momento decisivo, o “evento desencadeante”, que o fez perceber a extensão da manipulação. No caso de Juliano, fora uma conversa inesperada com um jovem membro da segurança da escola. O rapaz, sob grande pressão, revelou a Juliano o sofrimento pelo qual estava passando, forçado a seguir ordens que contradiziam seus próprios princípios morais. Juliano, que havia sido responsável por grande parte da pressão sobre o jovem, se viu confrontado pela cruel realidade de que ele próprio havia se tornado um instrumento de opressão.

— Foi naquele momento que tudo começou a ruir — Juliano dissera. — Eu percebi que, em vez de guiar pessoas para um ideal elevado, eu estava apenas perpetuando um ciclo de abuso e submissão. O que chamávamos de sacrifício era, na verdade, um sistema de destruição emocional.

Alice não conseguia parar de pensar em como Juliano descreveu a luta interna que o consumiu após essa revelação. Ele não deixou a escola imediatamente. Como muitos, estava emocionalmente envolvido, preso pelos laços que acreditava ter construído. Foram necessários meses de angústia, de dúvidas silenciosas e de crises existenciais para que ele finalmente encontrasse a força para partir. Mas o preço que pagou foi alto. Ao sair, Juliano não apenas perdeu os amigos e colegas que havia conhecido ao longo de mais de uma década, mas também foi perseguido pela escola. Seus antigos companheiros agora o viam como um traidor, alguém que havia abandonado o Ideal.

Tomaz olhou para Alice, percebendo que ela estava imersa em seus pensamentos.

— O que Juliano passou poderia acontecer com qualquer um de nós, não é? — disse ele, quebrando o silêncio.

Alice assentiu.

— Sim. Ele acreditou até o último momento que estava fazendo o certo. Que todas as suas ações, por mais dolorosas que fossem, tinham um propósito maior. Mas, no final, percebeu que estava sendo manipulado. E que o verdadeiro sacrifício era sua própria vida.

Tomaz franziu o cenho, claramente refletindo sobre as palavras de Alice.

— Você acha que eles sabem? Quero dizer, os mestres... Eles sabem que estão apenas nos usando?

Alice suspirou.

— Alguns sabem. Outros, talvez, estejam tão presos quanto nós estávamos. O sistema é construído para ser uma máquina de controle. Até mesmo aqueles no topo acreditam que estão fazendo o certo. Mas é aí que está a maior armadilha. O Ideal é uma ilusão, uma fachada para justificar o poder e o abuso.

As palavras pairaram no ar enquanto continuavam a caminhar. Alice sabia que, assim como Juliano, ela e Tomaz também estavam no meio de suas próprias crises. Havia muito a ser processado, muito a ser desconstruído. Os ensinamentos da escola, as promessas de um “despertar”, tudo isso ainda pairava em suas mentes, como um eco distante que se recusava a desaparecer.

Eles chegaram a uma pequena clareira, onde decidiram parar por um momento para descansar. Alice se sentou no chão frio, olhando para o céu nublado. Não havia estrelas visíveis naquela noite, mas ela sabia que elas estavam lá, escondidas atrás das nuvens.

— Juliano disse uma vez que o verdadeiro despertar não é algo que você alcança ao seguir ordens ou rituais. Ele vem quando você começa a questionar, quando você se liberta da necessidade de ser perfeito — disse Alice, quase como se estivesse falando para si mesma.

Tomaz se sentou ao lado dela, silencioso por um momento, antes de responder:

— Talvez seja isso que estamos fazendo agora. Nos libertando.

Alice sorriu levemente.

— Sim, talvez seja isso.

Alice Moreau sorriu com a observação de Tomaz Ferraz, mas por dentro sentia a profundidade daquela frase. “Nos libertando.” Era uma verdade crua e ainda incompleta. A liberdade que estavam começando a experimentar era frágil, envolta em incertezas e medos. Ela sabia que essa caminhada pela escuridão da noite não simbolizava apenas uma fuga física — era o começo de uma jornada emocional e mental muito mais longa, e, em muitos aspectos, mais difícil.

O pensamento de Juliano Montenegro, que havia encontrado seu próprio caminho para fora, mas não sem sofrimento, ainda pesava na mente de Alice. Ela se lembrava de quando ele confidenciou, quase em sussurros, como os mestres da escola o haviam isolado. Juliano tinha sido um dos membros mais respeitados, reconhecido por sua devoção e habilidades. No entanto, quando começou a questionar o sistema, foi como se ele deixasse de existir para eles. O desprezo, o isolamento, os olhares vazios — esses eram os primeiros sinais de que ele havia se tornado uma ameaça, não apenas para a escola, mas para o sistema de controle que ela representava.

— Eles fazem isso com todos os que começam a questionar — murmurou Alice, como se estivesse explicando algo a si mesma.

Tomaz, sentado ao seu lado, olhou para ela de relance, aguardando o que viria a seguir.

— Você se lembra de como eles tratavam Juliano? Antes de ele sair? — perguntou Alice, com a voz baixa.

Tomaz assentiu, um traço sombrio passando por seu rosto.

— Sim. Eles o transformaram em um exemplo do que acontece com quem ousa desafiar o sistema. Ele passou de herói para pária em questão de meses.

Alice suspirou, sentindo o peso do cansaço emocional que carregava. Lembrou-se de como Juliano havia sido desmantelado aos poucos, sua reputação e autoestima minadas pelo sistema. Era um processo meticuloso, quase invisível para aqueles que não estavam diretamente envolvidos, mas que corroía lentamente a pessoa até que ela se rendesse ou partisse. No caso de Juliano, ele optou por sair, mas o processo o deixou marcado para sempre.

— Eles faziam parecer que o problema era ele, não a escola — continuou Alice, refletindo sobre o que presenciou. — Diziam que ele havia perdido a fé, que não estava mais comprometido com o Ideal. Era uma forma de nos fazer acreditar que ele estava errado, que não valia a pena segui-lo.

Tomaz olhou para ela, a expressão grave.

— Mas nós vimos a verdade, não vimos? Aos poucos, percebemos que a falha não estava nele, mas no sistema.

Alice assentiu, mas sabia que a percepção da verdade tinha vindo tarde para muitos, e para alguns, nunca havia chegado. A escola era habilidosa em manter as aparências, em controlar a narrativa. Aqueles que ousavam questionar eram imediatamente marginalizados, como se sua dúvida fosse uma doença que poderia se espalhar. Era uma medida preventiva, uma maneira de garantir que a grande maioria continuasse obediente e submissa.

— A verdade é que a escola nunca esteve interessada no nosso despertar — disse Alice, sua voz carregada de amargura. — Tudo o que queriam era nos moldar de acordo com o que eles precisavam. Para eles, éramos apenas ferramentas.

Tomaz ficou em silêncio, mas Alice sabia que ele concordava. Havia sido usados, manipulados emocional e mentalmente. O Ideal que tanto propagavam era uma mentira, uma armadilha para aqueles que, como eles, buscavam algo maior, algo que transcendesse a existência comum. Mas a verdade é que não havia transcendência, apenas controle.

Alice se lembrou de Juliano falando sobre as consequências de sua fuga. Ele havia descrito como, mesmo fora da escola, sentiu por muito tempo que estava sendo vigiado, perseguido. Não apenas pelos mestres, mas pelos próprios ecos do que vivera. A escola o havia marcado, e mesmo livre, ele carregava as cicatrizes invisíveis que a instituição havia deixado em sua mente.

— Juliano dizia que o mais difícil não era sair fisicamente, mas se libertar mentalmente — Alice comentou, olhando para o céu, onde a lua começava a aparecer por entre as nuvens. — As ideias, as promessas, tudo isso ainda o perseguia, mesmo depois de ele ter partido.

Tomaz assentiu, compreendendo perfeitamente o que ela queria dizer.

— Eu sinto isso também. — Ele hesitou, olhando para o chão. — É como se eu ainda estivesse esperando que eles aparecessem e dissessem que tudo isso é um teste. Que estamos falhando por querer sair.

Alice ficou em silêncio por um momento, absorvendo as palavras de Tomaz. Ela sabia que o sentimento dele era legítimo. A escola havia moldado seus pensamentos de uma maneira tão profunda que, mesmo agora, mesmo após a fuga, havia uma parte deles que ainda esperava uma punição, uma correção, como se estivessem cometendo o maior erro de suas vidas.

— Eles nos condicionaram a pensar assim. A achar que não há vida fora da escola — Alice respondeu, finalmente. — Mas a verdade é que eles têm medo de nós. Medo do que podemos ser sem o controle deles.

Tomaz olhou para ela, uma faísca de compreensão e determinação em seus olhos.

— É isso que Juliano descobriu, não é? — disse ele, quase como se estivesse confirmando para si mesmo.

Alice assentiu novamente, sentindo que, pela primeira vez, eles estavam começando a compreender o verdadeiro poder que tinham, um poder que a escola sempre tentara suprimir: o poder de pensar por si mesmos.

— Sim — respondeu Alice. — E é isso que estamos começando a descobrir também.

O silêncio entre Alice Moreau e Tomaz Ferraz foi quebrado apenas pelo som distante do vento nas árvores e o farfalhar das folhas secas sob seus pés. Eles sentiam, de uma maneira quase tangível, que estavam à beira de uma revelação importante — algo que não apenas os libertaria da escola fisicamente, mas que poderia começar a dissolver as correntes invisíveis que ainda os prendiam mentalmente. O ar frio da noite parecia mais leve, como se a atmosfera ao redor estivesse mudando à medida que eles processavam a verdade.

Alice se inclinou para trás, deitando-se no chão de terra fria, olhando para o céu onde algumas estrelas começavam a surgir entre as nuvens. Pela primeira vez, sentiu uma tranquilidade que há muito não experimentava, embora soubesse que essa paz era temporária. O peso das últimas horas e, na verdade, dos últimos anos ainda estava ali, mas havia algo diferente agora. Um fio de esperança que antes parecia tão distante agora começava a se materializar.

Ela pensou em Juliano Montenegro mais uma vez, lembrando os momentos em que ele confidenciou sua jornada de saída da escola. Juliano, um homem que outrora acreditava cegamente nos mestres, nas doutrinas, e no Ideal, havia passado por uma transformação interna dolorosa. Ele contava que, após sua partida, passou meses lutando contra a tentação de voltar. A escola o havia programado para pensar que fora dela não existia nada digno de ser vivido, que aqueles que partiam eram condenados ao fracasso, à solidão e à insignificância.

— Eu achava que eles estavam certos, — ele havia dito a Alice certa vez, sua voz marcada pela dor. — Mas então percebi que não era liberdade o que eu temia perder. Era a estrutura, o controle. A escola nos faz acreditar que sem ela, somos nada.

Essas palavras reverberavam dentro de Alice agora. Ela sabia que esse era o verdadeiro motivo pelo qual tantos ficavam. Não era apenas o medo de desafiar os mestres, mas o medo de perder o que a escola oferecia: uma estrutura clara, um propósito imposto, uma rotina previsível. Fora dos muros da escola, o caos da liberdade era assustador. A

responsabilidade de encontrar o próprio caminho sem diretrizes fixas, sem uma figura de autoridade ditando cada passo, era esmagadora para muitos.

Tomaz, sentado ao seu lado, parecia igualmente imerso em seus pensamentos. Ele havia sido, por tanto tempo, um defensor da ordem e da disciplina. A escola havia sido uma âncora para ele, um lugar onde ele sabia exatamente quem era, ou pelo menos quem deveria ser. Mas agora, com aquela âncora cortada, ele estava começando a perceber a profundidade do impacto que a doutrina da escola havia tido sobre sua vida.

— Juliano disse que foi como acordar de um longo sono — Alice falou, sua voz baixa e reflexiva. — Ele disse que, no começo, é difícil, porque você percebe que todo esse tempo foi uma ilusão. Que todas as certezas que eles te deram eram falsas. E então, você se sente perdido, mas depois... depois você começa a encontrar a si mesmo.

Tomaz olhou para ela, e seus olhos refletiam a mesma mistura de medo e determinação que Alice sentia.

— Será que estamos prontos para isso? — ele perguntou, com uma vulnerabilidade que Alice raramente via nele.

Alice não tinha uma resposta fácil. Não havia como saber se estavam prontos para enfrentar o vazio que vinha com a liberdade, o peso de terem que construir suas próprias identidades, suas próprias crenças, sem o apoio de uma doutrina estabelecida. Mas o que ela sabia, o que sentia com uma clareza crescente, era que esse era o único caminho que poderiam trilhar agora.

— Eu não sei se estamos prontos, — respondeu Alice honestamente. — Mas o que eu sei é que não podemos voltar. Porque se voltarmos, não restará mais nada de nós.

Tomaz permaneceu em silêncio por um momento, absorvendo suas palavras. Ele sabia que Alice estava certa. Voltar não era mais uma opção. Mesmo que quisessem, mesmo que se sentissem tentados a buscar novamente o conforto da estrutura e da rotina, sabiam que a escola agora seria apenas uma prisão, uma gaiola dourada que os sufocaria até que suas almas estivessem completamente apagadas.

— Juliano teve que se reconstruir do zero, — Alice continuou, seus pensamentos

— Juliano teve que se reconstruir do zero, — Alice continuou, seus pensamentos voltando àquela conversa marcante. — Ele disse que foi como se precisasse reaprender a ser uma pessoa completa. Por anos, tudo o que ele era estava ligado ao Ideal, à escola. Quando saiu, percebeu que não sabia mais quem era. Mas isso o forçou a se conhecer de verdade, sem as amarras que a escola colocava em tudo.

Tomaz ponderou aquelas palavras, sua expressão se fechando por um momento. Ele também havia sido moldado pela escola de maneiras que só agora começava a entender. Toda sua identidade estava ligada ao conceito de disciplina, obediência, e à constante busca por se alinhar ao Ideal. Mas agora, livre do sistema, ele via como isso o havia limitado, como ele havia sido usado como um peão em um jogo muito maior.

— A escola sempre dizia que estávamos nos preparando para o despertar, mas o que eu vejo agora é que estávamos sendo adormecidos, — disse Tomaz, finalmente. — Eles tiravam tudo o que fazia de nós seres humanos livres, donos de nós mesmos. Substituíam isso por um conjunto de regras que chamavam de ‘verdades’.

Alice assentiu, sentindo as palavras dele ecoarem dentro de si. Ela se lembrava de como, na escola, sempre esperava que o “despertar” fosse algo grandioso, algo que a elevaria a um novo patamar de existência. Mas agora, do lado de fora, percebia que o verdadeiro despertar era se libertar da necessidade de aprovação dos mestres, da obsessão em alcançar um Ideal que nunca existiu.

— Juliano disse que o despertar real aconteceu para ele quando ele saiu da escola, não dentro dela — Alice comentou, pensando em como Juliano havia descrito sua experiência de liberdade como dolorosa, mas profundamente transformadora. — Foi quando ele começou a perceber que o mundo lá fora era muito mais vasto, muito mais complexo do que o que a escola permitia que víssemos. E ele disse que isso foi assustador no começo, mas depois... depois se tornou libertador.

Tomaz olhou para o horizonte, como se tentasse visualizar esse “mundo vasto” que Alice estava descrevendo. Era difícil imaginar uma vida fora da estrutura rígida em que haviam vivido por tanto tempo, mas ele sabia que Alice estava certa. Se Juliano pôde encontrar um caminho para si mesmo, mesmo após anos de doutrinação, eles também poderiam.

— O problema é que... mesmo sabendo que era uma prisão, às vezes sinto falta da ordem que a escola trazia — confessou Tomaz, sua voz carregada de uma melancolia que Alice entendia muito bem. — Lá, pelo menos, sabíamos o que era esperado de nós. Agora... estamos por nossa conta.

Alice não pôde evitar concordar. Havia algo reconfortante na rigidez da escola, na forma como o caminho era sempre claro, mesmo que estreito e opressor. Mas o preço por esse conforto era alto demais. Agora, com a liberdade diante deles, a incerteza era real, mas também era uma oportunidade. O que fizessem a partir daquele momento seria escolha deles — e essa era a maior vitória.

— Eu acho que é isso que significa estar livre — disse Alice, voltando seus olhos para o céu escuro acima. — Saber que não há mais regras, que não temos que seguir ninguém. Podemos cometer erros, podemos nos perder... mas no final, estaremos decidindo por nós mesmos. E isso é algo que a escola nunca nos permitiria.

Tomaz permaneceu em silêncio por mais alguns minutos, processando aquelas palavras. Ele sabia que Alice tinha razão, e que essa era a verdadeira essência da liberdade que buscavam. Juliano havia mostrado o caminho — não porque tinha todas as respostas, mas porque teve a coragem de se fazer as perguntas certas.

— E se algum dia eles tentarem nos encontrar? — Tomaz perguntou, uma sombra de preocupação surgindo em sua voz.

Alice respirou fundo, o ar da noite preenchendo seus pulmões.

— Eles vão tentar, — ela disse calmamente, com uma certeza que vinha de sua própria compreensão do que a escola representava. — Eles não aceitam perder ninguém. Mas agora, sabemos como eles operam. Sabemos o que nos esperava se tivéssemos ficado. E isso nos dá uma vantagem. Não somos mais peões no jogo deles.

Tomaz sorriu levemente, como se pela primeira vez aquela sensação de pânico constante estivesse começando a se dissipar.

— Então, o que fazemos agora? — ele perguntou, não tanto por incerteza, mas por expectativa. Ele estava pronto para algo novo, algo que fosse seu.

Alice olhou para ele, sentindo a mesma determinação crescer dentro de si.

— Agora, começamos de verdade — disse ela, com uma clareza que iluminava seus olhos.
— Agora, fazemos o que Juliano fez: descobrimos quem realmente somos, longe do que eles queriam que fôssemos. E dessa vez, ninguém mais vai nos dizer o que fazer.

E com essa decisão silenciosa, Alice e Tomaz se prepararam para seguir em frente, sabendo que o caminho que tinham pela frente não seria fácil, mas que seria, finalmente, o deles.

Capítulo 10: O Abismo da Manipulação

Alice Moreau e Tomaz Ferraz avançavam pelo terreno irregular, enquanto a noite os envolvia numa espécie de manto opressor. Ainda assim, algo havia mudado desde que deixaram a escola. Embora o medo e a incerteza ainda pairassem sobre eles, como uma sombra constante, a noção de liberdade — real, tangível — começava a se infiltrar em seus pensamentos.

Enquanto caminhavam em silêncio, Alice se lembrava de outra história que ouvira na escola, a história de Zuhail, uma mulher que, como muitos outros, havia se deixado enredar pelas promessas de um Ideal maior. Zuhail havia entrado na escola com esperança, buscando um lugar onde pudesse encontrar sentido, onde as pessoas compartilhassem seu desejo de melhorar o mundo. Inicialmente, como tantos outros, ela acreditou na ilusão que a escola projetava.

Zuhail havia descrito como a escola parecia um verdadeiro “paraíso”. Um lugar onde as pessoas sorriam, onde a confiança era algo natural, onde os abraços e as conversas pareciam genuínas. “Era como se eu tivesse finalmente encontrado um lar,” ela escreveu em seu depoimento. Mas, conforme os anos passaram, a realidade se mostrou bem diferente.

Alice sabia, assim como Zuhail descrevera, que a escola utilizava táticas sutis para transformar essa “bondade” inicial em controle. As responsabilidades e tarefas, no início pequenas e aparentemente sem importância, logo se transformavam em compromissos sufocantes. Zuhail havia mencionado que, com o tempo, quanto mais ela se envolvia, mais era explorada. “Eles te fazem sentir importante, te dão cargos, te fazem acreditar que você é essencial para o funcionamento da escola,” Zuhail dissera. “Mas tudo isso é uma armadilha.”

Essas palavras ecoavam na mente de Alice agora. Ela e Tomaz também haviam sido envolvidos nessa rede, acreditando que sua dedicação e trabalho incansável estavam contribuindo para algo maior. A escola exigia cada vez mais — do tempo, da energia, dos recursos emocionais de seus membros — sem jamais devolver o que prometia. O despertar nunca chegava.

— Zuhail mencionou algo que nunca esquecerei, — disse Alice, rompendo o silêncio. — Ela contou como passou de simples aluna a uma ‘peça’ vital da engrenagem, sem nem perceber. Eles foram aumentando as responsabilidades, até que ela já não conseguia distinguir onde começava a escola e onde ela terminava.

Tomaz olhou para Alice, pensativo. Ele também havia sentido isso — a lenta, quase imperceptível transformação de seus dias, de suas metas. Tudo passava a ser para a escola. Seus próprios desejos, ambições e identidades ficavam em segundo plano, até que, eventualmente, eram apagados.

— É exatamente assim, — Tomaz respondeu, com uma voz amarga. — Eles dizem que estão te fortalecendo, te preparando para o mundo. Mas tudo o que fazem é sugar cada pedaço de quem você é, até que você não tenha mais forças nem para questionar.

Alice concordou. A história de Zuhail era um reflexo claro da jornada que muitos, inclusive ela e Tomaz, haviam enfrentado. Zuhail descrevera como as críticas constantes e as “humilhações” veladas eram usadas para minar a autoestima de cada membro. Ela contou sobre uma experiência particularmente dolorosa, quando foi forçada a se ajoelhar durante uma aula por quase duas horas, enquanto o instrutor a ridicularizava, tentando “quebrar seu orgulho”. “Eles diziam que era para o meu bem, para que eu aprendesse a ser humilde,” Zuhail escrevera. “Mas tudo o que fizeram foi me destruir aos poucos.”

Alice se lembrava de como essas práticas de “humildade forçada” eram comuns na escola. A ideia era que, ao quebrar a individualidade de cada pessoa, eles poderiam moldá-la para servir ao Ideal. Mas o que realmente acontecia era um processo de destruição emocional, onde a confiança e a autoestima de cada membro eram corroídas até restar apenas uma obediência cega.

— Lembra quando diziam que não podíamos ser egoístas por querer um tempo para nós?
— disse Tomaz, seu tom agora mais irritado. — Eles manipulavam isso também. Faziam parecer que, se você quisesse descansar ou se afastar, estava sendo fraco, sucumbindo ao ‘egoísmo’.

Alice sorriu com tristeza. Ela sabia exatamente do que ele estava falando. A escola havia construído uma narrativa na qual qualquer desejo de cuidar de si mesmo era tratado como uma falha moral, uma demonstração de que o membro ainda não havia “superado” sua personalidade egoísta. E era aí que o verdadeiro poder da escola se revelava. Ao convencer as pessoas de que suas necessidades individuais eram irrelevantes, ela as tornava completamente dependentes da aprovação dos mestres.

— Zuhail dizia que foi esse ciclo de humilhação e dependência que quase a destruiu, — Alice continuou, seus olhos fixos no horizonte escuro. — Ela mencionou que, no final, você começa a acreditar que não vale nada fora da escola, que só ali você pode encontrar valor. Mas, na verdade, o que acontece é o contrário. Quanto mais você fica, mais perde de si mesmo.

Tomaz suspirou profundamente, como se estivesse aliviando o peso de anos de engano.

— E o pior é que, mesmo sabendo disso, mesmo agora que estamos fora, ainda existe aquela voz no fundo dizendo que estamos errados, que deveríamos voltar.

Alice assentiu. Ela também sentia isso. Era como se, mesmo na liberdade, ainda houvesse um eco das doutrinas, das palavras dos mestres, tentando arrastá-los de volta. Era essa manipulação sutil que Zuhail havia descrito tão bem. A escola criava correntes invisíveis, cadeias mentais que mantinham os membros presos, mesmo quando seus corpos já estavam livres.

Mas Alice sabia que estavam no caminho certo. Zuhail havia escapado, assim como Juliano e tantos outros. Eles haviam resistido ao impulso de voltar, ao medo do desconhecido, e haviam reconstruído suas vidas, ainda que com cicatrizes.

— Vamos continuar, Tomaz, — disse Alice, com uma nova determinação em sua voz. — Ainda temos um longo caminho pela frente, mas agora, ele é nosso.

E com isso, eles seguiram em frente, deixando para trás, aos poucos, as sombras que a escola havia projetado sobre suas vidas.

Enquanto Alice Moreau e Tomaz Ferraz continuavam a caminhada, o silêncio da noite era quebrado apenas pelo som de seus passos sobre a terra. O ar estava carregado de uma tensão que não era apenas o reflexo da fuga, mas da luta interna que ambos travavam contra as lembranças da escola. A cada passo, Alice sentia as histórias de Zuhai, Juliano, e de tantos outros antigos membros ecoarem em sua mente. Cada um deles, de diferentes formas, havia sido destruído pela mesma estrutura manipuladora que agora eles deixavam para trás.

Zuhai, em particular, havia contado sobre a maneira meticulosa como a escola destruíra a identidade de cada pessoa. Ela descreveu como Zuhai, em particular, havia contado sobre a maneira meticulosa como a escola destruíra a identidade de cada pessoa. Ela descreveu como, pouco a pouco, os mestres da escola trabalhavam para apagar a essência de quem os alunos eram antes de chegarem ali. A estratégia era simples, mas devastadora: primeiro, faziam com que cada um acreditasse que suas fraquezas e inseguranças eram obstáculos ao “despertar” — algo que só a escola poderia ajudá-los a superar. Com o tempo, os membros começavam a desconfiar de suas próprias intuições, pensamentos e desejos, entregando todas as suas decisões e crenças aos mestres.

“Eles te convencem de que você precisa ser refeito,” dissera Zuhai certa vez. “Você começa a acreditar que quem você é, do jeito que é, não é o suficiente. Tudo precisa ser moldado, corrigido. Você precisa se tornar outra pessoa — uma versão de si mesmo que nunca existiu e nunca existirá. E isso é o que te destrói.”

Alice pensava nas palavras de Zuhai agora, sentindo uma mistura de alívio e tristeza. Ela e Tomaz estavam fora, sim, mas a luta para reconstruírem suas identidades, para voltarem a confiar em si mesmos, seria longa e difícil. Zuhai havia descrito como, mesmo depois de sair da escola, ela passara anos tentando reconectar-se com quem era antes. Em certo ponto, disse que teve que aceitar que parte de quem fora antes havia sido permanentemente perdida — mas que essa perda, em vez de ser uma fraqueza, era parte de sua nova força.

Tomaz, ao lado de Alice, também parecia mergulhado em pensamentos profundos. O silêncio entre eles não era desconfortável; na verdade, parecia necessário. Ambos estavam processando o que significava estar livre fisicamente, mas ainda presos emocionalmente às garras invisíveis da escola.

— Eu me pergunto, Alice, — disse Tomaz, finalmente, a voz suave como se hesitasse em quebrar o silêncio. — Você acha que algum dia vamos conseguir nos libertar completamente? Não só de estar fora, mas de tudo o que eles plantaram dentro de nós?

Alice olhou para ele, vendo a incerteza em seus olhos, e reconheceu a mesma dúvida dentro de si. Ela se lembrou de Zuhai e de como ela descrevera esse mesmo sentimento — o medo de que, por mais longe que fosse, a escola sempre teria algum poder sobre ela.

— Eu acho que sim, mas vai levar tempo, — respondeu Alice, com um suspiro. — Zuhai disse que a liberdade total é um processo. No começo, ainda sentimos como se estivéssemos sendo observados, como se estivéssemos fazendo algo errado por estarmos fora. Mas com o tempo, isso começa a desaparecer. As vozes dos mestres ficam mais fracas, até que um dia, elas somem completamente. Pelo menos é o que ela disse.

Tomaz assentiu, parecendo absorver aquelas palavras. Ele também sabia que a batalha real ainda estava por vir. Era fácil fugir fisicamente; difícil seria escapar mentalmente. A escola havia plantado tantas ideias e medos dentro deles que seria impossível dismantelar tudo de uma só vez.

— Ela também mencionou que o mundo real é assustador no começo, porque lá fora não há regras fixas, ninguém te dizendo o que fazer, — continuou Alice, tentando lembrar de mais detalhes que pudessem ajudá-los a se preparar para o que estava por vir. — Mas ela disse que, com o tempo, você começa a ver que essa falta de regras é libertadora. Você pode errar, pode se perder, mas é sempre por sua conta. E isso é o que faz tudo valer a pena.

Tomaz ficou em silêncio por um momento, absorvendo o que Alice dissera.

— Acho que essa é a parte que me assusta, — ele confessou. — A ideia de que não temos mais alguém para nos guiar. Estivemos tanto tempo sob o controle deles que a ideia de ter que tomar todas as decisões... é esmagadora.

Alice sabia que ele estava certo. A escola havia tirado deles a capacidade de confiar em seus próprios julgamentos, de tomar decisões por si mesmos. Sempre havia sido “o Ideal acima de tudo”, com os mestres ditando o que era certo ou errado, o que devia ser feito e o que era proibido. Agora, sem esses guias rígidos, a liberdade parecia tanto uma benção quanto uma maldição.

— É assustador, sim, — disse Alice, olhando para o horizonte escuro à sua frente. — Mas eu acho que é isso que significa viver de verdade. Não podemos mais contar com ninguém para nos dizer o que fazer, Tomaz. Agora, estamos por nossa conta. E isso é o que vai nos libertar de verdade.

Tomaz suspirou profundamente, mas havia uma pequena faísca de aceitação em seus olhos. Eles sabiam que, por mais desafiador que fosse, esse era o próximo passo.

— Zuhai também mencionou algo importante, — Alice disse, lembrando-se de uma última coisa que ela havia contado. — Ela disse que, no fundo, a escola sempre terá medo de nós. Porque uma vez que começamos a pensar por nós mesmos, a estrutura deles desmorona. Eles não sobrevivem sem nossa obediência cega. É por isso que eles fazem de tudo para nos manter sob controle, para nos quebrar antes que possamos despertar de verdade.

Tomaz absorveu aquelas palavras e, pela primeira vez em muito tempo, sorriu — um sorriso pequeno, mas genuíno.

— Então, talvez já estejamos mais perto do despertar do que pensávamos, — ele disse, com uma leve esperança na voz.

Alice sorriu de volta, sentindo a verdade naquelas palavras.

— Sim, acho que estamos.

Eles continuaram caminhando, sabendo que o caminho à frente seria longo e cheio de desafios. Mas agora, havia algo diferente. Um sentimento de esperança, de possibilidade. Estavam longe de estarem completamente livres, mas sabiam que, com o tempo, poderiam se reconstruir. E o mais importante: estavam finalmente no controle de suas próprias vidas.

Zuhal, Juliano, e tantos outros que haviam escapado eram um lembrete de que a liberdade era possível — não apenas do controle físico, mas da prisão mental que a escola havia construído ao redor deles. Alice sabia que haveria dias difíceis, momentos de dúvida e medo, mas agora ela acreditava que, como Zuhal dissera, um dia as vozes dos mestres se calariam de vez. E quando isso acontecesse, ela e Tomaz seriam, finalmente, livres.

Capítulo 11: O Ciclo da Devoção

Enquanto Alice Moreau e Tomaz Ferraz caminhavam por aquela noite silenciosa, os pensamentos de Alice voltavam-se para as histórias que ouvira sobre outros que, como eles, haviam escapado da escola. A história de Francesca, uma mulher da Itália que também havia sido presa pela promessa do “Ideal”, surgia de forma vívida em sua mente. Francesca tinha entrado na escola muito jovem, aos 17 anos, buscando algo para preencher o vazio que sentia. Em suas próprias palavras, ela se apaixonara pelo conceito da filosofia de Oriente e Ocidente que a escola promovia. O que Francesca não sabia, como tantos outros, era que estava entrando em um sistema projetado para sugar sua identidade, forçando-a a conformar-se a uma imagem idealizada e impossível.

Francesca descrevera como, após anos de envolvimento, chegou a um ponto em que tudo em sua vida girava em torno da escola. Ela passou de aluna entusiasmada a parte das Forças Vivas, a elite da escola, encarregada de manter a ordem e treinar novos recrutas. A pressão para ser perfeita, para seguir cegamente os comandos e dedicar sua vida inteiramente ao Ideal, tornou-se insuportável. Francesca mencionou como, logo no início, começou a sofrer ataques de pânico — pequenos sinais de alerta que seu corpo enviava de que algo estava muito errado.

Alice, ao refletir sobre essa parte da história de Francesca, reconhecia os mesmos sinais em si mesma. Quantas vezes, durante seus anos na escola, ela havia ignorado os sinais de exaustão emocional e física? Quantas vezes ela havia se convencido de que “o sacrifício era parte do processo” e que a dor que sentia era uma prova de sua dedicação ao Ideal? Francesca havia vivido isso de forma intensa, a ponto de abandonar completamente sua vida pessoal para dedicar-se à “missão” da escola.

— Francesca falou sobre como, no começo, ela achava que estava construindo algo grandioso, — Alice começou, interrompendo o silêncio que pairava entre ela e Tomaz. — Mas depois percebeu que, na verdade, estava sendo usada. Que tudo o que fazia, todo esforço que colocava, não era para o bem da humanidade, mas para sustentar o sistema de controle da escola.

Tomaz assentiu, reconhecendo aquele sentimento. Ele próprio já havia se questionado muitas vezes sobre o propósito real da escola, especialmente quando viu membros sendo punidos ou excluídos por não alcançarem os padrões impossíveis de perfeição exigidos pelos mestres. Quanto mais dedicados os alunos se tornavam, mais eram explorados — uma dinâmica que Francesca havia descrito de maneira detalhada.

Francesca também havia relatado as provas “iniciáticas” que precisou enfrentar para ingressar nas Forças Vivas. As provas, que envolviam desafios físicos, emocionais e mentais, eram projetadas para “quebrar” os membros e testar sua obediência e devoção. Ela lembrava de uma prova específica, em que precisou realizar tarefas solitárias, como pintar uma sala inteira sozinha ou mergulhar em água gelada para recuperar um objeto no fundo de um lago. Na época, ela acreditava que esses desafios eram uma forma de purificação, uma maneira de fortalecer sua mente e espírito. Mas agora, após anos de reflexão, Francesca via essas provas como formas brutais de manipulação, projetadas para reforçar a dependência emocional e psicológica dos membros à escola.

Alice lembrou-se de algo que Francesca mencionara, uma frase que ecoava em sua mente: “Obediência é amor, e amor é obediência.” Aquela era a justificativa constante usada pelos mestres para exigir lealdade incondicional. Francesca descreveu como, repetidas vezes, foi forçada a realizar tarefas que não gostava e que a esgotavam, tudo em nome de provar sua devoção ao Ideal. Mesmo quando seu corpo e sua mente estavam no limite, ela continuava, acreditando que essa era a única maneira de demonstrar seu compromisso.

— Ela também falou sobre como nunca se sentia suficiente, — Alice continuou, sua voz carregada de uma tristeza empática. — Por mais que fizesse, nunca era o bastante. Sempre havia algo mais a ser feito, uma expectativa mais alta a ser cumprida. Era um ciclo interminável de culpa e autopunição.

Tomaz balançou a cabeça, a expressão tensa. Ele sabia bem o que Alice estava descrevendo. Ele também havia sentido isso — a constante sensação de fracasso, a ideia de que não importa o quanto se dedicasse, nunca seria digno o suficiente para o Ideal que a escola impunha. Esse sentimento de inadequação era uma das ferramentas mais poderosas da escola para manter seus membros submissos. Ao convencer cada um de que era insuficiente, a escola perpetuava um ciclo de devoção cega, em que os membros estavam sempre tentando compensar suas “falhas” com mais obediência e sacrifício.

Francesca havia mencionado também a maneira como a escola manipulava as emoções de seus membros, reprimindo qualquer demonstração de fraqueza ou vulnerabilidade. “Não era permitido sentir dor, tristeza ou raiva,” ela havia escrito. “Tínhamos que ser sempre fortes, sorridentes, exemplares. Nossas emoções eram vistas como fraquezas a serem superadas.” Alice lembrava-se claramente desse mesmo tipo de repressão. Ela se sentia como se estivesse constantemente usando uma máscara, fingindo ser alguém que não era, suprimindo suas emoções até que, muitas vezes, sentia que iria explodir por dentro.

— Francesca disse que, por anos, ela acreditou que a escola estava ajudando a moldá-la em uma ‘nova mulher’, — Alice continuou, sua voz mais baixa, como se pesasse as palavras. — Mas, na verdade, o que estavam fazendo era destruindo quem ela realmente era.

Tomaz ficou em silêncio, mas Alice podia ver nos olhos dele que aquelas palavras o afetavam profundamente. Era exatamente o que eles haviam experimentado também. A escola não construía; ela destruía. E fazia isso de forma tão sutil e sistemática que muitos, como Francesca, só percebiam tarde demais, quando já haviam sacrificado anos de suas vidas.

— Francesca conseguiu sair, — disse Alice, com um suspiro. — Mas ela disse que, mesmo depois de sair, levou anos para se recuperar, para voltar a se sentir inteira.

Tomaz olhou para Alice, uma expressão de compreensão e dor mútua passando entre eles.

— Acho que esse é o nosso próximo desafio, — disse ele, sua voz pesada. — Reconstruir o que a escola tentou destruir.

Alice assentiu, sentindo o peso daquela verdade. Eles estavam livres, sim, mas o trabalho de se libertar completamente, de se recuperar das feridas emocionais e psicológicas, seria longo e doloroso. Mas, assim como Francesca, eles sabiam que era possível.

E, com essa certeza, Alice e Tomaz continuaram seu caminho na noite, determinados a recuperar suas identidades e a se reconstruir, longe das garras da escola que quase os destruiu.

Enquanto Alice Moreau e Tomaz Ferraz caminhavam pela escuridão, suas mentes giravam com as histórias que haviam ouvido e vivido. A jornada até ali havia sido dolorosa, marcada por manipulações sutis, promessas vazias e a constante sensação de insuficiência. Agora, estavam livres fisicamente, mas as cicatrizes emocionais e mentais deixadas pela escola ainda os acompanhavam como sombras persistentes.

Alice se lembrou de outro detalhe da história de Francesca que a tocara profundamente. Francesca mencionara que, mesmo após sair da escola, ela continuava a ouvir em sua mente as vozes dos mestres, especialmente quando se permitia sentir emoções que, na escola, haviam sido reprimidas. A voz de Delia, uma das instrutoras mais rígidas, ecoava em seus pensamentos sempre que Francesca começava a questionar suas próprias decisões: “Você ainda não está pronta. Precisa se purificar mais.” Essa era uma frase que Francesca ouvira repetidas vezes durante seus anos de dedicação. Sempre que demonstrava alguma fraqueza ou dúvida, os mestres usavam essa ideia de “purificação” para mantê-la em um estado de dependência emocional.

Alice podia sentir aquela mesma voz interna ecoando dentro de si. Por mais que estivesse longe da escola, por mais que soubesse racionalmente que aquilo era uma manipulação, parte de sua mente ainda esperava algum tipo de punição ou repreensão por estar seguindo seu próprio caminho. Ela sabia que esse era o próximo desafio: libertar-se das vozes invisíveis que a escola havia implantado em sua mente.

— Francesca disse que levou anos para calar essas vozes, — Alice comentou, quebrando o silêncio entre ela e Tomaz. — Ela mencionou que sempre que se sentia triste, ou quando tinha medo de algo, ainda ouvia os mestres dizendo que era fraqueza. Que ela precisava ser mais forte, mais dedicada.

Tomaz olhou para Alice, a expressão séria. Ele também reconhecia aquela voz. Muitas vezes, mesmo antes de fugir, ele se questionara se o problema não estava nele, se era ele quem não era “bom o suficiente” para o Ideal. Agora, livre da escola, ele podia ver com mais clareza que aquela constante sensação de inadequação era um artifício cuidadosamente construído para manter os membros sempre dependentes, sempre buscando a aprovação dos mestres.

— E quantas vezes a escola nos fez acreditar que emoções eram inimigas do despertar? — disse Tomaz, quase como um desabafo. — Qualquer coisa que sentíssemos fora da euforia imposta por eles era vista como fraqueza, como uma falha pessoal.

Alice assentiu, sentindo o peso das palavras de Tomaz. Era exatamente isso que Francesca havia descrito — como, durante os anos na escola, ela aprendeu a reprimir tudo o que a

tornava humana. A dor, o medo, a dúvida. Qualquer emoção que não estivesse alinhada com a imagem “ideal” que a escola promovia era imediatamente considerada um obstáculo à evolução espiritual. Francesca falava de como se sentia culpada por coisas simples, como querer descansar ou passar tempo com sua família. A escola a fazia acreditar que, ao dedicar-se a esses momentos pessoais, ela estava falhando no seu compromisso com o Ideal.

Alice também havia vivido isso. Lembrava-se de quantas vezes se sentira culpada por querer momentos de tranquilidade, por não estar constantemente participando das atividades e rituais que a escola impunha. Era como se a ideia de autocuidado fosse algo proibido, quase pecaminoso. E, ao longo dos anos, essa ideia foi internalizada, a ponto de ela acreditar que sua vida só tinha valor se estivesse sendo dedicada à escola e à sua causa.

— Francesca dizia que, depois de sair, o maior desafio foi aprender a sentir de novo. — Alice continuou, a voz suave, mas cheia de reflexão. — Ela passou tanto tempo reprimindo tudo, que quando finalmente estava livre, ela não sabia mais como lidar com as próprias emoções. Tinha medo de ser consumida por elas.

Tomaz permaneceu em silêncio, mas Alice podia ver o quanto aquelas palavras o tocavam. Ambos haviam passado por esse processo de repressão emocional. A escola havia criado um ambiente onde a vulnerabilidade era vista como um defeito, onde a perfeição inatingível era o único objetivo aceitável. E agora, do lado de fora, a ideia de simplesmente sentir — de ser humano novamente — parecia assustadora e estranha.

— Acho que estamos todos no mesmo barco, — disse Tomaz, finalmente. — Depois de tantos anos ignorando o que sentíamos, parece que estamos aprendendo a viver de novo.

Alice concordou, mas sabia que essa “nova vida” seria um caminho longo. A escola não apenas os havia treinado a reprimir suas emoções, mas também a desconfiar delas. A sensação de dúvida constante, de que cada pensamento ou sentimento pessoal estava errado, ainda estava lá. Francesca mencionara isso várias vezes — como, mesmo após a fuga, ela demorou a acreditar que suas próprias opiniões tinham valor. A escola havia plantado a ideia de que os mestres sabiam o que era melhor para cada um, e que qualquer ideia ou sentimento contrário era um sinal de fraqueza ou egoísmo.

Alice sabia que ela e Tomaz estavam apenas começando a se reconstruir. Sabia que o processo de curar as feridas profundas deixadas pela escola seria longo e cheio de obstáculos. Mas a história de Francesca dava a ela esperança. Francesca havia conseguido, eventualmente, encontrar um equilíbrio. Ela havia descrito, em seus depoimentos, como começou a redescobrir pequenos prazeres da vida, como a simplicidade de um dia ensolarado, o conforto de estar em casa, a alegria de uma conversa sincera com amigos. Esses eram momentos que a escola havia tirado dela, mas que, agora, Francesca valorizava mais do que nunca.

— Francesca disse que aprender a apreciar as pequenas coisas foi o que a salvou, no final, — Alice disse, com um leve sorriso. — Ela mencionou que, por anos, a escola fez com que ela acreditasse que a única coisa que importava era o Ideal. Mas, no final, o que realmente

a ajudou a se recuperar foram as coisas simples — a liberdade de ser quem ela realmente era, sem pressões, sem expectativas irreais.

Tomaz sorriu de volta, embora ainda carregasse aquela melancolia nos olhos.

— Então, talvez seja isso que precisamos fazer também, — ele disse, pensativo. — Começar a nos reconectar com as pequenas coisas. Aprender a ser novamente. Sem as pressões, sem os padrões irreais.

Alice assentiu, sentindo uma onda de esperança suave tomando conta de seu peito. Francesca havia encontrado seu caminho de volta para si mesma, e isso significava que ela e Tomaz também poderiam. Levaria tempo, sem dúvida, e o processo seria difícil, mas o mais importante já havia sido feito: eles haviam escapado. Agora, o desafio era descobrir quem eram sem a sombra da escola, sem as vozes dos mestres que tentavam ditar suas vidas.

Eles continuaram caminhando, e enquanto a noite se aprofundava, Alice começou a se sentir mais leve. O fardo das memórias ainda estava ali, mas a ideia de que poderiam encontrar algo além das manipulações da escola era reconfortante. Francesca, Juliano, Zuhail — todos que haviam fugido haviam encontrado maneiras de se reconstruir. Alice sabia que, apesar das dificuldades que ainda enfrentariam, ela e Tomaz tinham uma chance real de fazer o mesmo.

Com a luz da lua iluminando suavemente o caminho à frente, Alice percebeu que, pela primeira vez em muito tempo, ela sentia uma coisa que a escola havia feito de tudo para apagar: esperança.

Capítulo 12: A Máscara da Devoção

Enquanto Alice Moreau e Tomaz Ferraz avançavam pela estrada escura, o ar parecia mais pesado. As histórias que haviam escutado sobre outros que também fugiram da escola continuavam a preencher suas mentes. Entre essas histórias, uma que agora ecoava nos pensamentos de Alice era a de Nathan Morel, um ex-membro da escola que, como eles, passou por um longo processo de manipulação e submissão antes de finalmente conseguir escapar [OBJ].

Nathan havia contado como entrou na escola atraído pelos discursos sobre espiritualidade, filosofia e engajamento cidadão. A promessa de um lugar onde ele poderia crescer pessoalmente, envolvido em atividades culturais e de voluntariado, parecia perfeita. Mas, ao longo dos anos, o que parecia uma oportunidade de transformação revelou-se uma armadilha cuidadosamente construída para manter o controle sobre os membros.

Alice se lembrou do que Nathan mencionou sobre os primeiros cursos que havia frequentado, e como, em retrospecto, ele percebeu que esses cursos não passavam de uma introdução mascarada a uma doutrina ocultista e totalitária. “No começo, tudo parecia tão inocente,” ele havia escrito, “mas logo me vi imerso em um sistema de crenças que nunca questionei até ser tarde demais.”

Alice entendia bem essa sensação. Assim como Nathan, ela e Tomaz foram progressivamente introduzidos a práticas e rituais que, de início, pareciam inofensivos. Mas, conforme subiam na hierarquia, começaram a perceber que a liberdade prometida pela escola era ilusória. O verdadeiro propósito não era o desenvolvimento espiritual, mas sim a obediência cega aos mestres e à estrutura de poder da organização.

— Nathan falou sobre como a devoção a um ideal maior se transformou em um ciclo de servidão, — Alice comentou, sua voz baixa e sombria. — Ele achava que estava crescendo espiritualmente, mas, no final, percebeu que estava apenas entregando cada vez mais de sua vida para um sistema que sugava tudo de quem ele era.

Tomaz assentiu, sua expressão grave.

— Nós também sentimos isso, — ele disse. — Sempre havia mais uma etapa, mais uma exigência. Quanto mais dávamos, mais eles tomavam.

Alice pensou em como Nathan descreveu a progressão sutil de sua submissão. Ele havia entrado na escola com entusiasmo, acreditando na promessa de crescimento pessoal e de um futuro melhor. Mas, pouco a pouco, foi levado a um ponto onde já não tinha mais controle sobre sua própria vida. A relação entre mestre e discípulo, que no início parecia benigna, tornou-se cada vez mais autoritária, misturando afeto e controle de uma maneira que desorientava os membros [OBJ].

Nathan havia detalhado como, após se tornar parte das Forças Vivas, o controle sobre sua vida se intensificou. A escola não apenas dominava seu tempo e suas ações, mas também moldava sua mentalidade, fazendo-o acreditar que suas dúvidas e críticas eram sinais de

fraqueza. “A crítica era vista como uma armadilha do ego,” ele escreveu, “algo que devia ser extirpado para que pudéssemos nos alinhar ao Ideal.”

Alice sentiu um arrepio ao pensar nisso. Ela também havia experimentado esse tipo de controle mental. Sempre que questionava algo ou se sentia desconfortável com as exigências da escola, a resposta era a mesma: ela ainda não estava “purificada” o suficiente. A dúvida era um sinal de que não estava totalmente comprometida, um indicativo de que precisava se dedicar mais, trabalhar mais, e sacrificar mais.

— Nathan mencionou que, em um ponto, ele parou de questionar, — disse Alice, a voz quase um sussurro. — Ele se tornou uma ‘casca vazia’, como ele descreveu. Alguém que apenas repetia os ensinamentos, sem mais pensar ou sentir por si mesmo.

Tomaz olhou para Alice, reconhecendo aquela mesma experiência dentro de si. Eles haviam se tornado o que a escola queria: marionetes que seguiam ordens sem questionar, acreditando que estavam caminhando para o “despertar”, quando na verdade estavam cada vez mais presos.

Nathan também havia mencionado como o processo de controle da escola era gradual, construído em torno de pequenas concessões que, no início, pareciam triviais. Mas essas pequenas concessões se acumulavam, até que os membros se viam totalmente dominados pela estrutura da organização. “Eu achava que estava no controle, que estava escolhendo isso,” Nathan escreveu. “Mas o que eu não via era que meu consentimento estava sendo induzido, manipulado.”

Alice sabia que ela e Tomaz haviam passado pelo mesmo processo. A sensação de escolha era apenas uma fachada. O sistema da escola era projetado para fazer com que os membros acreditassem que estavam agindo por vontade própria, quando, na realidade, estavam sendo cuidadosamente guiados para o total controle.

— Ele falou sobre os rituais também, — continuou Alice, tentando reorganizar os pensamentos que corriam em sua mente. — Os rituais que envolviam juramentos e devoções a ‘deuses’ que ele mal conhecia. Ele disse que, na época, aquilo parecia uma forma de purificação espiritual, mas agora ele vê que era apenas mais uma forma de controle.

Tomaz assentiu novamente, uma expressão sombria atravessando seu rosto. Ele lembrava de como os rituais na escola eram usados para reforçar a ideia de obediência e sacrifício. O uso de símbolos antigos, a exaltação da dor e da renúncia pessoal como virtudes, tudo isso fazia parte de um sistema que lentamente removia a individualidade dos membros, substituindo-a por uma devoção cega ao Ideal.

— Nathan disse que foi só quando atingiu um ponto de esgotamento total que percebeu a verdade, — Alice disse, sua voz se tornando mais firme. — Ele se viu completamente consumido, sem energia física, mental ou emocional. E foi então que percebeu que a escola nunca o ajudaria a se reconstruir. O único caminho para se salvar era sair.

Tomaz suspirou profundamente, absorvendo aquelas palavras.

— Ele estava certo. A escola não estava interessada em nos reconstruir, — disse ele, a voz carregada de uma tristeza cansada. — Eles só queriam nos usar até não sobrar mais nada de nós.

Alice sabia que esse era o momento de verdade que Nathan havia alcançado — o momento em que percebeu que o ciclo de sacrifício e devoção nunca terminaria, que a escola sempre exigiria mais, até que nada restasse. E assim, Nathan fez o que parecia impossível: ele partiu.

Enquanto Alice e Tomaz continuavam caminhando pela estrada deserta, ambos sabiam que estavam em uma posição semelhante. Havia escapado fisicamente, mas agora precisavam encontrar uma maneira de escapar mentalmente e emocionalmente, libertando-se das vozes da escola que ainda ecoavam em suas mentes.

Alice Moreau e Tomaz Ferraz continuaram caminhando pela escuridão da noite, a estrada diante deles se estendendo como um caminho de incertezas e promessas. As palavras de Nathan Morel ainda reverberavam nas mentes de ambos, especialmente o ponto decisivo de sua história: o momento em que ele percebeu que a escola nunca o ajudaria a se reconstruir, que a única forma de recuperar sua identidade era sair completamente, cortar todos os laços, tanto físicos quanto emocionais.

— Nathan disse que o mais difícil foi se libertar da ideia de que ele precisava da escola para ser alguém, — Alice comentou, sua voz carregada de reflexão. — Eles te fazem acreditar que, sem eles, você é fraco, perdido. Mas a verdade é que você só pode realmente se encontrar quando se liberta dessas amarras.

Tomaz assentiu lentamente. Ele também sentia o peso dessa verdade. Por muito tempo, a escola os havia convencido de que sua força vinha da doutrina, dos mestres, do grupo. Era uma dependência construída de maneira tão insidiosa que eles nem percebiam que estavam sendo privados de suas próprias capacidades e autonomia. No início, parecia que a escola estava ensinando-os a serem mais fortes, mais dedicados. Mas, na realidade, estavam apenas sendo treinados a seguir ordens, a moldar suas vidas de acordo com um ideal que nunca poderiam alcançar completamente.

Nathan descreveu em seu testemunho que, após anos de devoção cega, chegou a um ponto de esgotamento físico e emocional. Ele estava dando tudo o que tinha para a escola, esperando que, em troca, recebesse a iluminação prometida. Mas, como Alice e Tomaz agora sabiam muito bem, essa iluminação nunca viria. A escola não era um caminho para o crescimento, mas uma prisão onde os membros eram usados até serem completamente drenados.

Alice lembrava-se de como Nathan mencionou que os rituais, que ele acreditava serem formas de purificação espiritual, eram na verdade uma forma de controle. Os símbolos, os cânticos, os juramentos, tudo isso reforçava a devoção à escola, ao mesmo tempo que destruía qualquer traço de individualidade. “Eles te fazem acreditar que a obediência cega é o caminho para a liberdade,” Nathan escreveu. “Mas a verdade é que a liberdade só vem quando você começa a questionar.”

— Ele falou que o momento em que começou a questionar tudo foi como um despertar, — Alice continuou, seus olhos voltados para o horizonte. — Nathan disse que, no início, ele sentiu uma imensa culpa, como se estivesse traindo o Ideal. Mas, ao mesmo tempo, essa dúvida foi a primeira coisa que o fez sentir-se vivo de novo. Era como se, pela primeira vez, ele estivesse realmente pensando por si mesmo.

Tomaz permaneceu em silêncio por um momento, refletindo sobre as palavras de Alice. Ele também lembrava das vezes em que começou a questionar a doutrina da escola, mas, ao contrário de Nathan, sua dúvida havia sido rapidamente abafada pela culpa e pela pressão dos mestres. Qualquer crítica, por menor que fosse, era vista como uma ameaça ao progresso espiritual, como uma demonstração de fraqueza. O medo de ser considerado “fraco” ou “egoísta” era o suficiente para silenciar qualquer pensamento crítico.

— É estranho como eles usam nossas próprias inseguranças contra nós, — Tomaz murmurou, mais para si mesmo do que para Alice. — Eles sabiam exatamente como nos controlar, nos fazendo acreditar que estávamos sempre falhando, que nunca seríamos bons o suficiente.

Alice olhou para ele, percebendo a profundidade daquela afirmação. Era exatamente isso que Nathan havia descrito: o ciclo interminável de culpa e inadequação que a escola impunha a seus membros. A constante sensação de que, não importa o quanto se esforçassem, nunca seriam dignos do “despertar” prometido. E essa era a maior armadilha. A escola se alimentava dessa insegurança, usando-a para manter os membros presos em um ciclo de devoção que nunca terminava.

— Nathan disse que o mais libertador, depois de sair, foi perceber que ele não precisava ser perfeito, — Alice acrescentou, com um leve sorriso. — Ele percebeu que a verdadeira força vinha de aceitar suas imperfeições, de permitir-se ser humano novamente.

Tomaz parou por um momento, pensando nas palavras de Alice. A ideia de que a perfeição era inalcançável sempre fora usada como uma forma de controle. Na escola, eles eram constantemente lembrados de suas falhas, de seus defeitos, e como precisavam “trabalhar duro” para superá-los. Mas, no fundo, a escola nunca quis que eles superassem essas falhas. Mantê-los inseguros, sempre buscando algo inatingível, era a chave para o controle.

— Nós passamos tanto tempo tentando nos encaixar em algo que não éramos, — Tomaz disse, sua voz baixa. — Sempre tentando nos moldar àquela imagem que eles queriam. Mas essa imagem nunca foi nossa.

Alice suspirou, sentindo a verdade naquelas palavras. Ela sabia que o processo de reconstruir sua identidade fora da escola seria longo e doloroso, mas, como Nathan descobrira, também seria libertador. Ele mencionou que, após anos de submissão, o maior desafio não era fugir fisicamente, mas aprender a confiar novamente em seus próprios pensamentos, em suas próprias escolhas.

Nathan descreveu como, depois de sair da escola, ele se viu constantemente questionando cada decisão que tomava. “Era como se eu estivesse sempre esperando a aprovação de

alguém,” ele escreveu. “Por tanto tempo, todas as minhas decisões foram moldadas pela vontade dos mestres, que, quando finalmente estive por minha conta, eu não sabia como confiar em mim mesmo.”

Alice podia sentir o peso dessa declaração. Mesmo agora, longe da escola, ela sabia que as vozes dos mestres ainda ecoavam em sua mente, fazendo-a questionar suas escolhas, como se estivesse sempre à espera de ser corrigida ou punida. Mas, ao mesmo tempo, havia algo diferente agora. Havia uma nova consciência de que esses pensamentos não eram realmente seus — eram implantações da escola, resquícios de anos de manipulação.

— Nathan disse que a verdadeira libertação veio quando ele começou a confiar em seus próprios instintos novamente, — Alice disse, virando-se para Tomaz. — Ele falou que, no começo, era difícil. Mas, pouco a pouco, ele começou a se reconectar com quem ele era antes da escola. E foi assim que ele começou a se curar.

Tomaz olhou para Alice, com uma expressão de compreensão. Ele também sabia que o caminho que estavam trilhando não era apenas sobre fugir da escola, mas sobre redescobrir quem eram fora dela. A escola havia moldado tanto de suas vidas, suas mentes, que, agora, eles estavam em uma jornada para se reencontrar, para se lembrar de quem eram antes de tudo aquilo.

— Talvez seja isso que precisamos fazer também, — disse Tomaz, com uma leveza em sua voz que Alice não ouvia há muito tempo. — Talvez seja hora de começarmos a confiar em nós mesmos novamente.

Alice sorriu, sentindo uma pequena fagulha de esperança crescer dentro dela. Sabia que o caminho seria difícil, mas também sabia que, como Nathan, eles poderiam se curar. Com o tempo, eles poderiam calar as vozes da escola, as vozes que os mantiveram presos por tanto tempo.

E, enquanto continuavam a caminhar sob o céu escuro, Alice percebeu que, pela primeira vez em muito tempo, ela estava começando a acreditar nisso.

Capítulo 13: A Máscara da Sabedoria

Alice Moreau e Tomaz Ferraz seguiam em frente, mas, dessa vez, a história de Matthieu Chevillot dominava os pensamentos de Alice. Matthieu havia se juntado à escola, atraído pela promessa de filosofia, sabedoria e camaradagem. Como tantos outros, ele fora seduzido pelo ambiente aparentemente acolhedor e intelectual, apenas para descobrir, com o tempo, a verdade sombria por trás da fachada. Matthieu, como Alice e Tomaz, havia sido vítima de um sistema que se disfarçava de busca pela sabedoria, mas que, na realidade, operava como um culto, isolando e controlando seus membros.

Alice lembrou-se do momento em que Matthieu começou a perceber as incongruências. No início, ele se encantara com os discursos sobre filosofia, especialmente com o Grupo Perséus, um programa que misturava filosofia e atividades físicas. Mas, aos poucos, as coisas começaram a mudar. Matthieu notou que, à medida que subia na hierarquia, os ensinamentos filosóficos superficiais davam lugar a doutrinas esotéricas e rituais secretos que eram reservados apenas aos membros das Forças Vivas. O que começou como uma escola de filosofia revelou-se uma organização com práticas ocultas e uma agenda muito além do que era divulgado publicamente [OBJ].

— Matthieu disse que, no começo, não via o perigo. Tudo parecia inocente, amigável, uma busca legítima pela sabedoria, — Alice comentou, enquanto caminhavam. — Mas logo ele percebeu que havia algo por trás, algo que eles não queriam que ninguém soubesse.

Tomaz franziu a testa, intrigado.

— Foi assim com a gente também, não foi? Tudo começou com filosofia, com ideias que pareciam profundas, mas depois veio a pressão, as exigências. O que parecia uma busca pelo saber logo virou um ciclo de obediência cega.

Alice assentiu. O que mais a impressionava na história de Matthieu era como ele descreveu o momento em que começou a descobrir os bastidores da escola. Ele havia sido chamado para participar das Forças Vivas, e foi aí que as ilusões começaram a ruir. Matthieu contou que, pela primeira vez, viu os símbolos ocultos, os uniformes militares, e os rituais que incluíam saudações antigas, como o “saluto romano”. No início, ele ficou chocado, mas foi convencido de que tudo fazia parte de uma “tradição espiritual”, uma explicação que, aos poucos, começou a parecer absurda [OBJ].

— Ele falou sobre os uniformes, os rituais, — Alice continuou. — Disse que, quando viu pela primeira vez o ‘saluto romano’, ficou perplexo. Eles explicaram que era um gesto para canalizar ‘energias positivas’, mas ele sabia que aquilo não estava certo. Era como se, de repente, estivesse em uma organização completamente diferente.

Tomaz ficou em silêncio, absorvendo o que Alice dizia. Ele também sabia que, em algum ponto, a escola havia cruzado uma linha invisível. O que era uma busca por autoconhecimento e filosofia logo se transformou em um culto à personalidade, onde as ideias de sacrifício e obediência absoluta eram glorificadas. Eles foram lentamente introduzidos a uma doutrina que misturava espiritualidade, militarismo e manipulação psicológica.

Matthieu também mencionou os “bastiões”, textos escritos pelo fundador da escola, Jorge Angel Livraga, que exaltavam o sacrifício pessoal e até faziam apologia a uma raça superior. Matthieu foi obrigado a estudar esses textos, que glorificavam a ideia de uma humanidade melhorada e “purificada”. Era uma revelação perturbadora, e, embora alguns mestres tentassem minimizar o conteúdo, alegando que não representava os valores da escola, Matthieu sabia que havia algo profundamente errado [OBJ].

— Ele disse que foi nesse ponto que percebeu que estava preso em algo muito maior, — Alice explicou. — Os textos falavam de um futuro utópico, mas, no fundo, era uma justificativa para o controle. Era um jeito de nos fazer acreditar que o sacrifício e a obediência eram necessários para algo maior, mas, na verdade, era apenas mais manipulação.

Tomaz ficou pensativo, lembrando-se de suas próprias experiências. Ele também havia se deparado com essas ideias, com essa glorificação do sacrifício pessoal, como se o Ideal fosse algo que valesse a perda de tudo — de sua liberdade, de sua individualidade, de sua própria humanidade. A escola usava a filosofia como uma fachada para esconder seus verdadeiros objetivos.

— Matthieu mencionou que o pior de tudo era a forma como eles manipulavam os novos membros, — Alice disse, sua voz ficando mais firme. — Ele disse que parte do treinamento das Forças Vivas era aprender como desarmar as acusações de sectarismo. Eles te ensinavam a usar as palavras certas, a manter a fachada, a esconder a verdade.

Tomaz balançou a cabeça, incrédulo.

— Então tudo aquilo... as conversas, as desculpas, era tudo planejado, calculado. Eles sabiam exatamente como manipular as pessoas, como esconder o que realmente estava acontecendo.

Alice sentiu um nó se formar em seu estômago ao ouvir as palavras de Tomaz. Era difícil admitir, mas ele estava certo. Toda a estrutura da escola havia sido criada para atrair pessoas bem-intencionadas, em busca de crescimento pessoal e espiritual, apenas para depois envolvê-las em um sistema que controlava cada aspecto de suas vidas. Matthieu, como tantos outros, havia se deixado levar pela promessa de uma vida melhor, de um propósito maior, sem perceber que estava sendo manipulado desde o início.

— No final, ele percebeu que não poderia continuar, — Alice continuou. — Matthieu disse que chegou a um ponto em que estava prestes a se tornar cúmplice. Ele seria um dos que recrutariam mais pessoas, que manteriam a fachada. E foi aí que ele decidiu sair. Ele sabia que, se continuasse, perderia completamente quem ele era.

Tomaz respirou fundo, sentindo o peso das palavras de Alice. Eles também haviam chegado a esse ponto, ao limite entre se perderem de vez ou fugirem enquanto ainda tinham uma chance. Matthieu falou sobre a dificuldade de partir, sobre como precisou cortar laços com amigos e colegas que ele tanto valorizava, porque sabia que eles estavam presos demais

no sistema. Era doloroso, mas ele fez isso para preservar sua sanidade, sua liberdade, sua própria vida [08].

— É exatamente isso que estamos fazendo agora, — disse Tomaz, sua voz cheia de determinação. — Estamos nos libertando, como ele fez.

Alice assentiu. Eles estavam no caminho certo, mas sabiam que a jornada ainda seria longa. Matthieu havia escapado, mas as cicatrizes emocionais e mentais o acompanharam por muito tempo. Ele mencionou como, mesmo depois de sair, ainda ouvia as palavras dos mestres em sua mente, como se uma parte dele ainda estivesse presa à escola. Mas, com o tempo, ele começou a se reconstruir, a redescobrir sua própria identidade, longe das mentiras e manipulações.

Enquanto Alice e Tomaz continuavam seu caminho na noite, sabiam que ainda havia muito a ser superado. Mas a história de Matthieu lhes dava esperança. Ele havia conseguido se libertar, havia escolhido preservar sua humanidade, sua individualidade, mesmo diante de um sistema opressivo.

Agora, era a vez deles.

Alice Moreau e Tomaz Ferraz continuavam sua caminhada pela noite escura, com a história de Matthieu Chevillot ressoando em suas mentes. O peso do que haviam vivido na escola de filosofia à maneira clássica era profundo, mas saber que outros como Matthieu haviam escapado e conseguido se reconstruir lhes dava uma nova esperança. As palavras dele, sobre como ele quase se tornou cúmplice ao recrutar mais pessoas, ainda ecoavam. Eles sabiam que estavam próximos desse mesmo ponto antes de decidir fugir. O sistema os havia moldado de tal forma que, se tivessem continuado, também se tornariam perpetuadores daquela manipulação, mascarada de busca espiritual.

— Matthieu disse que quando ele percebeu o que estava prestes a fazer, foi como acordar de um pesadelo, — Alice disse, quebrando o silêncio entre eles. — Ele viu que, se continuasse, estaria enganando outros como ele havia sido enganado. Estaria ajudando a perpetuar a prisão.

Tomaz assentiu, sentindo o impacto daquelas palavras. Ele também sabia o quanto a escola os treinava para defender suas práticas, para recrutar mais pessoas e fazê-las acreditar que estavam em um caminho especial. Mas a verdade era outra. O que a escola oferecia não era sabedoria ou iluminação, mas controle. Cada passo, cada nível, cada prova que passavam, os prendia mais ao sistema, até que não restava mais quem eles eram antes.

— Isso é o mais assustador, — disse Tomaz, finalmente. — Eles te transformam em parte da máquina, sem você nem perceber. Te fazem acreditar que está ajudando os outros, mas, na verdade, você está apenas perpetuando o controle.

Alice olhou para ele, vendo o cansaço em seus olhos, mas também uma determinação crescente. Sabia que eles estavam no caminho certo. Matthieu, como Juliano, Zuhel, Francesca, e tantos outros que haviam escapado, provava que era possível se libertar

daquele ciclo. Mas também sabiam que o caminho para se livrarem completamente das correntes invisíveis da escola seria longo e doloroso.

Matthieu havia falado sobre como, mesmo depois de sair, ele ainda sentia a influência da escola em sua mente. Ele descreveu como, por meses, continuou a ouvir as vozes dos mestres, criticando suas decisões, tentando fazê-lo duvidar de si mesmo. “Era como se eles ainda estivessem lá, me observando,” Matthieu escreveu. “Mesmo sabendo que eu estava fora, a sensação de culpa e medo continuava.”

Alice sabia exatamente do que ele estava falando. Mesmo agora, longe da escola, ainda havia momentos em que ela sentia que estava fazendo algo errado por estar longe. A escola os havia condicionado a acreditar que qualquer forma de vida fora de sua estrutura era vazia, sem propósito. O Ideal se tornara não apenas uma doutrina, mas um mecanismo de controle mental, mantendo os membros presos, mesmo quando tentavam escapar.

— Você também sente isso? — Alice perguntou, olhando para Tomaz.

Ele demorou um pouco para responder, mas finalmente assentiu.

— Sinto, sim. É como se, a qualquer momento, eu estivesse esperando alguém da escola aparecer e me dizer que eu errei, que estou quebrando algum voto ou traindo o Ideal. — Ele fez uma pausa, suspirando. — Eles nos fizeram acreditar que éramos parte de algo maior, algo que justificava todo sacrifício. Mas, na verdade, estávamos apenas entregando tudo a eles.

Alice reconhecia aquela mesma sensação dentro de si. Era difícil se libertar completamente quando a própria mente ainda carregava os ecos de anos de doutrinação. Matthieu mencionara como, depois de sair, ele começou a reconstruir lentamente sua confiança em si mesmo. Ele precisou reaprender a confiar em suas próprias escolhas, a acreditar que sua vida tinha valor fora dos muros da escola.

— Matthieu disse que, depois de um tempo, ele percebeu que o verdadeiro despertar não era o que a escola prometia, — Alice disse, com um pequeno sorriso. — Ele falou que o verdadeiro despertar veio quando ele começou a pensar por si mesmo, a questionar, a recuperar sua liberdade mental. Foi aí que ele realmente se encontrou.

Tomaz olhou para Alice, percebendo a importância daquelas palavras. Eles também estavam nesse processo. A escola havia prometido um “despertar” através de obediência, sacrifício e submissão. Mas a verdade era que o despertar que procuravam só poderia vir da liberdade — de recuperar suas vozes, suas vontades, suas próprias identidades.

— É isso que estamos fazendo agora, não é? — perguntou Tomaz, sua voz carregada de esperança cautelosa. — Estamos começando a nos reencontrar.

Alice assentiu, sentindo um pequeno alívio. Sabia que o processo seria longo, mas a história de Matthieu mostrava que era possível. Matthieu mencionou que, aos poucos, ele começou a redescobrir os pequenos prazeres da vida. Coisas simples, como poder tomar uma decisão sem consultar um mestre ou passar um dia sem se sentir culpado por não

estar dedicando cada segundo de sua vida à escola. Ele começou a valorizar essas pequenas liberdades, e, com o tempo, elas se tornaram a base de sua nova vida.

— Ele falou que a coisa mais importante que ele fez foi reaprender a sentir sem culpa, — Alice disse, sua voz ficando mais suave. — Matthieu contou que, por muito tempo, ele teve medo de sentir qualquer coisa. A escola nos ensinou que emoções são fraquezas, mas, na verdade, são o que nos tornam humanos. Ele precisou aprender a sentir de novo, sem medo de estar falhando.

Tomaz sorriu levemente, reconhecendo o mesmo processo dentro de si. A escola os havia treinado para reprimir suas emoções, para se desconectar de seus próprios sentimentos em nome de uma falsa perfeição. Agora, fora daquele ambiente, eles estavam reaprendendo a ser vulneráveis, a aceitar suas falhas e a sentir sem medo de julgamento.

— Acho que é isso que estamos começando a fazer, — disse Tomaz. — Aprender a ser nós mesmos de novo.

Alice sentiu uma onda de esperança crescer dentro de si. Matthieu havia conseguido. Ele havia escapado não apenas fisicamente, mas mentalmente, emocionalmente. Ele havia se reconstruído, e isso significava que eles também podiam. Sabia que levaria tempo, que ainda enfrentariam momentos de dúvida e medo, mas agora estavam em um caminho que era deles, e não mais ditado pela escola.

Enquanto continuavam caminhando pela estrada, o silêncio entre eles era mais leve, menos opressivo. A jornada estava apenas começando, mas Alice sabia que, passo a passo, estavam se distanciando das sombras da escola, das manipulações, das mentiras. Estavam se aproximando de algo novo, algo verdadeiro — uma vida em que eles finalmente seriam livres para serem quem eram de verdade.

Alice Moreau e Tomaz Ferraz continuavam caminhando, e a estrada diante deles parecia mais clara, apesar da escuridão que ainda os cercava. A história de Matthieu Chevillot lhes dera uma nova perspectiva, um vislumbre de que, mesmo após anos de manipulação, havia uma possibilidade real de se libertar, de se reconstruir. Mas, como Matthieu havia deixado claro em seu testemunho, essa jornada não seria fácil. Ele mencionou que, por muito tempo após sua fuga, as sombras da escola ainda o seguiam, especialmente nas suas relações com o mundo exterior.

Matthieu descreveu como, depois de deixar a escola, ele teve que reaprender a confiar nas pessoas. A escola havia moldado suas percepções de maneira tão distorcida que ele passou a desconfiar de tudo e todos fora de seu círculo de “irmãos” na organização. “Eles nos ensinaram que o mundo exterior era corrupto, perigoso,” Matthieu escreveu. “Eles diziam que só na escola estaríamos seguros, que só lá encontraríamos a verdade. Mas, na verdade, o perigo estava lá dentro.”

Alice se lembrava de como, por muitos anos, ela também havia temido o “mundo exterior”. A escola lhes ensinara a ver a sociedade de fora como superficial, cheia de mentiras, sem propósito. Eles foram doutrinados a acreditar que apenas dentro dos muros da escola de filosofia é que poderiam encontrar significado. Essa era uma das maneiras mais sutis e

poderosas de controle: fazer os membros acreditarem que não havia vida fora da escola, que, sem ela, estariam perdidos.

— Matthieu disse que o maior desafio foi justamente confiar em si mesmo, — Alice refletiu, enquanto caminhavam lado a lado. — Eles nos fizeram acreditar que só os mestres sabiam o que era melhor para nós. E por tanto tempo, deixamos de ouvir nossa própria voz.

Tomaz, ouvindo atentamente, assentiu. Ele também havia experimentado essa sensação de desconfiança em si mesmo, como se suas próprias escolhas fossem sempre falhas, como se precisasse constantemente de validação externa para saber se estava no caminho certo. A escola criava essa dependência emocional, minando lentamente a capacidade dos membros de pensar e agir por conta própria.

— Eles nos faziam sentir como se fôssemos fracos, — disse Tomaz, sua voz amarga. — Como se não fôssemos capazes de tomar nossas próprias decisões. Tudo precisava ser aprovado, tudo precisava seguir o Ideal. E, com o tempo, a gente esquece como confiar em nós mesmos.

Alice olhou para ele, vendo o peso daquelas palavras. Ela sabia exatamente do que Tomaz estava falando. Quantas vezes, durante os anos na escola, ela havia questionado algo e, imediatamente, sentiu-se culpada por ter uma dúvida? A escola havia criado um sistema onde o questionamento era visto como fraqueza, como falta de fé. E, assim, aos poucos, os membros se entregavam completamente, até não restar mais nenhuma voz interior.

Matthieu também mencionou como, depois de sair, ele percebeu o quanto havia se isolado do resto do mundo. A escola cultivava uma mentalidade de “nós contra eles”, uma forma de criar uma barreira entre os membros e a sociedade. Isso os tornava dependentes uns dos outros e, principalmente, dos mestres. Mas, fora daquele ambiente, Matthieu começou a ver que o mundo não era o lugar perigoso e sem sentido que a escola descrevia. Na verdade, ele começou a encontrar beleza nas pequenas coisas, nas relações genuínas com pessoas que não faziam parte da escola, na liberdade de fazer suas próprias escolhas.

— Ele falou sobre como o mundo lá fora parecia assustador no início, mas aos poucos ele começou a enxergar o que realmente havia perdido, — Alice disse. — A liberdade de se conectar com as pessoas, a liberdade de ser ele mesmo sem medo de estar sempre falhando. Foi difícil, mas ele disse que valeu a pena.

Tomaz refletiu por um momento antes de responder.

— É engraçado pensar nisso agora. Como a escola nos fez acreditar que só lá dentro estávamos seguros. E agora que estamos fora, começamos a perceber o quanto estávamos presos.

Alice sorriu levemente, concordando. Para ela, a escola sempre fora um refúgio, uma promessa de segurança e sentido em um mundo caótico. Mas, com o tempo, essa promessa havia se transformado em uma prisão, onde a segurança era apenas uma ilusão e o sentido estava sempre fora de alcance. Matthieu havia descrito essa mesma sensação

de “acordar” para a realidade de que a escola não era um lugar de sabedoria, mas um lugar de controle.

— Sabe o que é interessante? — Alice começou, refletindo em voz alta. — Matthieu falou que, no final, a coisa mais importante que ele aprendeu foi que a sabedoria não vem da obediência cega. A verdadeira sabedoria vem da dúvida, do questionamento. E é isso que a escola nunca quis que fizéssemos.

Tomaz olhou para ela, absorvendo aquelas palavras. Ele sabia que Alice estava certa. A escola nunca incentivara o verdadeiro pensamento crítico. Tudo o que exigiam era devoção incondicional, e qualquer um que ousasse questionar as doutrinas era rapidamente silenciado ou marginalizado. O sistema era feito para manter todos alinhados, sem espaço para dúvidas ou questionamentos.

— Então, o que fazemos agora? — Tomaz perguntou, sua voz carregada de uma nova determinação. — Agora que sabemos a verdade, como seguimos em frente?

Alice respirou fundo, olhando para o horizonte escuro à frente. A resposta não era simples, mas ela sabia que a chave estava em seguir os passos de pessoas como Matthieu, Francesca e Juliano. A cura viria lentamente, mas o mais importante era que agora estavam livres para trilhar seus próprios caminhos, para redescobrir quem eram sem as amarras da escola.

— Nós seguimos em frente, Tomaz, — ela disse, com um sorriso confiante. — E fazemos isso da única maneira que a escola nunca permitiu: sendo nós mesmos.

E com essas palavras, Alice e Tomaz continuaram sua jornada, sabendo que a estrada à frente ainda estava cheia de desafios, mas também de possibilidades.

Capítulo 14: Entre Dois Mundos

Alice Moreau se lembrava das palavras de Jean-Louis, que descrevera sua experiência com a escola de filosofia de maneira semelhante a um pesadelo do qual ele nunca parecia despertar completamente. Jean-Louis, um homem comum que buscava algo maior na vida, fora atraído pela promessa de crescimento pessoal e de se conectar com uma filosofia mais elevada. Mas, ao longo dos anos, percebeu que o que pensava ser um caminho para a sabedoria, na verdade, o estava afastando de sua própria vida, sua família e tudo o que antes lhe era importante [OBJ].

Alice e Tomaz Ferraz caminhavam lado a lado, a mente de ambos absorva nas histórias que ouviam e no impacto que essas experiências ainda tinham em suas próprias jornadas. Jean-Louis descreveu como ele e sua esposa, no início de sua relação, foram seduzidos pelo ambiente da escola e pelas promessas de evolução espiritual. Ele acreditava que estavam caminhando juntos para um futuro mais iluminado, mas, aos poucos, tudo se desmoronou. Jean-Louis começou a perceber que, enquanto ele fazia sacrifícios para apoiar sua esposa, que assumira um papel importante na escola, ela mergulhava cada vez mais fundo, afastando-se do mundo real e de suas responsabilidades familiares [OBJ].

— Ele falou sobre como, em algum momento, a escola passou a ser mais importante do que qualquer outra coisa na vida deles, — Alice comentou, quebrando o silêncio que se instalara. — Sua esposa começou a tratá-lo como se ele não fizesse parte do ‘Ideal’ e que, por isso, sua opinião não tinha valor.

Tomaz assentiu, compreendendo bem o que isso significava. Ele também experimentara o sentimento de se tornar “menos” aos olhos de quem estava imerso no Ideal da escola. Jean-Louis descreveu como sua esposa, em busca de sua própria evolução, começou a ver o casamento e a família como obstáculos a serem superados, em vez de partes essenciais de sua vida. Ela, como tantos outros, fora convencida de que, para alcançar um nível superior de consciência, era preciso se desvencilhar das “amarras” materiais, incluindo os laços familiares [OBJ].

— Ele mencionou como a escola fazia parecer que estar conectado ao ‘Ideal’ era mais importante do que qualquer relacionamento humano, — Alice continuou, sua voz pesada com a lembrança do relato. — Isso destruiu o casamento deles, e ele se viu lutando não apenas para salvar o relacionamento, mas para salvar sua própria sanidade.

Tomaz permaneceu em silêncio por um momento, refletindo sobre as palavras de Alice. Ele também sabia o que era ser colocado em segundo plano por um Ideal que parecia consumir tudo ao redor. Alice e Tomaz já haviam discutido muitas vezes sobre como a escola criava uma mentalidade de bando, onde os membros eram levados a acreditar que a única forma de alcançar o despertar era sacrificar tudo, até mesmo seus laços mais próximos.

Jean-Louis descrevera como, durante os últimos anos de seu casamento, sua esposa passou a vê-lo como um obstáculo ao seu desenvolvimento espiritual. Para ela, a escola representava o “mundo real”, enquanto a vida familiar e os relacionamentos eram apenas distrações, coisas que precisavam ser superadas para que ela pudesse alcançar seu verdadeiro potencial [OBJ].

— É assustador como a escola consegue inverter completamente as prioridades das pessoas, — Tomaz murmurou. — Eles te fazem acreditar que o 'Ideal' é a única coisa que importa, e que qualquer coisa que não se alinhe com ele é uma fraqueza ou uma distração.

Alice sabia que ele estava certo. Jean-Louis também havia descrito como, no auge de sua confusão, começou a questionar sua própria sanidade. Sua esposa o acusava de não entender a grandeza do Ideal, de não ser “forte o suficiente” para seguir o caminho que ela havia escolhido. E, aos poucos, ele começou a acreditar que o problema estava nele, que ele era fraco por não conseguir acompanhar [06].

— Ele disse que, em muitos momentos, se sentiu como se estivesse sendo empurrado para o lado, como se sua própria existência fosse um erro, — Alice comentou, sua voz suave, mas firme. — E, no fim, tudo o que ele queria era manter sua família unida, mas parecia que o 'Ideal' tinha se tornado um muro entre eles.

Tomaz olhou para o horizonte, suas mãos se apertando involuntariamente. Ele sabia que essas histórias, esses relatos, eram mais do que meras lembranças para eles. Eram avisos. Avisos de que a estrada que percorreram poderia ter os levado para o mesmo destino se não tivessem saído a tempo. Alice sentia o mesmo. Jean-Louis falou sobre como, apesar de todo o sacrifício, ele nunca conseguiu ser “suficiente” para a esposa, que sempre buscava algo além, algo que ele não podia oferecer.

— Jean-Louis disse que, no fim, ele percebeu que havia sido levado para uma vida que nunca escolheu de verdade, — Alice disse, seus olhos fixos no caminho à frente. — Ele estava apenas seguindo a esposa, pensando que estava fazendo a coisa certa, mas no final, percebeu que estava perdendo tudo — inclusive a si mesmo.

Tomaz refletiu sobre essas palavras. Ele também se sentia assim, como se tivesse sido levado por uma corrente que não escolheu, tentando agradar, tentando se adaptar a algo que nunca fez sentido para ele. A escola tinha essa habilidade de fazer as pessoas acreditarem que estavam no controle, quando, na verdade, estavam sendo manipuladas para servir a um propósito maior, um propósito que, muitas vezes, elas nem compreendiam completamente.

— No fim, Jean-Louis teve que fazer uma escolha, — Alice disse, com um tom de tristeza em sua voz. — Ele teve que escolher entre salvar a si mesmo ou continuar tentando salvar um casamento que já estava destruído pela escola. Ele escolheu sair.

Tomaz suspirou profundamente. Ele sabia que essa era a parte mais difícil da história de Jean-Louis — o momento em que ele percebeu que não havia mais nada que pudesse fazer para salvar seu casamento, que a escola havia consumido sua esposa de uma maneira que ele não podia desfazer. Jean-Louis saiu, mas o preço que pagou foi alto: ele perdeu sua família, e, por muito tempo, lutou contra a sensação de fracasso [06].

Alice olhou para Tomaz, percebendo a tensão em seus ombros. Sabia que, apesar de terem escapado juntos, ambos ainda carregavam o peso das decisões que tomaram, das pessoas que deixaram para trás e das partes de si mesmos que ainda precisavam ser curadas.

— O que importa agora, — Alice disse suavemente, tocando o braço de Tomaz, — é que fizemos a escolha de continuar juntos, de salvar um ao outro antes que fosse tarde demais.

Tomaz olhou para ela e, por um momento, a escuridão ao redor pareceu menos opressiva. Ele sabia que o caminho à frente ainda seria difícil, cheio de memórias dolorosas e desafios. Mas, ao contrário de Jean-Louis, eles haviam conseguido sair antes que tudo se desmoronasse. Havia conseguido preservar algo — uma conexão, uma esperança — que, por mais frágil que fosse, ainda estava ali.

E isso, para ambos, era o suficiente para continuar lutando.

Alice Moreau e Tomaz Ferraz continuaram a caminhar pela estrada silenciosa, suas mentes pesadas com o relato de Jean-Louis. A história dele, que envolvia a perda de sua família para a escola de filosofia, os lembrava da linha tênue entre o compromisso com um ideal e a destruição de tudo que era importante. Jean-Louis havia tentado manter seu casamento intacto, mas a escola, com sua doutrina de sacrifício absoluto e obediência ao Ideal, acabou por destruir o relacionamento. Alice e Tomaz sabiam que, por pouco, eles mesmos não haviam sido engolidos pelo mesmo destino.

Jean-Louis mencionou que, durante os últimos meses de seu casamento, ele se sentia cada vez mais alienado. Sua esposa havia se envolvido tão profundamente com a escola que qualquer discussão sobre as necessidades de sua família era tratada como algo “inferior”. “Tudo o que não era o Ideal se tornava irrelevante,” ele disse, refletindo com amargura. “Ela passou a acreditar que os laços familiares eram obstáculos ao crescimento espiritual. Era como se a escola tivesse reescrito quem ela era.” [Obj]

Alice pensou nas próprias batalhas internas que enfrentou enquanto estava na escola. A mesma lógica que Jean-Louis descrevia era aplicada a todos os membros, especialmente aqueles que começavam a subir na hierarquia. Era como se, quanto mais próximo do “despertar” você estivesse, mais você deveria abrir mão de sua individualidade e de seus relacionamentos. A ideia de que o Ideal estava acima de tudo era pregada incessantemente, e qualquer pessoa que questionasse ou tentasse manter uma vida fora da escola era vista como alguém “não iluminado”.

— Jean-Louis percebeu tarde demais que sua esposa já estava além de qualquer tentativa de retorno, — disse Alice, com tristeza em sua voz. — Ela acreditava tão profundamente no que a escola pregava, que deixou tudo para trás em nome do ‘despertar’.

Tomaz olhou para Alice, seus olhos escuros refletindo a luz fraca da lua. Ele sabia que ambos poderiam ter chegado ao mesmo ponto, se tivessem ficado mais tempo. A escola tinha uma maneira de consumir tudo ao redor dos membros, distorcendo seus valores e prioridades até que nada mais restasse, além da busca pelo Ideal.

— Isso poderia ter sido a gente, — disse Tomaz, pensativo. — Poderíamos ter perdido um ao outro nessa loucura.

Alice assentiu lentamente, sentindo o peso da verdade nas palavras de Tomaz. Durante seus anos na escola, ela também sentiu como os laços com o mundo exterior se enfraqueciam. Amigos de fora da escola começaram a parecer distantes, e qualquer relacionamento que não estivesse alinhado com os princípios da escola era tratado com suspeita. A doutrina da desindividualização, que ensinava que o sacrifício de si mesmo era necessário para o bem do grupo, se infiltrava em todos os aspectos de suas vidas. Ela percebeu, agora, como essa mentalidade quase a havia afastado de Tomaz.

— Eles queriam nos isolar, — Alice disse, refletindo. — Eles sabiam que, uma vez isolados, seríamos mais fáceis de controlar. E foi o que fizeram com Jean-Louis e sua esposa. Eles a isolaram tanto, que ela parou de ver valor em qualquer coisa que não fosse a escola.

Tomaz franziu a testa, pensando no quão hábil a escola era em manipular as relações pessoais. Ele se lembrava de quando começou a sentir que qualquer crítica à escola era imediatamente rejeitada, não apenas pelos mestres, mas pelos próprios membros. Todos se policiavam uns aos outros, sempre prontos para proteger o Ideal e afastar qualquer ameaça ao sistema. A esposa de Jean-Louis havia sido uma dessas pessoas, alguém que, em nome de sua devoção, sacrificou todos ao seu redor.

— Ele disse que tentou tudo, — continuou Alice. — Tentou resgatar o casamento, tentou trazer a esposa de volta à realidade. Mas, no fim, ela estava tão envolvida que não havia mais o que fazer. A escola tinha se tornado sua única realidade.

O silêncio entre eles se aprofundou, e Alice sentiu o peso da história se refletir em suas próprias memórias. Havia momentos em que ela mesma se perguntava se não estava muito imersa no sistema para sair. Momentos em que a escola parecia tão essencial, tão poderosa, que fugir parecia impossível. Mas, ao contrário de Jean-Louis, ela e Tomaz conseguiram enxergar o perigo antes que fosse tarde demais.

— Foi isso que salvou a gente, não foi? — perguntou Tomaz, com uma voz suave. — A gente conseguiu ver o que estava acontecendo antes de ser tarde demais.

Alice olhou para ele, seus olhos cheios de compreensão.

— Sim. Conseguimos sair antes que tudo fosse destruído. — Alice disse com um tom firme. — Mas Jean-Louis... ele perdeu tudo. E o pior é que ele não foi o único. Quantas outras famílias foram destruídas por essa escola?

Tomaz não respondeu imediatamente, mas sabia que a resposta era óbvia. Ele havia visto muitas pessoas perderem suas conexões com amigos, parceiros e até com filhos, tudo em nome de uma busca por algo que, no fundo, era vazio. A escola ensinava que os laços emocionais, especialmente os familiares, eram fraquezas que impediam o progresso espiritual. Eles moldavam essa narrativa de tal forma que os membros acreditavam que cortar esses laços era necessário, quando, na verdade, era uma tática para mantê-los isolados e mais suscetíveis ao controle.

Alice se lembrou de uma conversa que teve com um dos mestres da escola, onde ele falava sobre a importância de “renunciar ao mundo”. Ele descrevia a vida fora da escola como um

“labirinto de ilusões”, onde as pessoas se perdiam em desejos e emoções. Na época, as palavras dele faziam sentido para Alice, que buscava uma forma de transcender suas dúvidas e ansiedades. Mas agora, ela via que aquilo era apenas uma maneira de afastar os membros de tudo que os tornava humanos.

— Eu me pergunto o que aconteceu com ela, — Alice disse de repente, referindo-se à esposa de Jean-Louis. — Será que ela ainda está lá, seguindo cegamente, sem perceber o que perdeu?

Tomaz suspirou, apertando os punhos involuntariamente.

— Provavelmente, sim. Ela, e muitos outros. O sistema da escola não permite que as pessoas vejam o que está acontecendo até que seja tarde demais. E, mesmo quando percebem, muitas vezes já estão tão afundadas que não conseguem sair.

Alice ficou em silêncio por um momento, refletindo sobre as inúmeras vidas que haviam sido engolidas por aquela estrutura, por aquele Ideal vazio. Jean-Louis foi apenas um dos muitos que perderam tudo — sua família, sua identidade, sua vida. Mas o que a deixava ainda mais perturbada era saber que, para muitos outros, o ciclo de destruição continuava. A escola seguia atraindo mais e mais pessoas, alimentando-se de seus sacrifícios e de suas vidas, enquanto prometia uma iluminação que nunca chegaria.

Alice e Tomaz continuaram andando, mas o peso das histórias que carregavam parecia mais leve agora. Haviam escapado do ciclo antes que ele os destruísse por completo, e, mesmo que a jornada fosse difícil, sabiam que estavam livres para reconstruir suas vidas.

Capítulo 15: O Peso das Sombras

Os dias de fuga de Alice Moreau e Tomaz Ferraz se transformavam em um borrão de memórias e reflexões. O que parecia uma jornada física de escape da escola era, na verdade, uma viagem mais profunda — uma fuga das amarras invisíveis que ainda prendiam suas mentes. Haviam caminhado por estradas escuras, enfrentado o vazio do isolamento e se deparado com as histórias de outros que, como eles, tinham fugido, mas ainda carregavam as cicatrizes daquele sistema.

Agora, à medida que o tempo passava, as perguntas que evitavam desde o começo começavam a emergir. O que fariam a seguir? Para onde iriam? Não era apenas uma questão de geografia, mas de propósito. A vida fora da escola parecia desordenada e incerta. Sem as vozes dos mestres ecoando em suas cabeças, sem a estrutura rígida que os guiava a cada passo, Alice e Tomaz se viam diante de um vasto desconhecido.

— O que fazemos agora? — Tomaz perguntou, sua voz quebrando o silêncio do entardecer. Eles estavam sentados em uma colina, o vento leve brincando com as folhas ao redor.

Alice olhou para o horizonte, onde o sol já começava a desaparecer, tingindo o céu de tons de laranja e vermelho. Era uma pergunta que ela mesma vinha evitando. Por tanto tempo, o foco havia sido escapar, sobreviver. Agora, com a liberdade conquistada, a responsabilidade de moldar suas vidas caía completamente sobre seus ombros.

— Acho que começamos com o básico, — Alice respondeu, sua voz calma, mas firme. — Precisamos aprender a viver de novo, fora da escola. Encontrar quem somos sem a doutrina deles nos moldando.

Tomaz assentiu lentamente, mas Alice sabia que ele compartilhava do mesmo medo que ela. O medo do vazio. A escola os havia moldado de tal forma que, sem ela, parecia não haver direção. A estrutura que uma vez os sufocava também oferecia um sentido de propósito que, agora, lhes faltava.

— É estranho, — disse Tomaz. — Por mais que eu odiava a forma como eles controlavam nossas vidas, agora que estamos livres, parece que algo está faltando. Como se estivéssemos... perdidos.

Alice entendeu perfeitamente. Não era que quisessem voltar. Isso estava fora de questão. Mas o que eles haviam perdido ao sair era algo mais sutil — a certeza de que, por mais cruel que fosse, havia um caminho traçado. Agora, tudo era incerto, e eles estavam à deriva em um mundo que não conheciam mais.

— Eu me sinto da mesma forma, — Alice admitiu. — Mas acho que isso é parte do processo. Nós passamos tanto tempo sendo moldados por eles que agora, sem essa moldura, estamos descobrindo o que realmente somos.

Tomaz olhou para Alice, buscando conforto em suas palavras, mas ainda havia dúvida em seus olhos.

— Será que a gente consegue? — ele perguntou, quase em um sussurro.

Alice respirou fundo, sentindo o peso daquela pergunta. Sabia que Tomaz não estava apenas falando sobre se conseguiriam sobreviver fora da escola. Ele estava perguntando se conseguiriam sobreviver como eles mesmos, sem serem engolidos por essa nova liberdade que, por mais emocionante que fosse, também os aterrorizava.

— Nós conseguimos sair, não foi? — Alice respondeu, olhando diretamente nos olhos de Tomaz. — Acho que isso já prova que podemos conseguir qualquer coisa.

Tomaz sorriu, um sorriso pequeno e cansado, mas havia esperança nele. O medo ainda estava lá, claro, mas, aos poucos, Alice podia ver que a confiança também estava crescendo.

— Talvez seja isso, então, — disse Tomaz. — Começamos pequenos. Aprendemos a viver de novo, um passo de cada vez.

Alice assentiu. Sabia que não seria fácil, mas também sabia que essa era a única maneira de seguir em frente. Eles haviam fugido de um sistema que os controlava completamente, e agora, o desafio era não se perderem na vastidão da liberdade.

A noite caiu rapidamente, trazendo consigo uma sensação de calma. O mundo parecia silencioso ao redor deles, e pela primeira vez, Alice sentiu que o silêncio não era opressor. Era como se o peso das expectativas e pressões que carregavam estivesse, aos poucos, se dissipando.

Enquanto se preparavam para descansar, Alice pensou nas histórias que haviam ouvido ao longo do caminho. Juliano, Francesca, Matthieu, Jean-Louis — cada um deles havia enfrentado sua própria batalha para escapar, e cada um, de certa forma, ainda lutava para encontrar seu lugar fora da escola. Mas, apesar de todas as dificuldades, eles tinham conseguido. E isso, para Alice, era um lembrete constante de que, por mais assustador que fosse, a liberdade era o caminho certo.

— Amanhã, vamos para a cidade, — disse Alice, de repente.

Tomaz olhou para ela, surpreso. Eles haviam evitado as cidades desde que fugiram, com medo de serem reconhecidos, de serem encontrados pela escola. Mas Alice sabia que não podiam continuar fugindo para sempre. Precisavam começar a reconstruir suas vidas, e isso significava enfrentar o mundo que haviam deixado para trás.

— Tem certeza? — Tomaz perguntou, hesitante.

Alice assentiu, decidida.

— Sim. Precisamos começar de algum lugar. Não podemos ficar vagando para sempre. Temos que encontrar um novo começo.

Tomaz respirou fundo e então, finalmente, concordou.

— Você tem razão. Vamos fazer isso.

E com essa decisão, eles finalmente começaram a traçar o primeiro esboço do que seria a próxima fase de suas vidas — não mais como membros da escola, mas como indivíduos, livres para escolher seu próprio destino.

O dia seguinte trouxe uma nova clareza para Alice Moreau e Tomaz Ferraz. Quando acordaram, sob o céu cinzento do amanhecer, a decisão de ir para a cidade parecia mais real. Era o primeiro passo concreto em direção à reconstrução de suas vidas, um movimento que os distanciaria ainda mais do passado na escola de filosofia. Alice sentia uma mistura de ansiedade e determinação. Sabia que a cidade traria desafios, especialmente o medo de serem reconhecidos, mas também sabia que não podiam continuar se escondendo nas sombras do que haviam deixado para trás.

Enquanto seguiam pela estrada de terra batida, a paisagem ao redor começava a mudar. Pequenas fazendas, sinais de vida e movimento, apareciam à medida que se aproximavam do mundo que haviam evitado. A quietude do campo, que por tanto tempo fora um refúgio, agora começava a parecer um limite imposto, uma prisão disfarçada de liberdade. A cidade, por outro lado, com sua agitação e caos, prometia um novo começo — ainda que assustador.

— Como acha que será? — perguntou Tomaz, sua voz quebrando o silêncio da caminhada.
— Voltar para a cidade, tentar recomeçar... acha que estamos prontos?

Alice olhou para ele, percebendo o quanto aquela pergunta refletia a insegurança que ambos carregavam. A cidade representava um desafio real. Não apenas por causa da escola, que ainda poderia estar à procura deles, mas porque exigiria que enfrentassem as partes de si mesmos que ainda estavam frágeis, as partes que a escola havia moldado, e que agora precisavam ser desconstruídas.

— Não sei se estamos prontos, — Alice respondeu honestamente. — Mas acho que não temos escolha. Não podemos mais ficar escondidos. Precisamos enfrentar isso.

Tomaz permaneceu em silêncio por um momento, mas Alice pôde ver em seu olhar que ele entendia. Eles haviam passado tanto tempo fugindo — fugindo da escola, do medo, da incerteza — que agora, qualquer forma de enfrentar o mundo parecia um risco. Mas, ao mesmo tempo, Alice sabia que era a única maneira de realmente se libertar. Fugir apenas os mantinha presos à escola de outra maneira, presos ao medo do que poderia acontecer.

Conforme avançavam, a estrada de terra deu lugar a uma rodovia. O asfalto parecia estranho sob seus pés, como se estivessem voltando a um mundo que não conheciam mais. A cidade ainda não era visível, mas sabiam que não estava longe. Alice podia sentir a tensão aumentando dentro de si, uma mistura de expectativa e receio, mas também de esperança.

— Quando estivermos lá, precisamos manter um perfil baixo, — Tomaz disse, sua voz baixa e prática. — Não sabemos quem pode nos reconhecer. Não podemos chamar atenção.

Alice concordou, embora soubesse que manter um perfil baixo seria difícil. A cidade era um lugar onde as pessoas se moviam rápido, onde vidas se cruzavam de maneira inesperada. Mas também era um lugar de anonimato, onde poderiam se perder na multidão, começar do zero sem que ninguém soubesse de onde vieram ou o que haviam vivido.

Enquanto caminhavam, Alice pensava no que faria quando chegassem. Precisavam encontrar um lugar para ficar, talvez arrumar algum trabalho. As questões práticas logo começariam a dominar suas vidas, e, de certa forma, ela estava aliviada com isso. A simplicidade do cotidiano — alugar um quarto, encontrar um emprego, comprar comida — eram coisas que haviam se tornado estranhas para eles, mas que, agora, pareciam quase reconfortantes. Era a prova de que estavam retomando suas vidas, pouco a pouco.

— Você já pensou no que vai fazer? — Alice perguntou, tentando tirar os pensamentos do presente para um futuro mais concreto.

Tomaz sorriu de leve, balançando a cabeça.

— Ainda não. Talvez trabalhar em algo manual. Algo que não me faça pensar tanto. E você?

Alice suspirou, sem ter uma resposta clara. Na escola, sua vida era definida pelos mestres, pelos ensinamentos e pelas tarefas que lhe eram atribuídas. Agora, sem essa estrutura, ela sentia uma liberdade que também vinha com um peso — a responsabilidade de escolher seu próprio caminho. Mas, ao mesmo tempo, era exatamente isso que ela queria. A chance de ser dona de sua própria vida.

— Talvez algo simples também, pelo menos no começo, — Alice disse. — Mas, depois... quero encontrar algo que realmente me faça sentir viva. Não sei o que é ainda, mas acho que vamos descobrir.

O horizonte à frente começava a mostrar os primeiros sinais da cidade. Prédios baixos, ruas movimentadas e o ruído distante de carros e vozes. Alice e Tomaz pararam por um momento, observando a cena que se desenrolava à frente. A cidade estava lá, esperando por eles. Não seria fácil, mas Alice sentia que estavam prontos para enfrentar o que viesse. Depois de tudo o que haviam passado, esse novo começo parecia menos uma ameaça e mais uma oportunidade.

— Vamos, então, — Alice disse, com um tom firme em sua voz.

Tomaz olhou para ela, e juntos, com passos decididos, começaram a caminhar em direção à cidade, prontos para enfrentar o próximo capítulo de suas vidas.

Alice Moreau e Tomaz Ferraz avançaram pela estrada rumo à cidade, o ruído das vozes e o som dos carros crescendo conforme se aproximavam. À medida que os prédios ficavam mais nítidos e o horizonte ganhava contornos de um novo cenário, a ansiedade de Alice parecia aumentar. Mas junto com ela, também vinha uma estranha sensação de

antecipação. Ela sabia que essa era a primeira vez, em muito tempo, que tinham o controle total de seus próximos passos. E, apesar de tudo, isso era libertador.

Ao cruzarem a fronteira invisível que separava o campo da periferia urbana, sentiram como se estivessem entrando em uma nova dimensão. O ar parecia mais pesado, carregado de um ritmo diferente, mais apressado. As pessoas nas ruas seguiam seus próprios caminhos, alheias ao que Alice e Tomaz haviam deixado para trás. A escola, que por tanto tempo dominara suas vidas, parecia uma lembrança distante, embora suas sombras ainda pairassem.

Encontraram uma pequena lanchonete em uma rua movimentada e decidiram parar. Era a primeira vez em dias que se permitiam sentar em um lugar público, em meio a pessoas comuns, que viviam suas vidas sem as complicações que Alice e Tomaz carregavam. O som de xícaras e pratos, o cheiro de café fresco, tudo parecia tão simples, mas, para eles, cada detalhe era um símbolo de normalidade, algo que haviam perdido há muito tempo.

— Parece que estamos em outro mundo, — comentou Tomaz, enquanto observava o movimento à sua volta. — É como se tudo aqui fosse tão... comum. Mas ao mesmo tempo, parece distante.

Alice sabia do que ele estava falando. A desconexão entre o mundo que eles viveram na escola e o mundo comum era imensa. Para quem viveu sob a doutrina rígida e o controle constante da escola, o simples ato de sentar em uma lanchonete e observar a vida acontecer ao redor era algo surreal. Havia uma estranha beleza na normalidade que os cercava.

— Acho que é disso que precisávamos, — disse Alice, olhando para as pessoas ao redor, envolvidas em suas próprias conversas. — Precisamos lembrar o que é viver sem aquele peso todo. Precisamos nos reconectar com o que é simples.

Tomaz concordou, e por um momento, os dois ficaram em silêncio, apenas absorvendo a cena ao redor. Era a primeira vez que se permitiam estar no presente, sem se preocupar com o futuro imediato ou com o passado que haviam deixado para trás. A cidade, com sua agitação e anonimato, parecia ser o lugar perfeito para começar de novo.

Enquanto bebiam o café, Alice deixou sua mente vagar. Pensou em todos aqueles que ainda estavam presos na escola, como Jean-Louis, que perdera sua família e nunca conseguira trazê-la de volta. Pensou em Francesca, Juliano, Matthieu e tantos outros que, mesmo livres, carregavam as marcas profundas de uma vida controlada. Mas ela também sabia que, como eles, ela e Tomaz estavam agora à beira de um novo começo. Era assustador, mas também emocionante. Pela primeira vez, as possibilidades estavam em suas mãos.

— O que faremos a seguir? — Tomaz perguntou, finalmente quebrando o silêncio.

Alice sorriu. Não era um sorriso de certeza, mas um de esperança.

— Vamos arrumar um lugar para ficar. Algo simples. E depois... acho que começamos a viver, — ela disse. — Sem planos, sem mestres, sem regras além das nossas.

Tomaz pareceu relaxar um pouco, sua postura ficando mais leve. Havia algo no tom de Alice que o tranquilizava, como se, apesar da incerteza, estivessem no caminho certo.

— Viver, então, — ele repetiu, gostando da palavra.

Alice assentiu, e os dois voltaram ao café, aproveitando aquele breve momento de normalidade. Sabiam que o caminho à frente seria cheio de desafios, que reconstruir uma vida depois de tanto tempo sob o controle da escola seria difícil, mas, pela primeira vez, ambos estavam prontos para tentar.

Depois de um tempo, levantaram-se e pagaram a conta. A cidade agora parecia mais acolhedora, menos ameaçadora. Estavam prontos para enfrentá-la. A jornada que haviam iniciado fugindo da escola os levara até ali, mas agora, estavam decididos a não apenas sobreviver, mas a viver.

E assim, com passos firmes e uma determinação silenciosa, Alice Moreau e Tomaz Ferraz começaram a caminhar pela cidade, deixando o passado para trás e se dirigindo, finalmente, para o futuro que iriam construir juntos.

Capítulo 16: A Verdade Oculta

Alice Moreau sentia o peso do silêncio enquanto observava a vida ao seu redor na nova cidade. No fundo, sabia que a fuga da escola era apenas o começo. O verdadeiro desafio era compreender o quanto daquilo que ela acreditava fazia parte de sua própria vontade e o quanto havia sido moldado pelos anos na instituição. A escola de filosofia à maneira clássica, como eles chamavam, possuía uma complexidade que ia além das aulas de filosofia ou dos rituais aparentemente inofensivos. Tudo ali era cuidadosamente calculado.

Tomaz Ferraz, sentado ao lado de Alice, também parecia perdido em seus pensamentos. Sabiam que, para realmente se libertarem, teriam que confrontar a verdade sobre o que viviam. Tomaz suspirou profundamente, como se finalmente estivesse pronto para falar.

— Nós sabíamos, mas nunca quisemos enxergar, — disse ele, olhando para Alice. — A escola nos prendeu em um ciclo.

Alice balançou a cabeça lentamente, concordando. A estrutura da escola era planejada para criar dependência, algo que eles só estavam começando a entender. Recordou-se dos primeiros encontros na escola. Havia algo reconfortante nos primeiros dias, quando todos eram recebidos com sorrisos calorosos e palavras de acolhimento. Eles eram convidados a conhecer o “caminho da sabedoria”, uma jornada de autoconhecimento e filosofia. Naquele momento, tudo parecia perfeito. O ambiente era harmonioso, os ensinamentos profundos, e os mestres se apresentavam como guias iluminados, prontos para ajudá-los a alcançar a verdade.

Porém, à medida que Alice e Tomaz avançavam nos níveis da escola, as camadas mais profundas e sombrias começaram a se revelar. Não era apenas uma questão de filosofia; era um sistema meticulosamente construído para moldar as mentes e os corações dos seguidores. Os sorrisos e abraços constantes, o ambiente aparentemente amistoso, eram apenas o início de uma manipulação mais complexa.

Alice recordou as inúmeras vezes em que foi incentivada a se afastar de sua individualidade em nome do grupo. A escola promovia a ideia de que para alcançar o “ideal”, os membros precisavam abrir mão de suas personalidades e desejos. Cada decisão era tomada em função do que beneficiava a coletividade, e quem questionasse o sistema era rapidamente silenciado ou marginalizado.

— Lembra de como sempre falavam sobre o “ideal”? — perguntou Alice, interrompendo seus próprios pensamentos. — Eles nos faziam acreditar que nossas vidas só teriam sentido se estivéssemos dedicados completamente a isso, ao que eles chamavam de ideal. Mas, no fundo, não passava de controle.

Tomaz assentiu, pensativo.

— Tudo fazia parte do controle, — ele disse, com amargura na voz. — Os estudos filosóficos eram só uma fachada. A verdadeira doutrina estava nos bastidores, nos textos do fundador que só os mais “avançados” podiam ler. Era uma doutrina de submissão e obediência. Uma obediência cega.

Alice lembrou-se dos textos de Livraga, o fundador venerado. Havia um fervor quase religioso em torno de suas palavras. Para muitos, ele era quase uma figura divina, cujo ensinamento era considerado sagrado. Os membros da escola o tratavam como alguém que estava além do entendimento comum, e qualquer tentativa de questioná-lo era vista como um ato de deslealdade.

Mais do que isso, a própria estrutura da escola incentivava um comportamento automatizado. As reuniões dos Forças Vivas — um grupo interno e fechado, composto pelos membros mais leais — sempre começavam com uma saudação ritualística, onde todos levantavam a mão direita em um gesto sincronizado, uma demonstração clara de que ali não havia espaço para individualidade. Eles eram uma unidade, e qualquer sinal de discordância era imediatamente abafado.

Alice se lembrava, também, das aulas de relaxamento e das práticas sutis de hipnose que faziam parte dos ensinamentos mais avançados. Os mestres conduziam sessões de “meditação” que, na verdade, condicionavam os alunos a seguir instruções sem questionar, abrindo mão de sua capacidade crítica. Tudo era cuidadosamente planejado para enfraquecer a mente individual e fortalecer a dependência em relação à hierarquia da escola.

— Eles sempre falavam de “liberdade” e “autoconhecimento”, — disse Tomaz, interrompendo os pensamentos de Alice. — Mas, no fundo, o que queriam era que nos tornássemos ferramentas para os objetivos deles. A verdade é que a liberdade era a última coisa que eles queriam que a gente alcançasse.

Alice sorriu tristemente. Sabia que Tomaz estava certo. Ao longo dos anos, ambos haviam se afastado de amigos e familiares. Seus laços externos foram enfraquecidos, e a escola passou a dominar suas vidas. Aquilo que, no início, parecia um caminho de descoberta pessoal, lentamente se transformou em uma prisão.

Agora, refletindo sobre tudo o que haviam passado, Alice e Tomaz começaram a ver com clareza o mecanismo de manipulação que sustentava a escola. Eles não estavam sozinhos em sua experiência. Outros haviam compartilhado histórias semelhantes — o bombardeio de amor inicial, a introdução gradual de hinos e textos sagrados que exaltavam a escola e sua liderança, e a forma como todos eram levados a acreditar que o mundo exterior não tinha nada a oferecer.

— Era sempre nós contra o mundo, — disse Alice. — Eles nos treinavam para ver tudo lá fora como uma ameaça. Diziam que as pessoas que não entendiam o ideal simplesmente não estavam “despertadas”. Era uma maneira de nos isolar, de nos fazer depender apenas deles.

Tomaz ficou em silêncio por um momento, processando aquelas palavras. Ele sabia que a maior prisão que haviam enfrentado não era física, mas mental. A escola havia cultivado uma atmosfera de medo e desconfiança em relação a tudo o que não fizesse parte do sistema deles. Isso incluía até mesmo os próprios pensamentos e emoções dos membros.

Alice Moreau continuava imersa em suas reflexões, percebendo a extensão do controle que a escola exercia sobre seus membros. Não era apenas um jogo de manipulação emocional, mas também uma desarticulação sistemática da autonomia mental e emocional de cada indivíduo. A doutrina pregava que o sacrifício do eu era necessário para o bem maior do grupo, e isso, de forma insidiosa, os afastava de sua própria capacidade de pensar criticamente.

Ela se lembrou de como, durante os primeiros meses, os estudos filosóficos eram apresentados como um caminho para o crescimento espiritual e o entendimento profundo da vida. Mas, à medida que avançavam nos níveis da escola, essa filosofia começava a ser usada como uma arma, distorcendo o pensamento lógico e enfraquecendo a resistência mental dos alunos.

— Eles redefiniam as palavras, — Alice disse, repentinamente. — Lembra? Era como se tudo o que sabíamos sobre filosofia, liberdade e até mesmo amor, fosse reconfigurado dentro do contexto deles. Era como aprender uma nova língua.

Tomaz assentiu, franzindo a testa ao recordar. Eles haviam sido apresentados a um vocabulário especial desde os primeiros dias. A “liberdade” não significava mais a capacidade de fazer escolhas próprias, mas a libertação das “amarras do mundo exterior”. A “individualidade” era constantemente atacada como algo egoísta, algo que impedia o progresso espiritual. E o “amor”, tão exaltado nos discursos, era definido como obediência incondicional à escola e ao Ideal.

— Tudo era moldado de acordo com os interesses deles, — Tomaz comentou, sua voz carregada de amargura. — Eles usavam as palavras de forma a nos fazer acreditar que estávamos crescendo, quando na verdade, estávamos nos afundando cada vez mais nas correntes deles.

Essa manipulação linguística era uma das ferramentas mais eficazes da escola. Ao criar um novo significado para conceitos fundamentais, a escola lentamente reescrevia a realidade dos membros. Isso os afastava da capacidade de enxergar criticamente o que estava acontecendo ao seu redor e criava uma barreira entre eles e o mundo exterior. A doutrina da desindividualização era o cerne desse processo. Desde o começo, eles eram treinados para abrir mão de suas opiniões, desejos e identidades em prol de um Ideal maior. Era um processo sutil e gradual, que se intensificava conforme subiam na hierarquia.

Alice se lembrava de como, ao alcançar os níveis mais elevados, os membros eram encorajados a cortar laços com qualquer pessoa que não estivesse “alinhada” com o Ideal da escola. Isso incluía amigos, familiares e até mesmo colegas de trabalho. O mundo exterior era apresentado como uma ameaça, um lugar cheio de distrações e influências negativas. Ao isolar os membros emocional e socialmente, a escola tornava-os completamente dependentes da comunidade interna.

— Era como se tudo fora da escola fosse errado, — Alice continuou, sentindo a profundidade da manipulação que havia sofrido. — Eles nos faziam acreditar que qualquer ligação com o mundo exterior nos impediria de alcançar o despertar. Era um processo de isolamento total.

Tomaz olhou para o horizonte, pensativo. Ele também havia se distanciado de pessoas queridas por acreditar que elas não “compreendiam” sua jornada. Esse isolamento emocional os deixava mais vulneráveis à influência da escola, que se tornava a única fonte de validação e apoio. E essa validação estava sempre condicionada à obediência e ao sacrifício.

— E tudo culminava na lealdade cega ao fundador, — Alice disse, referindo-se a Livraga. — Eles nos faziam reverenciá-lo como se fosse uma entidade divina. Havia um culto à personalidade que crescia a cada passo que dávamos na hierarquia.

A idolatria em torno do fundador era uma das partes mais desconcertantes do sistema. Em cada sala de aula, havia fotos de Livraga, e ele era tratado como uma figura sagrada, alguém que havia alcançado um nível de sabedoria inalcançável para os demais. Os textos que ele escreveu eram considerados revelações, e qualquer crítica a eles era vista como um ataque ao próprio Ideal. O sistema hierárquico, com os mestres no topo, reforçava a ideia de que eles eram seres superiores, cuja palavra era incontestável.

Alice e Tomaz lembravam-se dos momentos em que, em reuniões privadas com os mestres, eram incentivados a abrir mão de suas vontades pessoais. Tudo, desde a vida amorosa até as escolhas profissionais, era controlado e orientado de acordo com o que servia melhor aos propósitos da escola. A noção de independência era completamente destruída, e qualquer tentativa de reivindicá-la era vista como uma traição ao grupo.

— Lembro que eles diziam que “a dúvida era um inimigo”, — Tomaz disse. — Qualquer sinal de questionamento era combatido com pressões emocionais, como se duvidar fosse uma falha moral. Eles sufocavam qualquer possibilidade de resistência.

Alice assentiu, recordando as inúmeras vezes em que havia sentido dúvidas sobre os ensinamentos, mas as abafou por medo de ser considerada desleal. Era uma estratégia engenhosa — manter os membros tão emocionalmente envolvidos que qualquer pensamento crítico se tornava uma fonte de culpa e vergonha. Eles acreditavam que, ao duvidar, estavam falhando consigo mesmos e com o Ideal.

Agora, longe da escola, Alice e Tomaz viam com clareza a rede complexa de manipulações que os mantivera presos por tanto tempo. Tudo, desde o vocabulário até as dinâmicas de poder, era projetado para desarmar a resistência e assegurar a obediência. Compreender isso era libertador, mas também doloroso. Havia dedicado anos de suas vidas a um sistema que, no fundo, não se importava com eles como indivíduos, mas apenas com o que poderiam contribuir para perpetuar o poder da escola.

— Agora entendemos, — Alice disse finalmente, sua voz firme. — Sabemos o que eles faziam, e sabemos como nos libertamos.

Tomaz concordou, e ambos perceberam que o verdadeiro despertar não era o que a escola prometia, mas sim o que estavam experimentando naquele momento.

Capítulo 17: Reconstruindo a Liberdade

Alice Moreau e Tomaz Ferraz continuavam suas caminhadas pela cidade, agora não mais como fugitivos, mas como pessoas dispostas a reconstruir suas vidas. Havia passado por muitas revelações desde que deixaram a escola de filosofia, e, aos poucos, começaram a perceber que a verdadeira liberdade não era algo que se conquistava de uma vez só. Era um processo, uma jornada de autoconhecimento que exigia a desconstrução das amarras invisíveis que a escola havia implantado em suas mentes.

Alice se sentia diferente, mas ainda carregava os ecos da escola em sua mente. Ela sabia que esse era o próximo grande desafio: aprender a viver sem as vozes dos mestres ecoando em sua consciência, sem a culpa constante por pensar por si mesma. Para Tomaz, a luta era semelhante. Ele sabia que, apesar de estarem fora da escola, o controle mental que ela exercera sobre eles por tanto tempo ainda precisava ser rompido por completo.

— É como se estivéssemos reaprendendo a viver, — Alice disse, quebrando o silêncio que pairava entre eles.

— Sim, mas viver de verdade desta vez, — Tomaz respondeu. — Sem as mentiras, sem os medos impostos. Cada escolha agora é nossa.

Era uma sensação libertadora, mas também assustadora. Por tanto tempo, eles haviam sido orientados e guiados por uma estrutura rígida, que decidia o que era certo ou errado, o que era permitido e o que deveria ser abandonado. Agora, com essa estrutura desfeita, Alice e Tomaz se encontravam diante de um novo e vasto território desconhecido — suas próprias vidas.

Nos primeiros dias após a fuga, ambos evitavam os grandes centros urbanos. Tinham medo de serem reconhecidos, de que a escola os encontrasse, de alguma forma, e os forçasse a retornar. Mas, agora, começavam a perceber que o verdadeiro perigo não vinha mais de fora. A maior batalha que enfrentavam era interna. Era a luta para romper com a doutrina que os moldara, com as crenças distorcidas que haviam assimilado ao longo dos anos.

— Acho que a parte mais difícil será reconstruir quem somos de verdade, — Alice refletiu em voz alta. — Por tanto tempo, fomos quem eles queriam que fôssemos. Agora, precisamos descobrir quem realmente somos, sem a influência deles.

Tomaz balançou a cabeça, concordando.

— Sim. Eu me pergunto quem eu teria sido se nunca tivesse entrado naquela escola.

Alice sorriu tristemente. Era uma pergunta que ela também se fazia. Quem era ela antes de tudo isso? Era difícil lembrar, pois a escola consumia cada aspecto da vida dos membros. Desde o momento em que ingressaram, foram condicionados a pensar, agir e até sentir de acordo com as normas da escola. Agora, ao se libertarem, precisavam resgatar a essência de quem eram antes.

— Você acha que isso é possível? — Tomaz perguntou, sua voz carregada de incerteza. — Acho que, de certa forma, sempre teremos parte deles dentro de nós.

Alice olhou para ele, pensativa.

— Talvez. Mas isso não significa que não possamos nos redefinir. Sim, a escola nos moldou de muitas maneiras, mas agora temos a chance de nos reconstruir com base em nossas escolhas. Não nas deles.

Essa era a diferença crucial. A escola havia exigido conformidade absoluta, transformando cada membro em uma peça de um grande sistema, sem espaço para individualidade. Agora, Alice e Tomaz estavam redescobrimo o valor da liberdade de escolha. E, embora o caminho à frente fosse incerto, estavam determinados a fazer suas próprias escolhas a partir de agora.

— Você lembra daquele dia em que começamos a desconfiar de tudo? — Tomaz perguntou, mudando de assunto.

Alice sorriu, lembrando-se bem. Foi uma reunião interna, quando um dos mestres mais antigos havia falado sobre como o mundo exterior estava repleto de pessoas “fracas” e “não despertadas”, que não conseguiam enxergar o que eles viam. Naquele momento, algo se quebrou dentro de Alice. Ela começou a questionar: por que essas pessoas eram consideradas inferiores? Por que apenas aqueles dentro da escola pareciam dignos de respeito? Foi um momento pequeno, mas decisivo, onde a primeira fissura na doutrina perfeita da escola surgiu.

— Eu lembro, — disse Alice. — Naquele momento, percebi que algo estava errado. Eles nos ensinavam a ver o mundo como uma ameaça, mas, no fundo, quem estava realmente preso éramos nós.

Tomaz assentiu, sabendo que aquele foi um ponto de virada para ambos. Desde então, começaram a observar mais criticamente o que a escola pregava. Não foi um processo rápido, mas, aos poucos, as dúvidas se transformaram em uma visão mais clara sobre a verdadeira natureza da organização. O controle mental, o isolamento social, o uso de culpa e medo para manter os membros alinhados — tudo aquilo fazia parte de um sistema bem orquestrado para garantir a submissão absoluta.

Agora, livres dessa estrutura, Alice e Tomaz se perguntavam até onde as consequências desse controle iriam. Eles sabiam que muitos ainda estavam presos na escola, incapazes de ver a verdade, assim como eles próprios estiveram por tanto tempo. Era difícil aceitar que, para muitos, essa realidade nunca seria questionada.

— Acho que uma parte de mim ainda se culpa por ter acreditado neles por tanto tempo, — Tomaz confessou, sua voz baixa. — É difícil aceitar que fui tão manipulado.

Alice o olhou com compaixão. Ela entendia exatamente o que ele estava sentindo. Havia momentos em que também se culpava, se perguntava como permitiu que sua vida fosse moldada por uma doutrina tão distorcida. Mas também sabia que era isso que a escola fazia

de melhor: manipulava as emoções e a razão dos membros de forma tão sutil que, quando percebiam o que estava acontecendo, já era tarde demais.

— A culpa é deles, Tomaz, não nossa, — Alice disse, com firmeza. — Eles sabiam o que estavam fazendo. Usaram nossas fraquezas contra nós, nos isolaram, nos manipularam. Nós confiamos neles, e eles usaram essa confiança para nos controlar. Agora, o que importa é que estamos fora. E é isso que vai nos libertar de verdade.

Tomaz assentiu, um sorriso fraco nos lábios.

— Você tem razão. Não podemos continuar carregando essa culpa. A única coisa que podemos fazer agora é seguir em frente.

E com essa decisão, Alice e Tomaz começaram a planejar os próximos passos de sua jornada. Sabiam que, mesmo fora da escola, a reconstrução de suas vidas seria um processo longo e cheio de desafios. Mas agora estavam prontos.

Alice Moreau e Tomaz Ferraz passaram os dias seguintes se ajustando à nova realidade. Agora, a ideia de “reconstruir” não era apenas uma reflexão, mas algo concreto. Eles estavam prontos para redescobrir quem eram fora da escola, longe das manipulações sutis que haviam moldado suas mentes por tanto tempo. O ritmo da cidade começava a se tornar mais familiar, e ambos estavam se adaptando à nova rotina.

Alice refletia sobre como a escola havia criado uma rede complexa de controle emocional. Lembrou-se das sessões de “meditação guiada” que frequentavam, onde o relaxamento profundo era usado para tornar suas mentes mais suscetíveis às instruções dos mestres. No início, Alice acreditava que essas práticas a ajudavam a “purificar” a mente de distrações, mas agora via que eram ferramentas de manipulação mental, tornando-a cada vez mais dependente da escola para orientação e decisões.

— Essas práticas de meditação... — Alice disse em voz alta, enquanto caminhava ao lado de Tomaz por uma rua movimentada. — Elas não serviam para nos acalmar. Elas nos condicionavam a aceitar tudo o que nos era dito, sem questionar.

Tomaz olhou para ela, os olhos sombrios, como se ele também estivesse revivendo aquelas lembranças.

— Lembro-me de como era fácil acreditar que aquilo era para o nosso bem. Eles nos faziam sentir que qualquer resistência era um sinal de que não estávamos prontos para o verdadeiro despertar.

Alice assentiu, sentindo o peso das memórias. O conceito de “despertar” era uma das maiores armadilhas da escola. Eles prometiam que, ao seguir cegamente os ensinamentos e abrir mão de seus desejos pessoais, os membros alcançariam um estado de iluminação espiritual, uma paz interior inatingível para aqueles fora do círculo da escola. Mas esse “despertar” nunca vinha. Era um objetivo sempre colocado à frente, um prêmio inalcançável que mantinha todos subjugados.

— O despertar que eles falavam era só mais uma forma de nos manter presos, — Alice continuou. — Quanto mais nos dedicávamos, mais eles aumentavam as exigências. Não importava o quanto fazíamos, nunca era o suficiente.

Tomaz suspirou.

— Exatamente. Sempre havia algo mais. Um próximo nível, uma nova prova. O ideal perfeito que eles criaram nunca poderia ser alcançado, e isso nos mantinha sempre tentando.

As memórias de suas vidas na escola os envolviam de forma inescapável. Era difícil acreditar como tinham sido levados a abrir mão de tudo: amigos, família, liberdade. E o que mais os frustrava agora era que sabiam que, naquele exato momento, outros ainda estavam presos nesse ciclo.

— E então havia o controle emocional, — Tomaz disse, mudando o foco da conversa. — Eles usavam nossa própria busca por propósito contra nós. Sabiam que estávamos procurando algo maior, e aproveitaram isso para nos dominar. Cada vez que nos sentíamos inseguros, eles estavam lá, prontos para nos ‘ajudar’.

Alice sabia que essa era a chave de todo o sistema da escola: a dependência emocional que criavam. Nos primeiros meses, tudo parecia perfeito. As boas-vindas calorosas, os sorrisos constantes, as promessas de crescimento espiritual. Era uma ilusão habilmente construída, e quando a dúvida surgia, quando algum questionamento aparecia, a culpa rapidamente tomava o lugar. Eles faziam os membros acreditarem que qualquer hesitação era um sinal de fraqueza pessoal, e que a única forma de superar isso era se entregar ainda mais ao Ideal.

— Eles sabiam como nos isolar emocionalmente, — Alice disse, sua voz firme. — Nos fizeram acreditar que qualquer vínculo fora da escola era uma distração, um perigo para nosso progresso. Aos poucos, fomos nos afastando de tudo e de todos.

Tomaz ficou em silêncio por um momento, absorvendo as palavras de Alice. Ele sabia que o isolamento era uma das táticas mais eficazes da escola. Eles incentivavam a ruptura com amigos e familiares que não faziam parte do grupo, alegando que essas pessoas não podiam entender o “caminho superior” que estavam trilhando. Qualquer contato com o mundo exterior era visto como um risco para o progresso espiritual.

— Lembro quando começamos a nos afastar das pessoas, — Tomaz disse, pensativo. — Naquela época, parecia a coisa certa. Eles diziam que as pessoas de fora estavam presas em suas próprias ilusões, que só dentro da escola podíamos encontrar a verdade. Agora, olhando para trás, parece tão óbvio que era uma tática de controle.

Alice concordou, lembrando-se de quantas vezes evitou encontros com amigos ou familiares porque sentia que não “encaixava” mais no mundo deles. A escola criava um ambiente em que os membros dependiam exclusivamente do grupo para validação, para significado. E qualquer um que ousasse sair ou questionar esse sistema era rapidamente marginalizado, tratado como um traidor, uma pessoa “fraca”.

— Eles fizeram a gente acreditar que o mundo lá fora estava errado, — Alice disse, sua voz tingida de melancolia. — Mas o que realmente estava errado era o que estávamos vivendo lá dentro.

Tomaz parou, olhando ao redor. As pessoas caminhavam apressadas pela rua, completamente alheias à batalha interna que ele e Alice estavam travando. Para elas, o mundo seguia normalmente, sem as complexas armadilhas de uma seita que se disfarçava de escola de filosofia. A percepção de Tomaz começou a mudar à medida que essas realidades paralelas se tornavam mais nítidas. Ele sabia que não poderia continuar vivendo à sombra do que havia acontecido. Precisava se libertar de uma vez por todas.

— Você está certa, Alice, — Tomaz disse, com um tom mais decidido. — Precisamos nos lembrar de quem éramos antes de tudo isso. Talvez nunca sejamos as mesmas pessoas de antes, mas podemos nos reconstruir. Podemos nos redescobrir.

Alice sorriu, um sorriso pequeno, mas genuíno.

— Sim, Tomaz. Podemos nos reconstruir. E acho que já estamos começando.

A jornada não seria fácil. Eles sabiam disso. As sombras da escola ainda os seguiam, mas, aos poucos, aquelas sombras começavam a se dissipar. Cada nova decisão, cada pequeno passo que davam para retomar o controle de suas vidas, representava uma vitória. O passado os marcara, mas não iria defini-los para sempre. Alice e Tomaz sabiam que a verdadeira liberdade não era apenas física, mas emocional e mental. E essa era a liberdade que estavam lutando para alcançar.

Alice Moreau e Tomaz Ferraz seguiram em frente, com o peso do passado cada vez mais leve a cada passo que davam. A cidade ao redor agora parecia menos opressiva e mais convidativa, como se, aos poucos, eles estivessem aprendendo a se mover livremente em um mundo que por tanto tempo lhes fora estranho. Cada conversa, cada lembrança que compartilhavam ajudava a reconstruir algo dentro deles — uma nova base, mais forte e independente, que começava a tomar forma.

O controle emocional que a escola exercera sobre eles ainda se manifestava em momentos sutis, quando Alice se pegava duvidando de si mesma ou quando Tomaz sentia uma súbita necessidade de aprovação externa para suas decisões. Eram resquícios do passado que, embora diminuíssem a cada dia, ainda os acompanhavam. Contudo, a clareza com que agora enxergavam esses momentos os ajudava a seguir em frente.

— A gente passou muito tempo duvidando de nós mesmos, — disse Alice, enquanto caminhavam em direção ao parque central. — Sempre havia aquela voz na nossa cabeça, dizendo que não éramos bons o suficiente, que não estávamos prontos.

Tomaz parou por um momento, observando as árvores ao redor balançarem suavemente com o vento.

— Sim, e era exatamente isso que eles queriam. Mantinham a gente sempre em um estado de dependência, como se estivéssemos constantemente falhando e precisássemos de mais ‘orientação’. — Ele soltou um suspiro profundo. — Nunca era sobre nos fazer crescer, mas sim sobre nos manter sob controle.

Alice sabia que ele estava certo. Lembrou-se das sessões de orientação individual, quando se sentava diante de um mestre que avaliava seu “progresso” e, invariavelmente, destacava falhas que ela precisava “corrigir”. Aqueles encontros não eram sobre orientação genuína; eram sobre reforçar a ideia de que os membros nunca eram bons o suficiente sozinhos. Era uma forma sofisticada de manipulação, pois a cada crítica, os membros se sentiam ainda mais dependentes dos mestres e da estrutura da escola.

— Sempre havia algo que a gente precisava melhorar, — Alice continuou. — Nunca estávamos no caminho certo. Era como se cada passo que dávamos fosse imediatamente criticado, e isso fazia a gente sentir que a escola era a única que podia nos ‘corrigir’.

Tomaz olhou para ela, seus olhos refletindo um cansaço compartilhado.

— É um ciclo vicioso, não é? Eles te fazem acreditar que, sem eles, você não é nada. E você acaba vivendo em função disso, achando que nunca vai ser bom o suficiente fora da escola.

Alice assentiu. O ciclo de dependência que a escola criava era profundo e persistente. Mesmo agora, fora daquele ambiente, eles ainda lutavam contra os resquícios dessa mentalidade. Mas a diferença agora era que eles estavam cientes disso. Sabiam que essas dúvidas eram uma construção da escola, uma forma de controle que já não fazia mais parte de suas vidas.

— Sabe, Tomaz, — disse Alice, com um olhar determinado. — Eu acho que o maior poder que a gente tem agora é a consciência. Antes, a gente vivia nesse ciclo sem perceber, mas agora... agora a gente enxerga. E isso é o que vai nos libertar de verdade.

Tomaz deu um pequeno sorriso. Ele sabia que Alice estava certa. A verdadeira liberdade começava na mente, na capacidade de identificar os mecanismos de controle que haviam sido implantados neles. Ao reconhecer essas manipulações, eles podiam desativá-las, um passo de cada vez.

O parque ao qual chegaram era um espaço amplo e aberto, com crianças brincando e casais passeando pelas alamedas. Era um contraste gritante com o ambiente fechado e sufocante da escola. Ali, tudo parecia mais leve, mais real. As pessoas ao redor viviam suas vidas sem as complicações de doutrinas ou filosofias manipulativas.

Alice e Tomaz encontraram um banco à sombra de uma grande árvore e sentaram-se, observando o movimento ao redor. Era estranho, mas também reconfortante, sentir-se parte do mundo de novo, um mundo que haviam evitado por tanto tempo.

— Nós ainda temos muito trabalho pela frente, — Alice disse, mais para si mesma do que para Tomaz. — Mas sinto que, aos poucos, estamos voltando a ser nós mesmos.

Tomaz olhou para ela, com um leve sorriso no rosto.

— Sim. Estamos reconstruindo algo real agora. Sem eles, sem a escola. E isso faz toda a diferença.

Enquanto observavam o parque, ambos começaram a perceber o quanto tinham avançado desde o momento em que decidiram fugir. As dúvidas e medos que ainda carregavam não eram mais tão esmagadores quanto antes. Havia um senso crescente de que, apesar de tudo o que haviam passado, estavam no caminho certo. O processo de reconstrução não era rápido, mas a cada pequena vitória, a cada insight sobre o que haviam vivido, eles se tornavam mais fortes.

Alice pensou em como haviam sido manipulados para acreditar que a “liberdade” prometida pela escola só poderia ser alcançada através da submissão total ao sistema. Mas agora, fora de tudo isso, ela via que a verdadeira liberdade estava exatamente no oposto — em poder questionar, em poder sentir e pensar sem as amarras de uma doutrina imposta.

— Acho que isso é liberdade de verdade, — Alice disse, depois de um longo silêncio. — Ser capaz de pensar por nós mesmos, fazer escolhas por nós mesmos, sem medo de estarmos errando o tempo todo.

Tomaz olhou para ela e sorriu, um sorriso cheio de compreensão.

— É. E agora é só isso que importa.

O sol já começava a se pôr no horizonte, espalhando tons dourados e laranjas pelo céu. Para Alice e Tomaz, aquele pôr do sol simbolizava muito mais do que o fim de um dia. Era o fim de uma era de controle, de medo, de manipulação. E o começo de algo novo — algo que, pela primeira vez em muito tempo, eles poderiam chamar de seu.

Alice Moreau e Tomaz Ferraz permaneceram sentados no banco do parque, imersos nos próprios pensamentos. As últimas semanas haviam sido uma mistura de alívio e reconstrução, mas também de dor ao enfrentar as verdades difíceis sobre o que haviam vivido na escola. Era um processo lento e doloroso, mas ambos sabiam que estavam, finalmente, se libertando das correntes invisíveis que os mantinham presos àquela doutrina por tanto tempo.

— Sabe, eu costumava pensar que nunca seria capaz de confiar nas minhas próprias decisões de novo, — Alice disse, quebrando o silêncio. — Eles nos fizeram acreditar que não tínhamos capacidade de discernir o certo do errado, que sempre precisaríamos deles para nos guiar. Mas, agora... estou começando a ver que posso confiar em mim mesma.

Tomaz assentiu, olhando para ela com uma expressão de reconhecimento.

— Eles implantaram em nós essa insegurança de uma maneira tão sutil, — ele refletiu. — Nos faziam sentir que qualquer pensamento fora do ‘Ideal’ era errado. Isso nos tornava

completamente dependentes. E, sem perceber, nos entregávamos de corpo e alma, esperando por um despertar que nunca chegaria.

As palavras de Tomaz ecoaram na mente de Alice. Lembrou-se de todas as vezes que, dentro da escola, ela se sentiu incapaz de tomar decisões sem a validação de um mestre. Até mesmo as questões mais simples do dia a dia pareciam requerer uma espécie de aprovação. O “Ideal”, que no início era apresentado como um caminho para a iluminação, logo se transformou em uma armadilha, onde qualquer tentativa de individualidade era sufocada.

— Era sempre sobre o Ideal, não é? — Alice disse, sua voz amarga. — Eles usavam o conceito de ‘algo maior’ para nos fazer acreditar que nossas próprias vidas eram insignificantes em comparação. Tudo o que fizéssemos, pensássemos ou quiséssemos, tinha que ser em função daquele Ideal, que, no fim das contas, era só mais uma forma de controle.

Tomaz olhou para ela, refletindo sobre o que haviam descoberto.

— O Ideal nunca foi sobre crescimento ou sabedoria, — ele disse, com a voz pesada. — Era sobre nos manter cegos. Eles criaram uma ideia de perfeição que não podia ser atingida, e cada vez que achávamos que estávamos perto, eles moviam a meta. Foi assim que nos mantiveram presos por tanto tempo.

Alice sabia que isso era verdade. A escola havia criado uma ilusão de progresso. Cada nível que eles atingiam, cada ritual ou estudo que completavam, apenas os levava mais fundo no sistema de manipulação. E, à medida que subiam na hierarquia, a sensação de insuficiência se intensificava. Não importava o quanto fizessem, nunca seria o suficiente. Havia sempre uma nova exigência, um novo sacrifício a ser feito em nome do Ideal.

Ela também se lembrou de como a escola usava a própria noção de amor como ferramenta de controle. O “amor ao Ideal” era exaltado como a forma mais pura de devoção. Esse amor, contudo, não era o tipo de amor que ela conhecia antes — era uma forma de subjugação, onde qualquer demonstração de afeto ou conexão com o mundo exterior era vista como um obstáculo ao progresso. Até mesmo suas relações pessoais dentro da escola eram filtradas através do prisma do Ideal.

— Eles até redefiniram o amor, — Alice murmurou, sua voz carregada de melancolia. — Nos fizeram acreditar que amar era sacrificar tudo pelo Ideal. E, no fim, o que restou? O amor real, aquele que te fortalece e te dá liberdade, foi tirado de nós.

Tomaz ficou em silêncio, absorvendo as palavras de Alice. Sabia que o impacto dessa manipulação emocional ainda ecoava em suas vidas. O controle da escola não era apenas mental; era profundamente emocional. Eles haviam sido condicionados a desconfiar de seus próprios sentimentos, a acreditar que qualquer apego ou vínculo fora do sistema era uma fraqueza. A escola usava o amor como uma arma, uma moeda de troca onde a devoção ao Ideal tinha que ser maior do que qualquer laço humano.

— Mas agora, — Tomaz disse, lentamente, — nós temos a chance de redefinir tudo. Podemos reconstruir o que o Ideal nos tirou. Podemos aprender a confiar no que sentimos, no que pensamos, sem precisar de ninguém para nos dizer o que é certo.

Alice olhou para ele, sentindo uma onda de alívio ao ouvir aquelas palavras. Tomaz estava certo. Eles agora tinham a oportunidade de recuperar tudo o que a escola havia distorcido. As ideias de amor, liberdade, e até mesmo de propósito, não precisavam mais estar presas a uma doutrina que os manipulava. Eles podiam, finalmente, criar suas próprias definições, baseadas em suas próprias experiências e em quem queriam ser.

— Estamos começando de novo, não é? — Alice disse, um sorriso leve surgindo em seus lábios.

— Sim, estamos, — Tomaz respondeu, sorrindo de volta. — E desta vez, somos nós que vamos definir o que significa viver, amar e ser livres. Sem ninguém nos dizendo o que devemos pensar ou sentir.

Enquanto o sol se punha mais uma vez, espalhando uma luz dourada pelo parque, Alice e Tomaz sentiam algo diferente. A sensação de que, finalmente, estavam se movendo na direção certa. Não era o Ideal da escola, não era uma jornada de sacrifício e obediência cega. Era o começo de uma vida nova, uma vida onde, pela primeira vez em muito tempo, eles eram livres para decidir seus próprios destinos.

O peso do passado ainda existia, mas estava se dissipando. E, enquanto olhavam para o horizonte, Alice e Tomaz sabiam que o futuro era algo que iriam construir juntos, a partir de suas próprias escolhas, seus próprios sentimentos — e de uma liberdade que, finalmente, começava a fazer sentido.

Capítulo 18: O Amanhecer da Liberdade

Alice Moreau e Tomaz Ferraz despertaram antes do amanhecer naquele último dia de suas vidas como fugitivos da escola de filosofia à maneira clássica. Enquanto as primeiras luzes do sol pintavam o horizonte com tons suaves de dourado e laranja, algo dentro deles também começava a brilhar. Era o primeiro amanhecer em que sentiam, de verdade, o peso do passado se dissipando. Aquele dia, sabiam, seria o marco de uma nova era. Não era o final de suas jornadas, mas o começo de algo novo e autêntico, sem as amarras de um Ideal que os havia controlado por tanto tempo.

Alice se levantou e olhou para o céu. Sentia o frescor da manhã em sua pele, uma sensação que parecia simbolizar o frescor da liberdade que finalmente começava a tomar forma dentro dela. Ao seu lado, Tomaz se levantava devagar, os olhos ainda pesados de sono, mas com uma clareza nova no olhar. Eles haviam atravessado a escuridão, e agora, sob aquele céu que se abria diante deles, sentiam que estavam prontos para começar de novo.

— Lembra de quando falávamos sobre o despertar? — Tomaz perguntou, sua voz calma, mas cheia de significado.

Alice sorriu, lembrando-se de todas as vezes que a escola usara aquela palavra para manipular suas mentes. O “despertar” era prometido como o ápice da jornada espiritual, mas nunca chegava. O despertar real, contudo, não era um momento repentino de iluminação, como os mestres pregavam. Era algo que se construía lentamente, tijolo por tijolo, conforme eles se libertavam das amarras invisíveis que os mantinham presos.

— Acho que estamos finalmente despertando de verdade, — Alice respondeu, seu sorriso ampliando-se. — Não do jeito que eles nos fizeram acreditar, mas do jeito que sempre deveríamos ter experimentado: sendo nós mesmos, sem a sombra de ninguém nos guiando.

Tomaz assentiu, um sorriso de cumplicidade surgindo em seus lábios. Ambos sabiam que a escola nunca poderia lhes oferecer o que realmente buscavam. O verdadeiro despertar era a liberdade de serem quem eram, de pensarem por si mesmos, de amarem sem restrições, de viverem sem medo. Era um processo, um caminho que agora trilhariam juntos, mas finalmente como indivíduos livres.

Enquanto caminhavam em direção ao centro da cidade, Alice e Tomaz sentiam-se diferentes. Não era apenas o fato de estarem fisicamente longe da escola. Era mais profundo que isso. Pela primeira vez, eles sentiam que estavam deixando para trás não apenas o lugar, mas tudo o que a escola representava — o controle emocional, o medo de errar, a constante sensação de que não eram bons o suficiente. Tudo isso, finalmente, começava a se dissipar.

— Você acha que algum dia eles vão perceber? — Tomaz perguntou, referindo-se aos que ainda estavam presos na escola, como Jean-Louis, Francesca, e tantos outros que eles conheceram ao longo dos anos.

Alice ficou em silêncio por um momento, refletindo. Sabia que muitos dos membros da escola jamais sairiam. A estrutura de manipulação era profunda, e as pessoas lá dentro acreditavam, como ela e Tomaz acreditaram um dia, que estavam no caminho certo. A escola não apenas oferecia um propósito; ela preenchia vazios emocionais e psicológicos, aproveitando-se das vulnerabilidades humanas. Libertar-se exigia um ato de coragem e, para muitos, a ideia de enfrentar o mundo fora da escola era assustadora demais.

— Alguns, talvez, — Alice respondeu, com um tom de melancolia. — Mas a maioria vai continuar lá, presa na ilusão. É assim que eles fazem. A escola não vai deixar que vejam a verdade facilmente.

Tomaz concordou, embora fosse doloroso aceitar que muitos nunca conseguiriam escapar. Contudo, eles sabiam que não podiam mais carregar a responsabilidade por aqueles que escolhessem ficar. Havia feito suas próprias escolhas, e agora era hora de seguir em frente.

Conforme caminhavam, as ruas da cidade se enchiam de vida. Carros passavam, pessoas iam e vinham com suas próprias rotinas. Para Alice e Tomaz, a vida ao redor representava algo novo — uma tela em branco onde podiam pintar suas histórias do jeito que quisessem. Não havia mestres para guiar seus passos, não havia doutrina a seguir. Havia apenas a liberdade e a vontade de descobrir o que vinha depois.

— Parece surreal, — Tomaz disse, observando o movimento da cidade. — Fazer parte disso tudo de novo. Por tanto tempo, sentimos que o mundo lá fora era perigoso, vazio... mas, no fim, quem estava preso éramos nós.

Alice sorriu para ele, sentindo a mesma leveza.

— É verdade. Agora eu vejo que a vida aqui fora é onde realmente temos controle. A escola sempre tentou nos convencer de que eles tinham as respostas, mas a verdade é que as respostas estavam sempre dentro de nós. Eles só queriam que a gente nunca as encontrasse.

Tomaz refletiu sobre aquilo. Ele também se lembrava de como a escola havia implantado neles o medo do mundo exterior. O tempo todo, foram ensinados a acreditar que fora da escola não havia propósito, que tudo o que importava estava dentro das paredes da doutrina. Agora, longe daquela prisão, ele podia ver com clareza o quanto aquela visão era distorcida.

O sol já estava alto no céu quando Alice e Tomaz chegaram a uma praça central. Havia um grupo de músicos tocando ao ar livre, enquanto famílias se reuniam nos bancos ao redor. O som da música, o riso das crianças, a simplicidade das interações humanas... tudo aquilo parecia mágico. Não era um Ideal inalcançável, mas a vida real, cheia de imperfeições e beleza ao mesmo tempo.

— Acho que é isso, — Alice disse, com um sorriso pleno no rosto. — A verdadeira liberdade é isso. Estar aqui, neste momento, vivendo, sentindo, sem medo.

Tomaz sorriu de volta, sentindo a mesma onda de realização. Eles estavam livres. Não da maneira como a escola prometia, mas de uma forma muito mais profunda. Estavam livres para serem quem eram, para errar, para aprender, para amar e, acima de tudo, para viver.

— Sim, Alice. Estamos finalmente livres, — ele disse, com convicção.

E enquanto o som da música enchia o ar, Alice Moreau e Tomaz Ferraz souberam, com toda a certeza, que o que haviam conquistado era mais do que uma simples fuga. Era um novo começo. Um começo onde eles, e só eles, decidiriam o que significava viver. E dessa vez, viveriam de verdade, sem as sombras do passado para assombrá-los.

O sol brilhava alto, e o mundo à sua frente parecia cheio de possibilidades. Alice e Tomaz estavam prontos para explorá-las todas. Juntos.

Alice Moreau e Tomaz Ferraz ficaram em silêncio, sentados na praça, observando a vida ao redor. O ar estava preenchido com o som suave da música e o burburinho tranquilo das pessoas. A praça parecia um símbolo de tudo o que haviam procurado: simplicidade, autenticidade e, acima de tudo, liberdade. Ali, sob o sol brilhante, eles começaram a perceber que o futuro que tanto temiam agora parecia promissor.

— Por que isso nunca parecia possível antes? — Alice perguntou, sua voz suave, mas carregada de reflexão. — Sentir-se assim, tão... livre. Durante tanto tempo, a escola nos fez acreditar que liberdade era seguir o Ideal. Mas agora percebo que nunca estivemos tão longe dela quanto naquele lugar.

Tomaz assentiu, concordando plenamente. Ele se lembrava de como, nas profundezas da escola, cada decisão parecia ter um preço. A “liberdade” prometida sempre vinha com condições, com sacrifícios cada vez maiores que nunca eram suficientes. O Ideal era inalcançável, e, ao perseguir algo que nunca existiria, eles foram se perdendo de si mesmos.

— Eles nos ensinaram a temer o mundo, — Tomaz começou, a voz firme. — **Nos ensinaram que a vida fora da escola era vazia, que não havia verdade aqui fora.

— Eles nos fizeram acreditar que sem a escola estaríamos perdidos, — continuou Tomaz. — Mas agora, vejo que o mundo aqui fora é o oposto do que nos disseram. Não é vazio... é cheio de possibilidades. Nós é que estávamos presos na ilusão de que só o Ideal podia preencher nossas vidas.

Alice olhou ao redor, absorvendo cada detalhe. As cores vibrantes da praça, as pessoas rindo, o som dos músicos tocando em harmonia com a energia da cidade. Nada disso parecia perigoso ou sem sentido, como a escola havia pregado. Pelo contrário, ali, no meio do caos e da imperfeição do mundo real, ela finalmente sentia paz.

— É engraçado, — Alice disse, com um sorriso tranquilo. — Agora, olhando para tudo isso, percebo que a liberdade estava sempre aqui, esperando por nós. Nós só não conseguíamos ver. Eles nos cegaram, nos fizeram acreditar que a liberdade era algo que precisávamos alcançar através deles. Mas, na verdade, ela sempre foi nossa.

Tomaz respirou fundo, sentindo o peso daquelas palavras. Era verdade. Eles sempre tiveram o poder de serem livres, mas a escola fez com que esse poder parecesse fora de alcance.

Alice Moreau e Tomaz Ferraz permaneceram lado a lado, absorvendo a magnitude daquele momento. O peso de anos de manipulação, as dúvidas que carregaram, as batalhas internas, tudo parecia culminar naquele instante. Era como se o silêncio entre eles não fosse mais o eco das sombras da escola, mas sim o espaço para a verdade que, finalmente, estavam prontos para aceitar: eram livres. E sempre foram.

O que a escola tentou roubar deles — a capacidade de serem donos de suas vidas, de suas escolhas, de seus destinos — não havia desaparecido por completo. A jornada para chegar até aquele momento, para recuperar essa liberdade, fora longa e dolorosa, mas agora, sentados naquela praça, sob o sol, Alice e Tomaz sentiam que algo muito maior os aguardava. A vida, em toda a sua complexidade e incerteza, estava diante deles.

— Você está pronta? — Tomaz perguntou, quebrando o silêncio, mas com um sorriso nos lábios.

Alice olhou para ele, o vento suave acariciando seu rosto, e sentiu uma onda de determinação. Pela primeira vez em muito tempo, sabia exatamente o que queria. Sabia que o futuro seria incerto, que haveria desafios, mas nada mais poderia ser pior do que viver preso a uma ilusão.

— Estou, — Alice respondeu com firmeza. — E você?

Tomaz respirou fundo, sentindo a leveza dessa nova vida. Sem mestres para guiar seus passos, sem uma doutrina que ditasse suas escolhas, ele finalmente podia ser quem era — alguém que, ao lado de Alice, construiria algo novo, algo genuíno.

— Mais do que nunca, — ele disse, sorrindo.

Eles se levantaram, de mãos dadas, e caminharam juntos para fora da praça, deixando para trás as cicatrizes de uma vida controlada. Cada passo que davam era um lembrete de que o futuro estava nas mãos deles. Não havia mais a sombra da escola, o medo do “Ideal” ou a necessidade de aprovação de mestres. Havia apenas o presente — e a imensidão das possibilidades à sua frente.

Alice olhou para o céu, o sol brilhando mais forte, iluminando o caminho à frente. Sentia o calor da luz em seu rosto, como um símbolo de um novo começo. O despertar que a escola prometera nunca veio — porque não podia ser dado, só podia ser conquistado. E agora, Alice e Tomaz haviam finalmente despertado, não para um ideal imposto, mas para a realidade de que a liberdade estava dentro deles o tempo todo.

Juntos, saíram da praça e entraram na vida que sempre sonharam. O passado não os definiria mais. A escola, com todas as suas manipulações, havia perdido o controle sobre

eles. A verdadeira liberdade era o que tinham agora — o poder de serem quem sempre foram, sem amarras, sem medo.

E, naquele momento, sob o céu aberto e com o mundo à sua frente, Alice e Tomaz souberam que o futuro, apesar de incerto, era deles para moldar. Uma vida nova, construída a partir de suas próprias escolhas, sem mais ilusões.

Eles finalmente eram livres.

FIM